



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**ENTRE AUSÊNCIAS E SILÊNCIOS NO CLUBE DA MADRUGADA:
UMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA (1950-1960)**

Manaus
2026

ALEXANDRE DA SILVA SANTOS

**ENTRE AUSÊNCIAS E SILÊNCIOS NO CLUBE DA MADRUGADA:
UMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA (1950-1960)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Amazonas, como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Keith Valéria de Oliveira Barbosa

Manaus
2026

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237e Santos, Alexandre da Silva
Entre ausências e silêncios no Clube da Madrugada: uma interpretação histórica (1950-1960) / Alexandre da Silva Santos. - 2026.
162 f. ; 31 cm.

Orientador(a): Keith Valéria de Oliveira Barbosa.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em História, Manaus, 2026.

1. Clube da Madrugada. 2. Literatura no Amazonas. 3. Colonialidade. 4. História e Literatura. I. Barbosa, Keith Valéria de Oliveira. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título

ALEXNDRE DA SILVA SANTOS

ENTRE AUSÊNCIAS E SILÊNCIOS NO CLUBE DA MADRUGADA: UMA
INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA (1950-1960)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Aprovada em: 04/04/2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Keith Valéria de Oliveira Barbosa

Presidente

Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr^a. Claudia Maria de Farias

Membro Titular

Universidade Federal Fluminense - PPGH

Prof. Dr^a. Adriana Angelita da

Conceição

Membro Titular

Universidade Federal de Santa Catarina - PROFHISTÓRIA

Prof. Dr. Arcângelo da Silva Ferreira

Membro Titular

Universidade Federal do Amazonas - PPGh

Prof. Dr. Davi Avelino Leal

Membro Titular

Universidade Federal do Amazonas – PPGH

AGRADECIMENTOS

À família querida, Girlane dos Santos – esposa amada que, entre outras coisas, é o porto, o mar e o barco; Vinicius dos Santos – filho amado, ao qual compreende eventuais ausências; Alicia dos Santos – filha amada, que também entende alguns silêncios expressos por mim.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, instituição que me concedeu a bolsa de estudos, durante quatro anos, essencial para o suporte e auxílio ao pesquisador.

Aos professores e coordenação do PPGH, sempre gentis, solícitos e contribuíram para o meu crescimento acadêmico nesta jornada.

Aos amigos conquistados ao longo deste curso de estudos pelos momentos de discussão teórica, algo que muito contribuiu para o amadurecimento humano.

Às professoras Dr^a Adriana Angelita da Conceição, Dr^a Claudia Maria de Faria, por contribuições na defesa.

À orientadora, Dr^a Keith Valéria de Oliveira Barbosa, ao qual, em particular, tenho muito estima. A todas essas brilhantes historiadoras: gratidão.

Ao professor Dr. Júlio Claudio da Silva por contribuição na qualificação.

Aos professores, Dr. Arcângelo da Silva Ferreira, Dr. Davi Avelino Leal, por integrarem a banca de avaliação deste estudo, tanto na qualificação, quanto na defesa.

Aos meus ancestrais e encantados, que cuidam de mim de um modo que não sei explicar.

RESUMO

Este estudo analisa, em perspectiva histórica e decolonial, as representações sociais e culturais presentes na produção dos escritores do Clube da Madrugada, em Manaus, nas décadas de 1950 e 1960, o período escolhido marca uma fase de transição na capital amazonense: tensões entre projetos de modernização e silenciamentos que expressam a colonialidade do poder, do ser e do saber. Entende a escrita literária como espaço de enunciação, disputa simbólica e produção de sentidos sobre a cidade, seus sujeitos e suas hierarquias, com apoio teórico em Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Enrique Dussel e Frantz Fanon, além de Roger Chartier e Sidney Chalhoub, entre outros autores. Nesse quadro, o Clube da Madrugada é interpretado como um movimento cultural que busca romper com modelos conservadores e renovar a expressão literária da cultura local, mas a atuação também revela limites diante das invisibilidades que marcaram a presença de sujeitos historicamente subalternizados, com destaque para negros e ribeirinhos, o que exige atenção às ambivalências do grupo. Consta enfatizar que a pesquisa mobiliza fontes diversas, como: publicações do próprio Clube, contos, poemas, entrevistas, ensaios, revistas literárias e artigos jornalísticos. Manaus, nesse contexto, está situada em um espaço de representação e debate cultural da época. Indaga, então: De que modo a produção em prosa dos escritores do Clube da Madrugada representou ribeirinhos, negros e outros sujeitos subalternizados em Manaus entre 1950 e 1960, e em que medida essas representações tensionaram ou reproduziram a colonialidade? O argumento central da tese utiliza a noção de desobediência epistêmica literária para interpretar as tensões entre modernidade, escrita de insurgência que nos conduz à denúncia das colonialidades em Manaus. Logo, compreende que o Clube da Madrugada foi importante para a renovação estética, todavia herdou as dinâmicas epistêmicas de seu tempo.

Palavras-chave: Clube da Madrugada; Literatura no Amazonas; Colonialidade; História e Literatura.

ABSTRACT

This study analyzes, from a historical and decolonial perspective, the social and cultural representations present in the writings of the authors of the Clube da Madrugada in Manaus during the 1950s and 1960s, a period chosen because it marks a transitional phase in the Amazonian capital, shaped by tensions between modernization projects and silences that express the coloniality of power, being, and knowledge. It understands literary writing as a space of enunciation, symbolic struggle, and the production of meanings about the city, its subjects, and its hierarchies, drawing on the theoretical contributions of Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Enrique Dussel, and Frantz Fanon, as well as Roger Chartier and Sidney Chalhoub, among other authors. Within this framework, the Clube da Madrugada is interpreted as a cultural movement that sought to break with conservative models and renew the literary expression of local culture, but its activity also reveals limits in the face of the invisibilities that marked the presence of historically subalternized subjects, especially Black people and riverine communities, which calls for attention to the group's ambivalences. It is worth emphasizing that the research mobilizes diverse sources, such as publications produced by the Clube itself, short stories, poems, interviews, essays, literary magazines, and journalistic articles. Manaus, in this context, is situated as a space of representation and cultural debate in the period under study. The guiding question is: How did the prose production of the writers of the Clube da Madrugada represent riverine people, Black people, and other subalternized subjects in Manaus between 1950 and 1960, and to what extent did these representations challenge or reproduce coloniality? The central argument of the thesis uses the notion of literary epistemic disobedience to interpret the tensions between modernity and an insurgent form of writing that leads to the denunciation of colonialities in Manaus. It therefore understands the Clube da Madrugada as important for aesthetic renewal, yet still shaped by the epistemic dynamics of its time.

Keywords: Clube da Madrugada; Literature in the Amazon; Coloniality; History and Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da Revista <i>Madrugada</i>	48
Figura 2 – Capa da 1ª edição de <i>Mundo Mundo Vasto Mundo</i>	79
Figura 3 – Capa da 1ª edição de <i>Mundo Mundo Vasto Mundo</i>	131

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Auxílio Oficial do Município para o Clube da Madrugada.....	31
Imagem 2 – Moradias em flutuantes.....	36
Imagem 3 – A cidade, prima da outra flutuante, aguarda a cheia do rio.....	42
Imagem 4 – Arthur Engrácio.....	73
Imagem 5 – Anstístenes Pinto.....	74
Imagem 6 – Anísio Mello.....	74
Imagem 7 – Luiz Bacellar.....	75
Imagem 8 – Carlos Gomes.....	78
Imagem 9 – Rua Inácio Guimarães, Educandos-Manaus, 1961.....	80
Imagem 10 – Francisco Vasconcelos e alguns escritores do Clube da Madrugada.....	97
Imagem 11 – Nestor Nascimento.....	123
Imagem 12 – Quando 1 realizado pelo ISER (1988).....	127
Imagem 13 – Sebastião Norões.....	135
Imagem 14 – Logomarca do Suplemento Madrugada (1961-1963).....	143
Imagem 15 – Poema de Antísthenes Pinto.....	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As tensões no-do Clube da Madrugada (1950).....	94
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – TECENDO DIÁLOGOS: O PENSAMENTO DECOLONIAL NA RELAÇÃO HISTÓRIA E LITERATURA.....	26
1.1 O Pensamento Decolonial, História e Literatura em Manaus (1930-1960).....	28
1.2 História e Literatura: vozes decoloniais, a partir do Clube da Madrugada.....	44
1.3 O Pensamento Outro para a interpretação histórica de Manaus (1950-1960).....	53
CAPÍTULO II – O CLUBE DA MADRUGADA E A DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA LITERÁRIA (1950-1960).....	70
2.1 Autoria para o pensamento decolonial: estatuto, bibliografia, silêncio sobre as identidades dos clubistas.....	77
2.2 A Literatura do Clube da Madrugada e a Invisibilidade das Vozes Negras.....	90
CAPÍTULO III – CONTINUIDADES E RUPTURAS A PARTIR DO CLUBE DA MADRUGADA.....	113
3.1 Clube da Madrugada entre dinâmicas culturais e invisibilidades.....	114
3.2 O Suplemento Madrugada (1961): representações ou reflexos das dinâmicas culturais de Manaus (1960).....	133
CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E DECOLONIAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	154

INTRODUÇÃO

O advento da Modernidade trouxe para a América Latina, o continente africano e a Ásia, a experiência do colonialismo, bem como um projeto global de imposição de um padrão de poder estabelecido pela Europa. Nesse cenário, a partir do século XIX, a influência dos EUA no continente latino-americano contribuiu para a ampliação e a manutenção desse impositivo. E desse processo resultou inúmeras formas de violência contra as experiências no Sul Global, que são amplamente conhecidas como colonialidade pelos estudos decoloniais.

Diante dessa observação, este estudo fundamenta as suas investigações e interpretação histórica a partir dos apontamentos de Aníbal Quijano, haja vista que nos apresenta a ideia de que a colonialidade é um padrão baseado nas práticas do Sistema Colonial, porque refere-se a pensar na relação estrutural que se estabeleceu de dominação e exploração em diversas dimensões (social, cultural, política, epistêmica, econômica, artística) de uma população determinada que subalterniza e outra que é subalternizada¹.

Esse movimento visa compreender, também, como a colonialidade - tema que será melhor abordado e conceituado - naturalizou e subalternizou padrões de comportamentos e códigos de conduta na sociedade manauara das décadas de 1950 a 1960, em um momento histórico da região, ao qual a narrativa hegemônica disseminada por uma elite econômica e letrada local, consistia no desenvolver a região por meio da industrialização do estado do Amazonas. Todos esses elementos, observados a partir de parte da produção e visão de mundo dos escritores do Clube da Madrugada (1954-1960).

A questão central que norteia este estudo é: De que modo a escrita clubista representou as populações amazônicas, vistas sob a ótica do outro como sujeitos subalternizados, ou melhor, até que ponto essa representação constituiu denúncias à colonialidade? Logo, defendemos a ideia de que parte da produção em prosa do Clube da Madrugada (1950-1960) propõe a desconstrução de uma mentalidade cujos valores eram considerados conservadores, por parte de uma sociedade com perceptíveis diferenças sociais, econômicas e culturais.

¹QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

Nisso, convém destacar que, ao longo da tese, a documentação a ser utilizada evidencia tensões acerca de quem é o ribeirinho, sobretudo aquelas que produziram uma narrativa oficial voltada à formação de um imaginário social, regulando o sentido da subalternidade atribuído a esse sujeito. Tudo isso para ser problematizado da seguinte maneira: os escritores do Clube da Madrugada procuraram tematizar o universo discursivo e espaço de criação literária do ribeirinho, mas não consideraram que ele integra também o afro-amazônico e, por assim dizer, revela-nos a limitação de atuação do Clube, dentro do que chamamos de escrita de insurgências que leva às colonialidades.

Dessa forma, ainda que os escritores não fossem decoloniais, interessa-nos as dinâmicas e o movimento de insurgência que tomaram, a partir do ano em que o Clube surgiu, em novembro de 1954, até os antecedentes do início da Ditadura Civil-Militar no Brasil, em 1964. A compreensão desse aspecto está fundamentada em relações interdisciplinares e vai ao encontro da afirmação de Hilton Japiassu, a saber: “Isso nos levará à interpretação global da existência humana²”. Desse modo, a tese pretende contribuir para o desenvolvimento de uma crítica acerca do papel e da influência do homem no mundo, haja vista que busca promover uma reflexão profunda sobre as estruturas de poder, as hierarquias sociais e as relações coloniais que ainda moldam a forma como compreendemos o mundo.

Convém, a partir de tais observações, destacar que a minha própria trajetória como sujeito amazônico e historiador afroameríndio, advém de um percurso de estudos sobre a relação história e literatura para compreensão de questões que abordam o imaginário, a identidade, a subjetividade, o imagético, as relações de sociabilidade, socioculturais, no âmbito acadêmico. Esse entendimento de afroameríndio é oriundo de minha ancestralidade, de um lado; e, de outro, por um posicionamento assumido por vínculo de cosmologias indígenas e africanas que constituem minha identidade e subjetividade, demarcadas desde a adolescência em terreiro de umbanda, ou ainda, em estudos no campo da história, na área dos estudos africanos.

Em outras palavras, esse aspecto percorre também de minha formação acadêmica inicial, que é oriunda da área de Letras, com ênfase em pesquisa e estudos mais dedicados às discussões da literatura, em 2004, na Universidade do

²Japiassu, 1976, p. 29

Estado do Amazonas, o qual obtive continuidade no mestrado em estudos literários, no período de 2016 a 2018, na Universidade Federal do Amazonas.

Na graduação em Letras, Língua Portuguesa, eu passei a ter maior interesse na produção literária que se realiza no Amazonas. Como resultado, realizei meus primeiros passos na formação como cientista e, por assim dizer, na crítica literária, na participação de projetos de iniciação científica que visavam realizar o levantamento de elementos de estética e estilística de textos e composições artistas de escritores no Amazonas, sob a orientação do professor Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo. Como efeito, obtive a minha primeira experiência de crítica literária, a partir de apontamentos por mim realizado sobre o poeta Octávio Sarmiento, no livro *Trilhas da Literatura Amazonense*³, que foi aprofundada posteriormente para a realização do mestrado em estudos literários, na pós-graduação em Letras, em 2016.

Naquele período, comecei a transitar e a conhecer os escritores, dos consagrados aos que estavam no processo inicial de formação, como também os coletivos literários, a agenda literária e cultural letrada de Manaus, tudo isso no período de 2004 a 2008. Não à toa, nesse percurso conheci os poetas Jorge Tufic, Luiz Bacellar, Elson Farias e Thiago de Mello, todos integrantes do movimento Clube da Madrugada, sujeito central desta pesquisa de doutorado em História – destacarei esse aspecto mais adiante, nos capítulos.

Nesse meio tempo, cumpre ainda mencionar que, como escritor em formação, conheci outros escritores, integrantes da Academia Amazonense de Letras e a geração atual de críticos literários, casos do professor que foi meu orientador na graduação, do Zemaria Pinto e do Tenório Telles. Esses três me conduziram a eventos literários como as “Quartas Literárias”, Livraria Valer, evento que reunia todos que gostassem de discutir literatura, escritores ou não, estudantes ou não, para conhecer, ou mesmo, aprofundar os conhecimentos e informações acerca da produção literária que se produzia no Amazonas até aquele momento. Nesse contexto, passei a integrar e participar da formação do Clube Literário do Amazonas – CLAM, a partir de 2004, no qual tive a oportunidade de aprender sobre o exercício

³ O poeta Octávio Sarmiento e o seu poema, intitulado “A Uiara”, entre outros poemas, foi descoberto pelo escritor Zemaria Pinto, o qual me apresentou o texto e aquele, em um livro organizado, nomeado: *A Uiara e outros poemas*, em 2007, a saber: SARMENTO, Octávio Sarmiento. *A Uiara & outros poemas*. Organizado e estudo de texto por: Zemaria Pinto. Manaus: Editora Valer, 2007. O livro que menciono minha experiência é: SANTOS, Alexandre da Silva Santos. O poeta da Uiara. In: ALEIXO, Marcos Frederico Kruger (Org). **Trilhas da Literatura Amazonense**. BK Editora: Manaus, 2008, p. 17-23

da escrita literária com acadêmicos da Academia Amazonense de Letras e daqueles que coordenavam e movimentavam as “Quartas Literárias”.

Em 2006, publiquei um livro de poemas, intitulado *As três elegias*⁴, livro de formação que recebeu uma boa recepção, com destaque a voto de aplauso pelo, então, à época, Senador da República pelo Estado do Amazonas, Arthur Ferreira Virgílio Neto. Como resultado, com o avanço de influência do CLAM, que claramente tinha uma influência no legado do Clube da Madrugada (1954-1985), estava presente em eventos literários da cidade declamando poemas e falando de literatura, o que foi materializado no livro do grupo, intitulado: *A quinta estação*⁵.

Todavia, era preciso também sobreviver nas dinâmicas de uma sociedade neoliberal do início dos anos 2000; passei, então, a exercer a docência como professor de literatura nas escolas Martha Falcão e IDAAM, à época, instituições educacionais que configuravam um quadro de destaque, com outras escolas, na capital amazonense. Aqui registro a memória do poeta e professor, integrante da Academia Itacoatiarense de Letras, Francisco Calheiros, a quem me acolheu e integrou na escola Martha Falcão.

Naquele cenário, fui percebendo que, quanto mais conhecia sobre literatura e sendo apresentado ou conhecendo escritores e coletivos, fui observando que a presença, de prestígio, ao longo da história da produção cultural letrada no Amazonas, regulava um silêncio quanto à presença da autoria negra, o que me indagou a pesquisar e estudar a historiografia literária local.

Esse movimento, anos mais tarde, em 2014, levou-me à Universidade Federal do Amazonas, sobretudo a desejar cursar o mestrado em Letras, nos estudos literários e a cursar a graduação em História, a fim de que pudesse me apropriar melhor sobre a história do Amazonas. Com efeito, em 2015 fui aluno especial na disciplina de “Literatura no Amazonas”, no ano de 2014, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da instituição mencionada, conduzida por aquele que seria o meu futuro orientador de mestrado em Letras, o professor Dr. Carlos Guedelha, que recebeu boa parte de sua formação dos ensinamentos do professor Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo, um coerente cruzamento de trajetórias.

⁴SANTOS, Alexandre da Silva. **As três elegias**. Bk Editora: Manaus, 2006.

⁵TELLES, Tenório; CASTRO, Nelson. **A quinta estação**: antologia do CLAM – Clube Literário do Amazonas. Editora Valer: Manaus, 2009.

Prosseguindo, em 2015, fui aluno especial no Programa de Pós-Graduação em História, na disciplina: “História Cultural”, conduzida pelos professores: Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior, a Dr^a. Katia Cilene do Couto, o Dr. Sínval Carlos Mello Gonçalves. Fui por esse caminho, também, porque sentia a necessidade de argumentar melhor o que sabia de literatura, bem como tinha a pretensão de cursar História, como já mencionado.

O mestrado em Letras produziu a dissertação: *Uma poética amazônica: estudo do poema "A Uiara", de Octávio Sarmiento*⁶ e fundamentou-se em uma historiografia como: Rodolfo Theóphilo⁷, Neto Hélio Pova⁸, Franciane Gama Lacerda⁹ e outros historiadores e críticos literários, para interpretar os processos históricos relacionados à economia da borracha, na temporalidade de 1877 a 1920, bem como o que se produziu de literatura, à época.

Durante as interpretações, destacou-se das leituras que o Amazonas viveu, no boom da borracha, uma fase econômica de encantos e dificuldades para grupos populacionais que saíram do Nordeste brasileiro; enfim, experiências dramáticas, algo que o escritor Euclides da Cunha¹⁰ personificou na frase: “Excomungados da própria espécie”, expressão utilizada no conto “Judas Asverus”. Assim, ao fazer uso de procedimentos de investigação da Representação na literatura, na perspectiva dos estudos da metáfora de Lakoff e Johnson¹¹, sobretudo em diálogo com autores como Paul Ricoeur¹², Neide Gondim¹³ e do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr¹⁴, percebi que o cenário de grupos populacionais oriundos do Nordeste brasileiro, proporcionou a leitura de um lugar – o Amazonas – mergulhado em experiências

⁶SANTOS, Alexandre da Silva Santos. **Uma poética amazônica: estudos do poema “A Uiara”, de Octávio Sarmiento**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas, 2018.

⁷THEÓPHILO, Rodolfo. **História da seca no Ceará 1877-1880**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

⁸PÓVOA, Neto Hélio. Migrações internas e mobilidades do trabalho no Brasil atual: novos desafios de análises. In: HEIDEMANN2, Heinz Dieter; SILVA, Sidney Antônio (Orgs). **Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. São Paulo: Humanitas, 2007.

⁹LACERDA, F G. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). **Revista Brasileira de História**, vol.26 n.51, 2006, p.197-225

¹⁰CUNHA, Euclides da. Judas Ashverus. In: CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. 4ª ed. São Paulo: Martins, 1999.

¹¹LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002. Trad. Maria Sophia Zanatto.

¹²RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

¹³GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

¹⁴ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nordestino, uma invenção do falo, uma história do gênero masculino (Nordeste 1920 1940)**. Maceió: Catavento, 2003.

dramáticas por conta das condições de trabalho e vulnerabilidade ao qual foram submetidos, chamada por Mario Ypiranga Monteiro de “Infernista” e levada ao extremo dos significados por Alberto Rangel¹⁵, no livro: *O inferno Verde*. Escritor, aliás, discípulo de Euclides da Cunha.

Após compreender a representação que o poeta Octávio Sarmiento realizou, o entendimento me ajudou a interpretar que o Amazonas do período da borracha foi, também, produto de uma narrativa histórica que revelou a ilusão do fausto, de um lado; como também interesses de mercado que ceifaram várias vidas dos retirantes da seca. Como resultado, passei a conhecer mais sobre a historiografia dos processos de mobilidades e deslocamentos de outros grupos populacionais, partindo dos retirantes da seca - em especial os cearenses - no período de 1877 a 1920, até outros grupos que foram subalternizados no Amazonas, no primeiro quartel do século XX, o que incluiu as dinâmicas do cotidiano de ribeirinhos¹⁶, ou seja, os sujeitos que estão periféricos por uma imposição da Modernidade-colonialidade.

Prosseguindo, nos semestres que antecederam a defesa do mestrado em Letras, em 2017, conheci a professora Dr^a Keith Valéria de Oliveira Barbosa, que era orientadora de minha esposa, Girlane Santos da Silva, que cursava Licenciatura em História (2015-2020), na Universidade Federal do Amazonas. Novamente percursos entrecruzados.

A professora Dr^a Keith Valéria de Oliveira Barbosa coordenava o seu grupo de pesquisa, nomeado à época como: Grupo de Estudos Africanos – GEA e passei a participar das reuniões, em um primeiro momento, para aprender as discussões sobre a historiografia africana produzida em África e a partir de África.

Naquele período de 2017 mencionado, em uma reunião do GEA, a prof^a Keith me fez o convite para eu tentar o mestrado em História, como já conhecia alguns professores e outras pessoas da área, fiz a seleção, fui aprovado e passei a ser aluno regular do mestrado em História, agora com pesquisa nos estudos africanos, abordando, na relação da História com a Literatura, a produção do escritor (1940-1960) angolano José Luandino Vieira, período em que Angola se organizava e lutava pelo seu processo de independência, frente a Portugal, na década de 1960.

¹⁵RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 6ª ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

¹⁶ Entendemos na tese a questão do ribeirinho como grupos populacionais amazônicos que vivem sob o regimento das águas, com saberes, dinâmicas e experiências próprias. Nesses grupos, encontramos afrodescendentes ou o sujeito conhecido como caboclo.

Cursei o mestrado em História no período de 2018 a 2020. E a professora Dr^a Keith Valéria de Oliveira Barbosa foi a minha orientadora. Daquela experiência produzi a dissertação: *A exclusão social nos musseques de Luanda, em José Luandino Vieira (1950-1960)*, defendida em 2020, na Universidade Federal do Amazonas. Ela teve como lugar de investigação a capital de Angola, Luanda, das décadas de 1940 a 1960, sob a interpretação das premissas da História Cultural em abordagem dos Estudos Africanos, sobretudo a partir dos apontamentos da Representação, conforme os apontamentos de Roger Chartier¹⁷.

Diante daquele cenário foi observado que, na década de 1950, houve o crescimento de movimentos sociais e políticos na capital angolana, eles demonstraram intensa insatisfação com as práticas coloniais, sobretudo por conta da situação de precariedade do trabalho, da estrutura urbana, de comportamentos racistas praticados aos que eram do país africano, isso da parte de portugueses que ali se estabeleceram no setor militar; como também oriundo de portuários, latifundiários e de uma elite europeia estabelecida no comércio local angolano. Logo, as considerações de historiadores como Washington Nascimento¹⁸, Rogério Guimarães¹⁹, Marcelo Bittencourt²⁰, contribuíram para construção de uma interpretação histórica a respeito das práticas de mobilidade e deslocamento que ocorreram especialmente em Luanda. Após o mestrado, então, cursei a graduação em História. Embora as experiências fossem específicas, percebi alguns pontos de contatos com o observado no mestrado em estudos literários.

A partir dessa trajetória, interpretar e compreender as condições de possibilidades e horizonte de expectativas de parte da produção do Clube da Madrugada, significou compreender que tal movimento oportunizaria leituras plurais nas dinâmicas sociais e culturais da sociedade manauara dos meados do século XX e, pela minha mobilidade na vida literária local, observava com maior clareza que alguns elementos ainda estariam presentes no século XXI.

¹⁷CHARTIER, Roger. **A história Cultural – entre prática e representações**. Rio de Janeiro: Memórias e Sociedade, 1990.

¹⁸NASCIMENTO, Washington Santos. **Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)**. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2013.

¹⁹GUIMARÃES, Rogério da Silva. **Musseques de Luanda: Duplos olhares**. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

²⁰BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. *In*: FERREIRA, Norberto (Org). **A questão nacional e a tradição nacional-estatística no Brasil, América Latina e África**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

Urge destacar que, no final do mestrado em História, a humanidade passaria pelos efeitos dramáticos de uma pandemia: a Covid19. Mais à frente, então em 2021, consegui a aprovação para o doutorado em História e enfatizo que fundei, ao lado de outra historiadora, a Girlane Santos da Silva, naquele período, um grupo de estudos que tinha, na abordagem histórica, decolonial e educacional, tratar de questões nessas áreas com outros acadêmicos, professores da educação básica e do ensino superior, materializado no Grupo de Estudos Decoloniais na História, na Educação e na Literatura produzida no Amazonas – GEHEL. Grupo que, entre outras coisas, também tinha e tem o objetivo de acolher e proporcionar o protagonismo a escritores e coletivos literários que estavam em formação, buscavam visibilidade, precisavam da mediação em cenários da literatura local. Passamos a coletar documentação valiosa, publicar estudos e escritores e a resistir a um cenário de negacionismo e polarização política que atravessou o Brasil no intervalo de 2018 a 2022.

Consta ainda registrar que, por meio de tal experiência, obtive acesso às discussões que envolvem temáticas indígenas, outro grupo de subalternos ao longo da história na América Latina, o Grupo de Estudos e Pesquisas Étnico-Políticas Histórico Educacional – GEPEPHE, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Nessa premissa, as experiências obtidas no campo acadêmico, literário e em parte de minha trajetória pessoal, possibilitaram que eu pudesse, por meio do pensamento decolonial, questionar a supremacia e a universalidade do conhecimento produzido pelo Ocidente e a buscar a valorizar outras formas de conhecimento e perspectivas epistemológicas historicamente marginalizadas e silenciadas, em especial presentes em Manaus (1950-1960).

Nesse intuito, observamos o contexto de produção dos escritores e obras selecionadas do Clube da Madrugada, que serão apresentados mais à frente, com base nos apontamentos de Roger Chartier, José d'Assunção Barros e João Paulo Borges Coelho, também considerando os pressupostos de Sidney Chalhoub, quanto ao debate sobre as relações entre História e Literatura.

Diante dessas observações iniciais, a tese possui como título: “Entre ausências e silêncios no Clube da Madrugada: uma interpretação histórica (1950-1960)”. Trata-se de averiguar a presença da colonialidade do poder, do ser e do saber, presentes nas relações de sociabilidade da sociedade manauara quanto às questões culturais presentes no recorte mencionado, para estabelecer um pensamento Outro quanto a

uma epistemologia que fundamenta um padrão de poder historicamente regulado nas práticas sociais e culturais, na segunda metade do século XX em Manaus.

Por seu turno, a temática da investigação advém de uma demanda por interpretação outra de Manaus (1950-1960) que vivenciava tensões quanto à mobilidade urbana, ao desenvolvimento urbano, como também a um novo paradigma da vida cultural e social observado pelos efeitos positivos do movimento lítero-cultural conhecido como Clube da Madrugada, fundado em novembro de 1954. Isto é, havia uma geração posicionada em setores da política, economia e cultural que observava que a manutenção das dinâmicas do padrão gomífero, ainda presentes em meados dos anos 1940 e 1950, impedia o Amazonas de se integrar à narrativa do desenvolvimento industrial do período do Vargas, ou ainda, nos governos Juscelino Kubitschek.

Nessa perspectiva, nosso entendimento por produção de autoria negra, advém dos apontamentos do crítico literário Eduardo de Assis Duarte²¹ a respeito da voz autoral desse escritor, ou ainda, do preto como personagem ou tema na história da literatura brasileira, da compreensão de que ainda há uma enorme produção literária que produz no repertório literário nacional a ficcionalização de um preto coadjuvante, sensual, vilão, ou ainda reflexo de entendimentos estereotipados.

É relevante salientar a limitada representação de negros ou autoria negra na produção do Clube. Esta lacuna, impulsionada pela perspectiva decolonial, de nossa parte, para produzir uma interpretação outra da História, nos convoca a reavaliar o significado subjacente. Nisso, tomamos como uso ao longo da tese dos argumentos de Sandra Pesavento²² e Sidney Chalhoub²³, para a compreensão de cenários criados pelos clubistas quanto a essas características, às dinâmicas de entendimento que se pode ter da literatura, no que tange o social e o cultural.

²¹DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v.6, n.2, p.146-153, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/download/16787/10936/> Também no texto "Literatura afro-brasileira: um conceito em construção", de 2008, do mesmo autor, disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231171186.pdf>

²²PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org). **História e Literatura: Identidades e Fronteiras**. Uberlândia: EDUF, 2006.

²³CHALHOUB, Sidney. Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães (Org.). **Pensadores negros - Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2020.

Diante dessa observação, estabelecemos um diálogo com Gayatri Spivak²⁴, para compreender melhor a subalternidade e o subalterno, no movimento de interpretação da atuação dos clubistas, ou seja, como se expressavam e representavam em textos literários, jornalísticos. Além disso, tomamos uso de Frantz Fanon²⁵ e Albert Memmi²⁶ para apreender a violência produzida, herança da colonização ao longo de mais de três séculos, a partir de um padrão epistêmico oriundo da Modernidade-colonialidade.

Por seu turno, nosso objetivo geral é produzir uma análise histórica e decolonial da produção em prosa de membros do movimento cultural e literário Clube da Madrugada, no período de 1950 a 1960. Em seguida, como objetivos específicos, realizar uma leitura dos processos históricos que antecederam as produções em prosa do Clube da Madrugada, à luz da Teoria Decolonial; investigar a presença da colonialidade para estabelecer a interpretação da decolonialidade na produção em prosa desses escritores; ou melhor, compreender as condições de possibilidades do texto da literatura, ao que se refere à história de Manaus, no período de 1954 a 1960 e discutir o protagonismo de grupos subalternizados na história da literatura no Amazonas.

Esses objetivos foram interpretados a partir da ideia de Modernidade em Enrique Dussel, sobretudo na relação com o eurocentrismo²⁷, haja vista que a ideia primeira de Modernidade é eurocêntrica, isto é, consiste em “uma emancipação, uma saída da imaturidade por um esforço da razão do processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser-humano²⁸”. Isto é, porque será visto que o projeto cultural que o Clube da Madrugada estabeleceu, nos padrões estéticos de Modernidade, o seu fundamento, entre tensões com a colonialidade.

Diante dessas inquietações, a literatura de ficção utilizada como fonte primária da tese, ocorre a partir das obras dos clubistas²⁹: *Mundo, mundo, vasto mundo*, de Carlos Gomes (1966), *O palhaço e a rosa*, de Francisco Vasconcelos (1963), Arthur

²⁴SPIVAK, Gayatri C. Estudios de la Subalternidad. In: **Estudios postcoloniales**. Ensayos fundamentales, 2008.

²⁵FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

²⁶MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁷DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e Eurocentrismo**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

²⁸Dussel, 2005, p. 28

²⁹Escritores do Clube da Madrugada.

Engrácio, em *Histórias de submundo*, publicado em 1960, entre outros textos de outros clubistas. Além disso, revistas, documentos oficiais, entrevistas compõem a premissa essencial documental da pesquisa, como também a historiografia local que trata do período da década de 1940 a 1960.

A escolha dessas fontes ocorre porque entendemos que há narrativas que denunciam diversas experiências dramáticas de pretos, ribeirinhos ou indígenas vivenciadas em um período de implementação de projeto desenvolvimentista para a região. Ademais, ao visualizarmos os entornos do Clube da Madrugada, partimos da publicação do Diário Oficial do Estado do Amazonas, de 20 de dezembro de 1961. Trata-se de um documento que significa o reconhecimento oficial, documental, da parte do Estado, em relação ao Clube como movimento cultural, a partir da publicidade do “Estatuto do Clube da Madrugada”.

Com efeito, temos o primeiro capítulo da tese, intitulado: “Tecendo diálogos: o pensamento decolonial na relação História e Literatura”. O capítulo está fundamentado nos pressupostos de Aníbal Quijano³⁰, Walter Mignolo³¹, José d’Assunção Barros³², Ramón Grosfoguel³³, Frantz Fanon³⁴ e João Paulo Borges Coelho³⁵.

Quanto ao corpo documental utilizado, partimos de textos dos clubistas: Arthur Engrácio, Francisco Vasconcelos, relatos de Anísio Mello, no intuito de compreender o contexto ilustrado pela revista *Manchete* (1955-60), ou ainda, o *Diário Oficial do Estado do Amazonas*, de 1963. E, na revista mencionada, com o título de matéria e imagens: “Uma cidade no igarapé³⁶”; a reportagem: “A ‘exótica’ cidade flutuante de

³⁰QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009

³¹MIGNOLO, Walter. A desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 9-44, 2008. MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2021. MIGNOLO, Walter. **The idea of Latin America**. Oxford: Blackwell, 2005.

³²BARROS, José D’Assunção. Novas Interdisciplinaridades. In: BARROS, José D’Assunção. **Seis desafios para a Historiografia do Novo Milênio**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

³³GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Periferia**, v.1, n.2, jul/dez, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3428/0>

³⁴FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

³⁵COELHO, João Paulo Borges. “Escrita Acadêmica, Escrita Literária.” In: RIBEIRO, Margarida Calafete; MENESES, Maria Paula. **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

³⁶Disponível em: <https://idd.org.br/reportagens/manaus-uma-cidade-flutuante/#primary>

Manaus, realizada pelo Instituto Durango Duarte³⁷; o “Estatuto do Clube da Madrugada”, publicado em 1961³⁸ no *Jornal do Commercio*. Neste jornal, a “Magazine” (segunda seção), o poema “Libertinagem”, de 15 de janeiro de 1950³⁹, como também o *Jornal do Commercio* de 15 de janeiro de 1950, página 5⁴⁰.

Faz uso também de textos literários como: “João Pretinho”, de Arthur Engrácio; “O menino e a lei”, de Francisco Vasconcelos, presentes, respectivamente, nos já mencionados livros. O escopo da revista nº 9 da Academia Amazonense de Letras, e o acervo imagético do Instituto Durango Duarte sobre Manaus das décadas de 1950 e 60, além de artigos jornalísticos do *Jornal do Commercio*, *Diário da Tarde*, e a revista *Manchete* também constituem a documentação acerca das dinâmicas socioculturais de Manaus; por fim, entrevistas de Arthur Engrácio e Alencar e Silva, ambos os dois escritores do Clube da Madrugada.

Logo, o propósito do capítulo é situar teórico e metodologicamente a leitura do Clube da Madrugada como um objeto histórico e literário, mostrando como o pensamento decolonial ajuda a interpretar suas representações, seus silêncios e suas tensões com a colonialidade em Manaus (1950-1960).

Prosseguindo, o segundo capítulo, intitulado: “O Clube da Madrugada e a desobediência epistêmica literária”, consiste em analisar parte da produção de ficção e contexto de produção clubista, a partir das tensões sociais e culturais das décadas de 1950 e 60, em especial seus objetivos de modernização e a presença de estruturas de exclusão e de invisibilidade presente na visão de mundo do Clube, como dinâmicas herdadas de um padrão epistêmico da Modernidade-colonialidade.

Adotamos como corpo documental para essa seção textos da obra *Mundo mundo vasto mundo*, de Carlos Gomes, publicado em 1966; *O Palhaço e a rosa*, de Francisco Vasconcelos, de 1963; o “Estatuto do Clube da Madrugada”, de 1961; edições da década de 1950 e 60 do *Diário Oficial do Amazonas*, *Jornal do Commercio*, *A Gazeta*, além de entrevistas concedidas de clubistas como Arthur Engrácio, Luiz

³⁷Disponível em: <https://idd.org.br/reportagens/exotica-cidade-flutuante-de-manaus2//#primary>

³⁸DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS. Publicações Diversas. **Estatutos do Clube da Madrugada**. 4ª feira, 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <https://diario.imprensaoficial.am.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1818#/p:3/e:1818?find=clube%20da%20madrugada>

³⁹JORNAL DO COMMERCIO. **Magazine (Segunda seção). Poema “Libertinagem”**. 15 de janeiro de 1950. p.4 Disponível em: *Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 - DocReader Web (bn.br)*

⁴⁰JORNAL DO COMMERCIO. **Obras titânicas desenvolvidas pelo Serviço Rodoviário**. 15 de janeiro de 1950. p.5 Disponível em: *Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 - DocReader Web (bn.br)*

Bacellar, Jorge Tufic, Antísthenes Pinto e Anísio Mello ao artista plástico Aníbal Turenko, bem como documentos iconográficos disponíveis no acervo do Instituto Durango Duarte, ou ainda, a revista produzida por esses escritores chamada de *Madrugada*, em 1955.

A partir disso, por meio da aplicação da categoria “desobediência epistêmica literária”, como uma interpretação nossa dos pressupostos de Aníbal Quijano, Walter Dignolo e Ramón Grosfoguel, poderemos apreender o que foi, na produção clubista: representação, silenciamento, da autoria ou presença negra. dentro do movimento; em singular, observando também os apontamentos de Gayatri Spivak⁴¹ e Sandra Pesavento⁴².

Prosseguindo, temos como terceiro capítulo: “Continuidade e rupturas a partir do Clube da Madrugada”, que procurará apreender, nas dinâmicas culturais, literárias e raciais em Manaus (1950 a 1970), como a produção, a percepção de mundo clubista refletiu, identificou ou realizou contrapontos quanto a ausência de escritores negros no cenário sociocultural local presente nos espaços de sociabilidade e mobilidade da capital amazonense, onde transitavam um grupo geracional que consumia Arte e Literatura, ou seja, o entorno da Academia Amazonense de Letras, a Praça Heliodoro Balbi, o Colégio Estadual e o Teatro Amazonas. Adotamos, ainda, como corpo documental, a revista *Madrugada*, o *Suplemento Madrugada* (1961-1962), edições do período de 1960 a 1980 do jornal *A crítica*, entrevistas de clubistas como: Anísio Mello, Aloysio Nogueira e Luiz Bacellar ao historiador José Vicente de Souza Aguiar, relatos do jornalista Durango Duarte sobre o rádio em Manaus, o periódico *Voz Negra* (1953), o *Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil* (ISER, 1988), como também os textos literários: “O ajudante de caminhão”, de Francisco Vasconcelos e o poema de Antísthenes Pinto, publicado em 3 de julho de 1961, no Suplemento Madrugada.

Interpretamos ainda que o lugar de expressão cultural do Clube da Madrugada estava localizado nas periferias do sistema mundial⁴³, porque ele integrava uma

⁴¹SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? In: LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (Org.). **A política e o lugar da teoria**. Tradução de Sandra Vasconcelos. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 287–311.

⁴²PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: reflexões sobre o lugar da literatura na pesquisa histórica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 97–117, 2004.

⁴³ Para aprofundar essa questão, ver: WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org). **Teoria social hoje**. São Paulo: ed: UNESP, 199. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239107/mod_resource/content/0/WALLERSTEIN%2C_I._An%C3%A1lise_dos_sistemas_mundiais%20%281%29.pdf

operação de possibilidades que sinaliza para uma centralidade imposta da história única: a europeia, que será discutida ao longo da tese. Nesse quadro, houve uma ausência de escritores pretos produzindo literatura de ficção no Clube da Madrugada, até o momento de investigação desta tese, ainda não registrados.

Nesse percurso, entender as ausências e silêncios no Clube da Madrugada: uma interpretação histórica (1950-1960), aqui compreendido como um movimento cultural que buscou romper com modelos conservadores e procurou renovar a expressão literária da cultura local, significa interpretar que tal aspecto reside no reconhecimento de uma estrutura que integra processos de longa duração, ou seja, padrões culturais e epistêmicos articulados a uma colonialidade do saber, ser e poder, em um regime de visibilidades que decide ainda, por décadas, quais autores são lidos e publicados, sobretudo por setores da sociedade detentores de produção e compartilhamento de conhecimento e dinâmicas culturais aceitas como legítimas.

1 - TECENDO DIÁLOGOS: O PENSAMENTO DECOLONIAL NA RELAÇÃO HISTÓRIA E LITERATURA

Este capítulo é o momento da tese em que realizamos considerações de natureza historiográfica. Depois, explicitamos o contexto de produção dos anos 1950 do Clube da Madrugada, compreendendo a perspectiva de Modernidade, a partir dos apontamentos de Enrique Dussel⁴⁴ e Walter Mignolo⁴⁵ como um projeto epistêmico para o estabelecimento e a manutenção da colonialidade, observada em Manaus no recorte destacado. Nisso, interpretamos como elementos de tal aspecto tensionavam com a visão de mundo do Clube da Madrugada, haja vista que a concepção de modernidade do Clube perpassava por questões culturais, desenvolvimento econômico do Amazonas e novos padrões estéticos para a literatura produzida na cidade.

As contribuições de Aníbal Quijano⁴⁶, Frantz Fanon⁴⁷, inicialmente, promovem o diálogo interpretativo com a historiografia local quanto às temáticas que envolvem os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, da capital amazonense e expressos na literatura do Clube da Madrugada, ou melhor, no contexto de produção dos clubistas (1950-1960).

Por meio do estudo de fontes literárias e jornalísticas do período, como trabalhos dos escritores: Francisco Vasconcelos⁴⁸ (“O menino e a lei”) Arthur Engrácio⁴⁹ (João Pretinho), as impressões de mundo, em Manaus (década de 1940-50) do clubista Alencar e Silva⁵⁰, presentes na revista nº 9 da Academia Amazonense de Letras, além das notícias publicadas no *Jornal do Commercio*⁵¹ (ao longo da década de 1950-60) e as imagens de Manaus (1950-1960) disponíveis no acervo do

⁴⁴DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e Eurocentrismo**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

⁴⁵MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

⁴⁶QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

⁴⁷FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

⁴⁸VASCONCELOS, Francisco. **O palhaço e a rosa**. 4ª ed. Manaus: Editora Valer, 2010. Trabalharemos esse texto em dois momentos, para compreensões diferentes. Neste e no outro capítulo, o terceiro.

⁴⁹ENGRÁCIO, Arthur. **20 Contos Amazônicos**. Edições Puxirum, 1896.

⁵⁰SILVA, Alencar e. Prelucidação. In: SILVA, Alencar e. **Quadros da moderna poesia amazonense**. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2011. (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca. V.6)

⁵¹JORNAL DO COMMERCIO. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pagfis=0. Acesso em: 13 set. 2022.

Instituto Durango Duarte⁵², é construída a leitura do período que se estende de 1940 a 1960, na capital amazonense.

O relato do integrante da Academia Amazonense de Letras, contemporâneo do período de surgimento do Clube da Madrugada, Aristóphano Antony, publicado na revista nº 9 da Revista da Academia Amazonense de Letras⁵³ e publicado em 1959. O artigo jornalístico de Bento Oliveira, intitulado: “Teia de Aranha”, publicado no jornal *Diário da tarde*⁵⁴, em 23 de maio de 1960. A entrevista de Alencar e Silva ao artista plástico Anibal Turenko, disponível no Youtube e publicado nessa plataforma em 2016, bem como o seu relato de memória publicado em 2011, a respeito de sua trajetória nos anos 1950, até conhecer e integrar o Clube da Madrugada⁵⁵, também constituem o movimento de interpretação daquele período.

Ainda, um documentário sobre o Clube da Madrugada, integrando fala de críticos literários e clubistas como Anísio Mello, disponível no Youtube⁵⁶. O *Diário da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas*, edição de 14 de fevereiro de 1968⁵⁷. A revista do Clube da madrugada, chamada de *Revista Madrugada*⁵⁸. A revista *Manchete* de 4 de junho de 1955⁵⁹. A *Gazeta* de 12 de março de 1964⁶⁰. As narrativas: “Mal traçadas linhas para Deusilene”, “Enchente”, presentes no livro *20 contos amazônico*, de Arthur Engrácio, publicado em 1986⁶¹. Revista nº32 da Academia Amazonense de Letras, publicada em 2012, no qual apresenta o relato de José Maciel a respeito de sua trajetória artística e as relações que construiu com o Clube da

⁵²INSTITUTO DURANGO DUARTE. **Manaus, 1950-1960**. Disponível em: <<https://idd.org.br/>>. Acesso em: 13 set. 2024.

⁵³

⁵⁴

⁵⁵TURENKO, Anibal. **Entrevista com o Escritor e Poeta Alencar e Silva**. 19 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tk8OxSPV2FY> e SILVA, Alencar e. Prelucidação. In: SILVA, Alencar e. **Quadros da moderna poesia amazonense**. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2011, p. 11 (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca. V.6)

⁵⁶TOLLER, Gerson. **Clube da Madrugada**: da praça para a sala de aula [Documentário]. Minuto 01:29 a 2:22 2021. Disponível no domínio: <https://youtu.be/ijvHMXwR83k?si=v3qNbS4s4R3S8TwN>

⁵⁷AMAZONAS. *Diário da Imprensa Oficial*. 14 de fevereiro de 1963.

⁵⁸REVISTA MADRUGADA. **Um critério**. Revista Madrugada, nº 1, nov. 1955. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/rev._madrugada_1

⁵⁹*Manchete*, edição de 0163 de 4 de junho de 1955.

⁶⁰A GAZETA. **A Cidade em Foto**. 12 de março de 1964. In: INSTITUTO DURANGO DUARTE. Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/a-cidade-prima-pobre-da-outra-a-flutuante-aguarda-a-cheia-do-rio/#primary>

⁶¹ENGRÁCIO, Arthur. *Mal Traçadas Linhas para Deusilene*. In: ENGRÁCIO, Arthur **20 Contos Amazônicos**. Manaus: Edições Puxirum, 1986.

Madrugada, no final da década de 1950 e início dos anos 1960, tecem os argumentos da investigação.

1.1 O Pensamento Decolonial, História e Literatura em Manaus (1950-1960)

A colonialidade, como afirma Aníbal Quijano, é “um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo⁶².” Nesse cenário, a compreensão da Modernidade é vista como um fenômeno histórico-social a partir de suas relações assimétricas, porque elas produziram e produzem as subalternidades. Por sua vez, a subalternidade é uma dinâmica de exclusão e invisibilidade que atua em dois eixos práticos: o controle das subjetividades e do trabalho.

Diante dessas observações, os apontamentos da historiadora Sheila Lima Nogueira⁶³, que realizou uma discussão quanto ao protagonismo dos subalternizados ao longo da história, está alinhada ao contexto de produção e ao horizonte de temas explorados pela literatura no Amazonas, no período de 1900 a 1960. Com efeito, visualizamos a forma como os escritores retrataram as condições subalternas de seringueiros – a maioria nordestinos –, do proletariado ribeirinho, negro, em Manaus nas décadas de 1950 e 1960, diante de um quadro de invisibilidades e violências vivenciadas durante a fase de encantamento dos primeiros anos da Zona Franca de Manaus (a partir da década de 1950).

Trata-se de uma história permeada por necessidades, intenções, desejos, conhecimentos e lacunas de conhecimento, bem como decisões acertadas ou equivocadas, sucessos e fracassos, sobretudo em indivíduos inseridos nessas dinâmicas, dentro de um padrão epistêmico homogêneo, uma vez que observamos como os sujeitos sociais estão inseridos em um grupo que segue uma lógica euro-USA-cêntrica⁶⁴, constituída na história a partir de um padrão de memória, conflitos e que, em sua tentativa de organização e projeções de modernidade para a arte local,

⁶²Quijano, 2009, p. 73

⁶³NOGUEIRA, Sheila Lima. **Repensando a aula de História: decolonialidade, resistência e protagonismo**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

⁶⁴Expressão utilizada por Susana Beatriz Sacavini, em: SACAVINO, Susana Beatriz. Interculturalidade e Práticas Pedagógicas: construindo caminhos. **Educação**, v.45, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/38257/pdf>

enunciaram relações de poder estruturadas e naturalizadas na sociedade manauara (1950-1960).

Nesse cenário, no Clube da Madrugada havia um projeto de modernidade quanto à escrita literária, à visão de mundo, à abordagem de temas, construção de personagens, circulação e recepção, como uma das bandeiras do Clube, no qual os clubistas visavam, entre outras coisas, produzir um conteúdo crítico e criativo que expressassem uma nova perspectiva sobre o Amazonas e a Amazônia, sobretudo relacionada às questões sociais.

Todavia, no intuito de não haver confusão de interpretação, consta esclarecer que, do ponto de vista da literatura, o Clube foi um movimento que, embora tivesse na pauta a Modernidade (como padrão mental da sociedade das décadas de 1950 e 60), é posicionado pela crítica literária como um grupo influenciado pela geração de escritores de 1945-1950, isto é, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector. E, sob a premissa da história, situado em um tempo em que as narrativas hegemônicas que circulavam no Amazonas eram de modernidade como sinônimo de desenvolvimento urbano e industrial. Logo, tomamos o entendimento dos clubistas como escritores-sujeitos, porque consideramos a dimensão de autoria e de suas relações de sociabilidade, visão de mundo, perspectiva de horizonte de possibilidades diante das dinâmicas observadas nas décadas de 1950 e 1960 em Manaus.

Dito de outra maneira, a Geração de 1945 influenciou o Clube na abordagem crítica de diversos aspectos da realidade sociopolítica brasileira e manauara. Como explicou o crítico literário Tenório Telles acerca dessa característica clubista: “...fortemente influenciado pelo Modernismo, tenham sido tentadas anteriormente, de forma assistemática, a concepção moderna do fazer literário vai ter como marco formal, no Amazonas, a criação do Clube da Madrugada⁶⁵...”

Paralelo a isso, ainda observamos que o Clube da Madrugada assumiu a posição inicial de protagonizar uma cultura que não fosse reprodução de estilos de escrita e percepções da realidade a partir da visão do primeiro quartel do século XX, ainda vigentes na sociedade manauara. Essa afirmação pode ser consolidada a partir do observado pela fala do próprio presidente da fundação do Clube, Anísio Mello, o

⁶⁵Telles, 2014, p.28

qual afirmou que um dos propósitos daquela, automeada pelos clubistas, de “mocidade contemporânea”⁶⁶, era romper com o que consideravam atrasados.

Antes de avançarmos nessa questão, consta esclarecer que a fala que utilizamos de Anísio Mello não advém do período em que foi presidente do grupo, mas a reconstrução de parte de suas memórias daquele momento, em sua trajetória de vida, quando estava presidente do Clube; sobretudo quando resolveram, aqueles escritores, fundar o movimento. Dessa forma, é um relato que produz um discurso sobre uma experiência vivida que pode ter selecionado momentos, invisibilizando informações outras, haja vista que está integrado em um contexto de entrevistas para um documentário que endossou um trabalho acadêmico de Gerson Toller, em formato de documentário. É uma narrativa da memória no final da década de 2010.

[...] Fundou-se, então, uma associação que não tinha nome e que se reunia na Rua Doutor Moreira, 239, hoje numa casa demolida, infelizmente, e que onde nós tínhamos a disposição uma pequena impressora Minerva e máquina de escrever, papel de apara da Imprensa Oficial que gentilmente nos cedia as aparas já cortadas para nós usarmos como material para produção e essa casa era a casa dos meus pais, Dr Moreira, e muitos hoje lembram com saudade daquela época, em que todo mundo se confraternizava. Fazíamos essas reuniões visando exatamente combater, até certo ponto, aquela parada da academia que não produzia, publicava nada, não publicava uma revista, absolutamente nada⁶⁷.

A partir das palavras do primeiro presidente do Clube merece destaque a rua Dr. Moreira, que fazia parte do complexo de ruas que constituía o entorno do teatro, um lugar de trânsito cultural e social intenso em Manaus nas décadas de 1950 e início dos anos 60. Não à toa, filhos de uma elite comerciante ou de funcionários públicos, por ali circulavam ou estudavam, como, por exemplo, existia no lugar mencionado o colégio Agnello Bittencourt, que constituía, por sua vez, um segundo grupo de instituições de ensino, em complemento ao Instituto de Educação do Amazonas e o Ginásio Amazonense, como lugares de uma formação intelectual naquele período⁶⁸. O Clube como ideário de uma nova geração tem vários de seus elementos ali.

⁶⁶Os clubistas se autodenominavam dessa maneira e, ao longo da tese, abordaremos melhor essa autoidentidade.

⁶⁷Toller, 2021, Minuto 01:29 a 2:22 Disponível no domínio: <https://youtu.be/ijvHMXwR83k?si=v3qNbS4s4R3S8TwN>

⁶⁸Ver mais a respeito dessas instituições em: LIMA, Elissandra Lopes Chaves. **Dimensões da República das Letras no Amazonas: a intelectualidade Gymnasiana em Manaus (1900-1930).**

A partir desse relato, também, é interessante destacarmos o papel da Imprensa Oficial no auxílio que foi dado aos clubistas, em reuniões daqueles escritores na casa dos pais de Anísio Mello, o que representava já naqueles primeiros anos do Clube uma prática de suas primeiras interações e mobilidades.

Estamos nos referindo ao *Diário da Imprensa Oficial*, documento aqui apreendido também como um dispositivo de publicidade do poder público, o que adiciona à nossa leitura do contexto de produção do Clube o movimento de entender a legitimidade que aqueles escritores viriam a obter, já em meados da década de 1960, ou seja, por estar na pauta ordinária e administrativa do poder público.

Em outras palavras, o Clube da Madrugada viria a ser tornar elemento integrante das políticas públicas do município. Isto é, ele viria a receber auxílio financeiro e registrado pela fala de Anísio Mello, no momento ainda de fundação do grupo, para a compra de papéis para impressão, possivelmente a escrita dos primeiros manifestos, comunicações, expressões, ou ainda, a produção dos textos de ficção, resultando em dinâmicas que não seriam mais frutos de doação, mas, consoante a publicidade do auxílio oficial, haveria um apoio institucional do setor cultural de Manaus.

Nesse quadro, o *Diário Oficial do Estado do Amazonas* de 14 de fevereiro de 1963 informaria, quase dez anos após a fundação do Clube (1954), o auxílio financeiro, algo que já era uma verba oficial do município para a agremiação.

Imagem 1 – Auxílio Oficial do Município para o Clube da Madrugada (1963)

4 —		DIÁRIO OFICIAL — Quinta-feira, 14 de fevereiro de 1963	
CÂMARA MUNICIPAL		50 — Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas	120.000,00
37 —	Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco	240.000,00	
38 —	Escola Santana	48.000,00	
39 —	Escola S. João da Escócia	48.000,00	
40 —	União dos Estudantes Secundarista do Amazonas	60.000,00	
41 —	Clube da Madrugada	120.000,00	
42 —	Sociedade Beneficente e Popular do Amazonas	120.000,00	
43 —	Centro Acadêmico XII de Maio	60.000,00	
44 —	Centro Estudantil Rui Barbosa	120.000,00	
45 —	Centro Estudantil Plácido Serrano	120.000,00	
46 —	Diretório Acadêmico Mary Richmond ..	120.000,00	

Fonte: AMAZONAS. *Diário da Imprensa Oficial*. 14 de fevereiro de 1963, p. 4

O grupo dividia a atenção financeira do Estado com centros estudantis, diretórios acadêmicos, lojas, escolas e outras instituições do nicho educacional e cultural em Manaus, compreendemos ainda que o auxílio financeiro ao Clube da Madrugada, em 1963, representou um reconhecimento oficial e um potencial fortalecimento institucional do movimento.

No entanto, também introduz complexidades nas relações com o poder, que podem ter influenciado na autonomia e na produção crítica do Clube. Isto significa que, enquanto o apoio financeiro pode facilitar a produção e a disseminação de uma literatura crítica que visava-se construir, por parte dos clubistas, de um lado; de outro, também pode envolver riscos de controle, isto é, o Clube da Madrugada fez uso dessas dinâmicas, utilizando os recursos para fortalecer sua missão de representar o novo e uma aparente ruptura, no padrão epistêmico, quanto a uma subalternidade imposta pela lógica econômica, social e cultural na década de 1950 vigente no Amazonas. Todavia, isso não materializou em uma inclusão integral de diversidade de escritores: indígenas e negros, por exemplo; então, é coerente já observar que esses grupos sociais seriam representados em narrativas dos escritores clubistas, mas não seriam uma das vozes de autoria do Clube, o que discutiremos melhor ao longo do estudo.

Antes desse reconhecimento do poder público, evidenciamos que houve um movimento do grupo de institucionalizar-se, internamente, o que demandaria em normas, deveres e direitos para quem quisesse pertencer, estar e sair do Clube. Na busca por encontrar esse elemento de organização daqueles escritores, encontramos, na publicação do *Diário Oficial do Estado do Amazonas*, de 20 de dezembro de 1961, o “Estatuto do Clube da Madrugada”.

Diário Oficial – 4º feira, 20 de dezembro de 1961.

Publicações Diversas

Estatutos do Clube da Madrugada

Capítulo I – Natureza e Finalidade

Art. 1º - O Clube da Madrugada, fundado e sediado nesta cidade de Manaus, órgão que permite a livre manifestação do pensamento e tem por propósito o estudo, o desenvolvimento e a divulgação dos diversos ramos das ciências, das letras e das artes.

Parágrafo único – Essa finalidade não se restringe ao âmbito da agremiação, mas visa também levar ao povo, através do trabalho escrito, oral ou

divulgação, o conhecimento do que se fêz e se faz no campo da cultura em geral.

Art. 2º - Para cumprimento do que se propõe, o Clube promoverá:

- a) – a organização de uma biblioteca;
- b) – a instituição de concursos anuais, com prêmios aos autores de obras de poesia, ficção, teatro artes plásticas e rítmicas, com regulamento previamente discutido em sessão convocada pela Presidência da Sociedade;
- c) – a realização de conferências, seminários, palestras e debates sobre assuntos de caráter científico, literário, artístico ou outros que, por sua oportunidade ou magnitude, atendam ao interesse geral;
- d) – o lançamento e a exposição de livros ou trabalhos de arte em geral, especialmente de autores pertencentes ao Clube.

CAPÍTULO II

Dos membros

CAPÍTULO IV

Das sessões

Art. 15 – Haverá, quinzenalmente, uma sessão ordinária à qual estão obrigados a comparecer todos os membros da Associação.

Art. 16 – As sessões extraordinárias serão realizadas de acôrdos com o disposto na letra b do art. 9ª e quando, propostas por qualquer dos associados, forem aprovadas pelo Plenário.

CAPÍTULO V

Das penalidades

Art. 17 – A penalidade máxima que o Clube imporá a seus membros é a exclusão, o que se verificará impreterivelmente:

- a) – quando o sócio utilizar indevida e ilicitamente o nome do Clube para qualquer fim;
- b) – quando o associado faltar três vezes, consecutivas, sem justificativas, às sessões ordinárias;
- c) – quando o membro tiver sido censurado pela terceira vez.

Art.18 – A pena de censura será aplicada quando, a critério da maioria, o associado demonstrar a má vontade ou desinteresse com os assuntos do Clube.

Art.19 – A pena de advertência será infligida quando o sócio portar-se inconvenientemente durante as sessões.

Art.20 – A aplicação desta sanções compete ao Presidente, sendo que as dos artigos 17 e 18, somente depois de ouvido o Plenário.

Fonte: Arquivo da Imprensa do Estado do Amazonas (1961, p.3). Disponível em:

<https://diario.imprensaoficial.am.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1818#/p:3/e:1818?find=clube%20da%20madrugada>

Na administração do governador, à época do estado do Amazonas, Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, ao qual tinha como presidente da Assembleia Legislativa Josué Cláudio de Souza, tornou público e oficial o movimento cultural na seção “Publicações Diversas”, página 3, intitulada: *Estatutos do Clube da*

*Madrugada*⁶⁹, com a presença de registro dos escritores que integraram a primeira geração do Clube: Carlos Farias de Carvalho, Jorge Tufic, Raimundo Theodoro Botinelly de Assumpção, Arthur Engrácio da Silva, Jefferson Peres, Evandro das Neves Carreira, Aluísio Sampaio Barbosa, Padre Luiz Ruas, Pedro de Amorim, Álvaro Reis Páscoa, Elson Farias, Edison Bentes Farias, Luiz Bacellar, Moacir Couto de Andrade e Sebastião Norões.

A publicação do estatuto do Clube da Madrugada, no Diário Oficial de 1961, sete anos depois da inauguração do movimento, revela-nos que o Art. 1º anuncia o Clube como espaço de livre manifestação do pensamento e de divulgação das ciências, letras e artes, o que ajuda a sustentar a imagem de modernização cultural, de um lado. De outro, já o parágrafo único, amplia essa missão para “levar ao povo” o conhecimento cultural, o que sugere uma vocação pública e pedagógica daqueles escritores. No entanto, o Art. 15, mais à frente, ao impor sessões quinzenais obrigatórias, e os Arts. 17 a 20, ao preverem exclusão, censura e advertência, mostram que essa liberdade era fortemente regulada.

Ocorre que o Estatuto ajuda a construir a imagem de um grupo moderno e representativo, mas não resolve a questão de quem fala dentro do Clube. Isto é, a formalização da agremiação do grupo expressa um projeto de autonomia, mas também evidencia um mecanismo de seleção interna que, para além dos critérios literários, reflete a ausência de se buscar o engajamento de uma diversidade étnica.

Contudo, considerando que os escritores daquele período são frutos de seu tempo, evidentemente naturalizariam ausências e eventuais silenciamentos, porque essa naturalização é epistêmica, ou seja, o Estatuto permite problematizarmos os limites de sua abertura ao novo, ou melhor, à luz das preocupações contemporâneas com a colonialidade, e nos convida a refletir sobre a representatividade anunciada pelo grupo, sobretudo porque a institucionalização do movimento não se converteu, necessariamente, em inclusão efetiva de vozes negras, indígenas e de outros sujeitos subalternizados.

Por conseguinte, a materialidade da rebeldia que a mocidade contemporânea buscava expressar começou a se concretizar na revista *Madrugada*⁷⁰ que, aliás, só

⁶⁹Disponível

em:

<https://diario.imprensaoficial.am.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1818#/p:3/e:1818?find=clube%20da%20madrugada>

⁷⁰Ao longo da tese iremos abordar questões correspondentes à temática deste estudo a partir da revista *Madrugada*, ou seja, a revista estará presente em toda a pesquisa.

teve um número e foi um veículo inicial de comunicação do Clube, em que a publicidade de ideias e textos literários, textos opinativos do grupo, bem como as experiências de vida de cada escritor dos anos anteriores a 1954 circulariam para um público letrado que frequentava o circuito cultural de prestígio da cidade. Como afirmaram os próprios clubistas:

Nasce nossa revista, portanto, desta dificuldade imperiosa de propagar as ideias que se acumulam nesta coletividade, surgida, agora no Amazonas, cuja finalidade primordial, já apresentada no Manifesto publicado, em outro lugar desta revista, expressa, lidimamente, tudo quanto pretendemos construir, no Amazonas, quiçá no Brasil...⁷¹

Está expresso na revista a necessidade de uma perspectiva crítica que desafie “a dificuldade imperiosa de propagar ideias”. Isso ressoa com a ideia de utilizar as estruturas disponíveis (neste caso, o financiamento e a plataforma institucional) para subverter e resistir às imposições de uma cultura letrada já estabelecida e mantida por décadas em Manaus.

Ainda assim, a revista desempenhava a função de comunicar um grupo letrado situado social e culturalmente em um espaço de Manaus: o entorno do teatro Amazonas. Todavia, ao mesmo tempo, por se tratar de uma publicação não literária e publicada pelo Clube, apreendemos que ela também evidenciava os limites de uma autorrepresentação do grupo, sobretudo porque nos permite entrever uma crítica às hierarquias vigentes, da época, sem que isso significasse sua superação efetiva do ponto de vista epistêmico.

Diante dessa observação, o Clube refletiu as tensões do período do início da implementação de um projeto desenvolvimentista para a região, que só viria a ocorrer no final da década de 1950, com a Zona Franca de Manaus; ou melhor, contra um momento “sem muitas perspectivas históricas e sem uma base econômica que lhe desse sustentação, os jovens poetas e intelectuais discutiam a necessidade de uma nova mentalidade⁷²...”, como também procurou desenvolver uma temática sobre o lugar e o homem mais próxima do cotidiano, descrevendo valores que regulavam padrões comportamentais da época.

⁷¹REVISTA MADRUGADA. **Um critério**. Revista Madrugada, nº 1, p. 3, nov. 1955. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualesec/docs/rev._madrugada_1

⁷²Telles, 2014, p. 29

Uma visão significativa que temos dessa aproximação com o cotidiano advém de alguns dispositivos de comunicação de massa, à época, a respeito do cenário urbano e social de Manaus, antes da implementação da Zona Franca. Trata-se da reportagem da revista *Manchete*, de 4 de junho de 1955, dentro do contexto em que o Clube da Madrugada estava inserido, na qual Anísio Mello – seu presidente – havia mencionado e sete meses depois da criação do Clube, que foi em novembro de 1954.

Urge destacar que revistas como essa, a *Manchete*, sobretudo no nosso recorte temporal, significava potentes veículos de comunicação de massa, produzidos por grupos empresariais que, em maioria, estavam alinhados à programas e valores de governo. Nessa perspectiva, seus discursos propagados pelas informações publicadas criavam representações do Brasil, porque tinham foco em política, celebridades, consumo e fatos da época, o que era um bom fundamento para a construção de um imaginário social e identitário para a população menos letrada, ou ainda, desinformada quanto as pautas que traziam.

É diante da compreensão desses elementos que, a partir deste momento, a revista *Manchete* será observada, o que ela comunicava sobre o momento em que o Amazonas passava por um período de mudanças urbanas, sociais, culturais e econômicas, ao longo das décadas de 1950 e 1960.

Imagem 2 - Moradias em flutuantes



Fonte: revista *Manchete*, edição de 0163 de 4 de junho de 1955.

Observamos da parte inicial dessa edição, a parte que tratava do social, em que houve a ênfase nas moradias mais afastadas do entorno do teatro Amazonas, ou mesmo da região central de Manaus, localizada mais nos igarapés que ali seguiam o seu curso, para destacarem as moradias fundadas em estruturas flutuantes, de

maneira desordenadas, chamadas de flutuantes; ou melhor, a atenção a um sistema de ordenamento social, em que as águas já se apresentavam barrentas, em virtude da sujeira ali derramada e das agressões ao terreno.

Porém, não queremos com essa descrição contribuir com uma visão vitimista de sujeitos que ali estabeleceram moradias, queremos denunciar que a condição que eles foram posicionados é o efeito de uma intencional negligência do poder público aos grupos populacionais que se deslocaram para Manaus, no intuito de obter melhorias de vida, já pertencente a um processo migratório desde a década de 1930 e iria se intensificar na década de 1960. Em suma, esses flutuantes também são reflexos de outras dinâmicas sociais e culturais em Manaus, sobretudo porque não eram bem recebidos por parte de uma elite econômica e letrada que desejava conservar a visão nostálgica da capital da borracha do início do século XX.

Na reportagem da revista *Manchete*, na edição de 4 de junho de 1955, evidenciava-se, como reforço de uma narrativa que constituía parte do imaginário local desde a década de 1950, uma perspectiva quanto às moradias como um paradoxo característico da Amazônia. No tocante aos habitantes dessas estruturas, a reportagem os descreveu da seguinte forma: "Os moradores desse ambiente autônomo vivenciam um ciclo de vida que desperta até inveja em muitos. Suas condições de vida e costumes lhes conferiram uma glória singular, semi desconhecida em Manaus e completamente desconhecida no restante do mundo⁷³...".

Adicionalmente, a reportagem apresentou uma afirmação: "A cada dia mais se completa, em elementos essenciais da vida, esse mundo novo dos marginais dos igarapés; eles como que esqueceram a terra firme⁷⁴." A referência aos residentes como "marginais" denota como aquelas estruturas reforçavam uma narrativa da subalternização.

A esse respeito, o historiador Leno José Barata Souza⁷⁵ explica o contexto que integrou o enunciado da revista *Manchete*, isto é,

Sua cultura é profundamente marcada pela relação com as águas na medida em que sobre eles podem construir suas casas, delas tiram boa parte dos alimentos, nelas organizam seus meios de transporte e comunicações, lazeres e outras sociabilidades; essas águas habitam e significam às histórias

⁷³REVISTA MANCHETE, edição 163, 4 de junho de 1955, p. 34 Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=10649>

⁷⁴ Idem.

⁷⁵Barata, 2010 *Passim*

contadas, as lendas, os mitos, atravessam suas festas e rituais, sendo boa parte de um imaginário que dá sentido às suas vidas e explicam muito de sua realidade⁷⁶.

Souza explica ainda que esse aglomerado de moradias, conhecidos como “flutuantes”, é resultado também da fragilização do sistema de aviamento, durante a economia da borracha, a partir da Primeira Guerra Mundial, como uma das alternativas para escoamento da produção e das relações comerciais. Nesse contexto, os flutuantes se tornaram um lugar promissor de negócios.

Diante dessas observações contextuais, em parte da escrita do clubista Francisco Vasconcelos, no livro *Regime das águas*⁷⁷, há elementos de tal aspecto da realidade em Manaus, ou seja, aquela observada pela revista *Manchete*; mas tratada de outra maneira pelo escritor. Afinal, estamos tratando da construção do imaginário de um escritor que, em sua fase de estudante do Colégio Dom Pedro II, conhecido também por “Colégio Estadual”, conheceu mais de perto as dinâmicas das cheias, haja vista que morou na infância em Coari⁷⁸.

O livro é uma narrativa caracterizada por uma novela literária de forte apelo regional, sem exotismo, em que há uma preocupação com o destino do homem amazônico, notadamente ribeirinho.

Convém ainda registrar que o autor foi jornalista e integrante da União Brasileira de Escritores do Amazonas e abordou esse cenário de Manaus no livro mencionado em 1985⁷⁹, ano em que a obra foi publicada. Segue um trecho da narrativa:

Vivendo de um passado de euforia e encantamento, parecia comprazer-se em ter sido, na indiferente postura dos que nada mais esperam. Quanta coisa tivera e quantos momentos de fausto já vivera! Mas bem longe já iam os dias daquele alumbramento, quando, na vivência orgulhosa da faceira cortesã que fora, chegara a namorar o mundo, recebendo, com abraços de muita ternura, a quantos forasteiros a buscavam na esperança de também participarem de seus dotes de menina rica. Suas ruas, agora tristes, adormeciam cedo, sem mais a luz dos lampiões que outrora a tornava risonha e buliçosa. E em vigília, apenas a alma e o lento ânimo dos boêmios, que insistiam em manter acesa

⁷⁶Souza, 2010, p. 47

⁷⁷VASCONCELOS, Francisco. **Regime das águas**. 5ª ed. Manaus: Valer, 2021.

⁷⁸SENADO FEDERAL. Requerimento nº 1.200, de 2011. Requer voto de congratulações e aplausos ao escritor amazonense Francisco Marques de Vasconcelos Filho. Brasília, DF: Senado Federal, 2011.

⁷⁹Queremos destacar que Vasconcelos também compartilhava da mesma visão crítica de Leno José Barata Souza a respeito do contexto urbano em que estava situado Manaus e a maioria de seus residentes.

a chama de velhas tradições, num teimoso tentar reviver os momentos felizes e fugazes que a história registrava com requintes de injustificado ufanismo⁸⁰.

Considerando essa percepção da realidade de um nicho social de Manaus, naquele período, acreditamos que a afirmação da revista *Manchete* em chamar tais sujeitos de “marginais” e identificá-los dessa maneira, denota a construção e perpetuação das subjetividades, haja vista possuir relação com o projeto de libertação e difundida assim:

[...] voltadas para o consumo, cuja única liberdade consiste em eleger obrigatoriamente governantes que seguirão sujeitando-os à ideia de que a economia é a ciência do que existe e que o símbolo de uma vida moral e exitosa é a acumulação de riquezas, propagandas e propriedades⁸¹.

Diante dessa afirmação, apreendemos que os “esquecidos da terra-firme”, são os sujeitos que não foram integrados ao sistema-mundo moderno e não lhes pertenceria o consumo voltado para o acúmulo de riquezas, bens e propriedades observado nas décadas de 1950 e 1960.

No contexto descrito, ainda, torna-se evidente a manifestação da colonialidade do poder naquela sociedade, percebida por um controle sociocultural que “é disputado por indivíduos, e de cujas vitórias e derrotas se formam as relações de exploração/dominação/conflito que constituem o poder, os elementos componentes são sempre historicamente heterogêneos⁸².”

Dito de outro modo, Manaus (1950) ainda vivenciava o sentimento de nostalgia da época dos “soldados da borracha”, expressão dada pelo historiador Frederico Alexandre de Oliveira Lima, que ao realizar um estudo sobre as experiências pessoais de um segmento de trabalhadores, nos seringais amazônicos, no período da Segunda Guerra Mundial, a partir de acordos firmados entre o governo brasileiro e norte-americano⁸³, coexistindo com a população local⁸⁴.

⁸⁰Vasconcelos, 2021, p. 16

⁸¹Nogueira, 2020, p. 33

⁸²Quijano, 2009, p. 79

⁸³LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas, 2013.

⁸⁴Lima, 2013, p. 35

Diante dessas observações, é fácil compreender o porquê também os flutuantes estabeleceram suas fundações em igarapés de Manaus e na frente da entrada da capital amazonense por vias fluviais, ou seja, aqueles em que trabalhadores dos seringais, em maioria nordestinos, ribeirinhos e negros que não estavam alinhados à perspectiva de desenvolvimento econômico do Estado, viviam como a revista *Manchete* destacou: “esquecidos da terra-firme”.

Mais tarde, projetos de desenvolvimento socioeconômico, como a Zona Franca de Manaus, desempenharam um papel importante na regulação da colonialidade do poder⁸⁵ e contribuíram para a subalternidade daqueles que residiram naquelas moradias. Em suma, o que percebemos é que os grupos populacionais amazônicos tiveram suas experiências moldadas por uma epistemologia predominantemente euro-USA-cêntrica.

Como resultado, houve a chegada dos “forasteiros”, sujeitos assim identificados, bem como reconhecidos e mencionados pelo clubista Francisco Vasconcelos, na sua escrita de ficção, intitulada: *Regime das águas*, na narrativa VI. O uso de uma narrativa literária, dessa maneira, de autoria de um escritor do Clube da Madrugada, faz-nos entender como isso passou a ser problema de ordem social e merecia ser problematizado pela literatura local.

Em outros termos, trata-se de uma intencionalidade do clubista em evidenciar uma tensão urbana, no qual o escritor faz uso de um imaginário de comunidade que, ao mesmo tempo, resiste à marginalização e se submete a certas hierarquias de gênero, raça e classe. Logo, o trecho que evidenciaremos do *Regime das águas*, interage com o discurso produzido pela revista *Manchete*, mas diferenciam-se nas interpretações daquele espaço de sociabilidades.

NAQUELAS paragens de muita incerteza, o flutuante do Jorge Bagabém era a única instituição que não passava por maiores alterações no seu sempre aquático dia a dia. Construído em cima de toras de açacu, era casa de morar e lugar de bons negócios, houvesse enchente ou vazante. Quando as águas subiam, como naqueles tempos, espalhando pânico e apreensão entre as populações adjacentes, lá ia o Jorge Turco e seu flutuante subindo com elas, demorando-se um pouco aqui, um pouco ali, aportando sempre em lugar estratégico, ponto de encontro ou de convergência de quantos por ali cruzassem, os que subiam ou desciam o rio, ou os que vinham dos paranás, lagos e igarapés. Nos tempos de vazante, ele, como as águas, também descia, e seu ponto de parar era exatamente aquele ditado pelo regime das águas, na verdade o único regime a que obedecia com caprichosos cuidados

⁸⁵Quijano, 2005, *Passim*

e ao qual, de um modo ou de outro, todos ali estavam irremediavelmente sujeitos. O endereço do flutuante, para todos os efeitos, era o repartimento, bem na boca do paraná, um pouco mais acima ou abaixo, não importava, tudo dependia da posição das guas. Freguesia certa, na verdade quase cativa, são via que- brado o seu monopólio pela indesejável presença, uma vez ou outra, dos pequenos regatões, com quem quase sempre entrava em choque, na tentativa de preservar os domínios há muito conquistados pelo poder que tinha de tudo comprar e de muita coisa vender. Mas daqueles entreveros, nunca havia maiores consequências. Bate-boca apenas, alguns palavrões pelo meio e, para ambas as partes, a briga sempre terminando em bons negcios⁸⁶ (Destaque do termo de autoria do Francisco Vasconcelos).

Temos, então, o flutuante de Jorge Bagabm, construído sobre toras de açacu, que é uma estrutura que permanece constante em meio às mudanças causadas pelas cheias e vazantes dos rios. Esse lugar serve como um espaço comercial e residencial, no qual Bagabm negocia uma variedade de bens e produtos. Enfim, ele se tornou uma espécie de ponto de referência na região, mantendo uma clientela constante e leal. O flutuante e seu proprietário representam uma constante em meio à volatilidade das mudanças ambientais e, na interação entre eles e outros comerciantes, criou um retrato interessante das relações sociais e econômicas na área  época.

Nesse sentido, trazer aspectos do cotidiano, como fez Francisco Vasconcelos, significou tensionar uma cultura literária mais conservadora e introduzir, na ficção que se produzia no Clube da Madrugada, sujeitos e experiências frequentemente invisibilizadas. Enfim, trata-se de uma escrita que realiza a possibilidade de visualizarmos a existência de colonialidades nas décadas de 1950 e 1960, ainda que não produzisse uma subversão às hierarquias.

Se considerarmos que Manaus “passava a ser vista como uma região estratégica, sua efetiva integração com o restante do país tornava-se essencial para que ela pudesse alcançar uma condição autossustentável a médio prazo⁸⁷.” Dessa forma, diante dos aspectos de um novo cotidiano que se apresentou dessa mudança de visão, havia uma trama que constro o sistema-mundo. Mas, “Se o capitalismo  genocida, epistemicida, ecológica, racista, cristocntrico, eurocêntrico, sexista, destruidor de comunidades, do mundo agrário e do campesinato, é porque está alinhado essencialmente às lógicas civilizatórias da modernidade⁸⁸. A visão de mundo expressa por Vasconcelos não evidenciou isso.

⁸⁶Vasconcelos, 2021, p. 33

⁸⁷Renha, 2017, p. 11

⁸⁸Grosfoguel, 2021, p.14-15

Prosseguindo na interpretação de tal contexto de produção clubista, encontramos na ilustração do jornal *A Gazeta* um aspecto pontual.

Imagem 3 – A cidade, prima da outra flutuante, aguarda a cheia do rio



Fonte: A GAZETA. **A Cidade em Foto**. 12 de março de 1964. In: INSTITUTO DURANGO DUARTE. Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/a-cidade-prima-pobre-da-outra-a-flutuante-aguarda-a-cheia-do-rio/#primary>

Essa cidade em foto, que viria a estar em pautas de jornais locais, com aquelas moradias, os espaços de sociabilidade que elas produziam, integravam um contexto maior: uma hierarquia estética imposta pelas instituições culturais e sociais predominantes.

Nessa premissa, o Clube da Madrugada pode ser entendido como um movimento cultural e político que visou realizar um contraponto a essa lógica, como é entendido pelo escritor Márcio Sousa: “[...] o motivo foi basicamente discernível numa situação econômica transitória (...) Daí, a imitação das formas políticas das nações colonialistas europeias mesclada ao liberalismo democrático norte-americano⁸⁹”. Mas, tudo no plano estético, de trazer novos padrões culturais, sem alcance epistêmico.

Dessa forma, visualizamos em outra narrativa de outro escritor clubista, Arthur Engrácio, intitulada: “Mal traçadas Linhas para Deusilene⁹⁰”, presente no livro *20 contos amazônicos* e publicado em 1986, uma intencionalidade que representa e expressa elementos das duas décadas anteriores de experiências do escritor e coerente ao que abordamos.

Mas, meu caso não era diversão, era trabalho. Eu vim daí. Deusilene, pra arranjar um dinheirinho melhor, pois, a Zona Franca não diziam que era uma mina? Falei pro Pimentel, então, que carecia que ele me arranjasse um emprego bom. Ele me disse que, sem eu saber ler e escrever direito, era meio difícil. Mas, assim mesmo, me levou num tal de Nagib e pediu que ele

⁸⁹Souza, 2010, p.48

⁹⁰ENGRÁCIO, Arthur. *Mal Traçadas Linhas para Deusilene*. In: ENGRÁCIO, Arthur **20 Contos Amazônicos**. Manaus: Edições Puxirum, 1986.

me desse um trabalho. O tipo, muito posudo e arrogante, como todo cara de posição, tinha um comércio de fazenda. Me aceitou. Meu serviço era varrer a loja, arrumar as caixa de mercadoria, colocar o lixo na porta da rua, servir café e tudo o mais que desse na telha dos empregados me pedir pra fazer. E eu obedecia as ordem direitinho. Tava quase dois meses trabalhando e não sabia quanto ganhava. Um dia cheguei com o sêo Nagib e disse pra ele que tava carecendo de dinheiro; queria fazer umas comprinhas pra mandar pra minha mulher e meus filho. Com indiferença, sêo Nagib disse que eu tava na fase de experiência e, por isso, só ia me dar Cr\$ 10.000,00. Ah, minha velha, quando ele disse isso, tu nem pode maginar o que senti! O sangue subiu todo pra cabeça, minha vista escureceu e eu, então. mandei o safado meter aquele dinheiro no cu da mãe dele, que eu não carecia de esmola. O turco, irado, meteu a mão numa gaveta, tirou um revólver que não tinha mais tamanho e, com a sua voz engrolada, mandou que eu me arretirasse da sua frente imediata- mente, senão ele me quebrava na bala. Eu não pus dúvida. Empurrei a porta e saí na carreira rumo da rua⁹¹.

Observamos que o tratamento dado por parte do “sêo Nagib” revela, tanto no comportamento, como na forma escolhida por Engrácio na escrita do esposo de Deusilene, a manutenção da subalternidade, embora nos permita visualizar a presença dela e das dinâmicas da colonialidade do ser e do poder. Com efeito, visualizamos que a escrita do clubista cumpre o papel de representar a presença da condição do subalterno na Manaus dos primeiros anos da Zona Franca, denuncia a as questões de ordem social.

Arthur Engrácio foi um escritor do Clube da Madrugada que iniciou a sua jornada no movimento na década de 1950; logo, integrado ao contexto de produção que estamos apresentando. Sua escrita parte em estabelecer rupturas com expressões que se referiam ao regional, ao homem amazônico, a uma imagem exótica e episteme inferior aos padrões de outros centros de poder. A sua escrita denunciou esse aspecto e permite-nos visualizar as colonialidades sob as dinâmicas sociais e culturais quando há o deslocamento desse sujeito para Manaus.

Nesse sentido, através da história pessoal do marido de Deusilene, o texto aborda a maneira como as estruturas de poder perpetuam a exploração de grupos subalternizados e reforçam a hierarquia existente. Isto é, como parte desse grupo, está em busca de melhores oportunidades econômicas, já que a Zona Franca é apresentada como uma forma de melhorar sua situação financeira. No entanto, ele se encontra em uma posição de vulnerabilidade devido a sua falta de educação formal, o que o coloca em desvantagem na busca por emprego. Isso demonstra como a falta

⁹¹Engrácio, 1986, p. 105

de acesso à educação contribui para a perpetuação da desigualdade e dificulta a mobilidade social.

Diante dessas observações, indagamos, então: Essa escrita do Clube evidencia a existência de vozes insurgentes do grupo? Se existem, nos permitem identificar denúncias às colonialidades? Como?

1.2 História e Literatura: vozes insurgentes no Clube da Madrugada?

A análise do estatuto e do contexto de institucionalização do grupo evidenciou os limites entre renovação e permanência de hierarquias. Nesse quadro, Arthur Engrácio, escritor que ficou conhecido na historiografia literária por uma escrita que realizava denúncia social, ao protagonizar o homem amazônico (oriundo do Nordeste, afrodescendente, ribeirinho) diante dos vários silêncios que atravessavam esse arquétipo de homem amazônico, possibilita percebermos como o clubista procurou mediar as vozes dos subalternos, no texto intitulado “Enchente”.

A noite aproximava-se e tinham que amarrar a canoa em algum lugar para dormirem. O pescador olhou em volta e a árvore mais próxima, ainda não submersa, estava a boroeste da montaria e contra a correnteza. Manobrou a embarcação e, junto com a companheira, puseram-se a remar procurando alcançá-la. Enfiavam com força os remos nágua, a canoa avançava um pouco, mas, logo recuava impelida pela torrente. Voltavam à operação com mais impeto, em luta desesperada contra a caudal, sabendo que, se parassem um instante de impulsionar a embarcação, seriam arrastados pela força das águas. Os remos continuavam a sulcar fundo o rio, mas, o ânimo dos dois remadores ia aos poucos escasseando, exaurindo-se. Ah, Marieta, a gente assim nunca vai chegar lá falou Jeovaldo à mulher, desolado. Ela lembrou-lhe que os curumins, apesar da pouca idade, poderiam ajudá-los. Ele achou muito boa a idéia dela, mas, ocorreu-lhe que não havia remo bastante para os meninos. Se houvesse, eles talvez alcançassem a árvore antes de a noite descer de todo. Continuaram remando, mas, era tal a fúria da correnteza que a montaria, embora impulsionada fortemente pelos remos, parecia não sair do lugar. De repente, Jeovaldo, pedindo a Marieta que continuasse na peleja, pegou o terçado e, com as tábuas do estrado da canoa, começou a fazer os remos. Cortava a madeira com rapidez, recomendando sempre à mulher que não amofinasse. Pronto os instrumentos, chamou os meninos e ordenou-os que remassem sem parar. A embarcação ganhou novo impulso, avançou mais alguns palmos, porém, insuficientes, ainda, para atingir o objetivo. O pescador passou a incitar a enfraquecida tripulação formada pela mulher e os filhos, com palavras exaltantes de fé⁹².

Visualizamos, então, a luta de um pescador e sua família para enfrentar uma enchente e alcançar uma árvore para amarrar a canoa e passar a noite. A ênfase no

⁹²ENGRÁCIO, Arthur. **20 Contos Amazônicos**. Manaus: Edições Puxirum, 1986, p. 17

papel dos filhos do pescador na luta contra a correnteza destaca a importância de transmitir e preservar os conhecimentos e tradições ancestrais para as gerações futuras. No contexto do trecho da narrativa de Engrácio, essa transmissão de saberes contribui para a sobrevivência da família diante da emergência da enchente.

Em outras palavras, a narrativa "Enchente" auxilia no entendimento do protagonismo dos saberes locais ao destacar a resistência e a capacidade de adaptação dos personagens diante das adversidades impostas pela enchente. O uso de instrumentos rudimentares, como terçados e tábuas, para fazer novos remos, ressalta a criatividade e a habilidade deles em encontrar soluções próprias para seus desafios.

Diante dessas observações, Engrácio agrega para um contraponto a uma tradição canônica da literatura local, ou mesmo de narrativas hegemônicas reproduzidas, como observado em um outro trecho da revista *Manchete*, de 4 de junho de 1955. Aqui, a escrita do clubista realiza também um contraponto à visão exótica da *Manchete* (1955), que rotula ribeirinhos como "amontoados que invadem a cidade".

Êsse é o paradoxo de Manaus, onde existe, talvez, a única população do país realmente flutuante. Seus marginais (efetivamente marginais) moram em casas que ocupam literalmente as beiras dos rios e igarapés (chamados de Manaus, de São Raimundo, de Educandos, do Quarenta, de General Glicério e da Panair) que cercam e invadem a cidade, misturando-se com praças e avenidas. É um amontoados, por isso mesmo incerto, de habitações flutuantes que se mudam de um lugar para outro, ao sabor das marés e das necessidades⁹³.

É perceptível a ênfase no termo "marginais", na construção de um sentido de casas que invadem a cidade e se misturam às praças e avenidas, com e a partir de rios e igarapés, tudo amontoados, incerto – uma analogia ao "desordenado", termo que é associado ao que não é "civilizado", "moderno".

Adicionalmente, é observado que essa reportagem da *Manchete* está estruturada por sentidos de uma matriz colonial de poder que hierarquiza e identifica, reconhece e naturaliza, grupos sociais e populacionais não europeus como inferiores, "marginais". Não é à toa que os ribeirinhos, na revista, são apresentados e reconhecidos como um grupo amontoados que invadiram a cidade, assim como o rio.

⁹³REVISTA MANCHETE, edição de 0163 de 4 de junho de 1955, p. 34. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=10649>

Percebido os contrapontos que Engrácio realiza, visualizamos que esse perfil de escrita estava presente no *Estatuto do Clube da Madrugada (1961)*, porque promete "levar ao povo, através do trabalho escrito [...], o conhecimento do que se faz no campo da cultura". Todavia, ele não leva esse conhecimento por autoria discursiva do sujeito subalterno, ele realizou a mediação.

Convém mencionar que o Estatuto, de 20 de dezembro de 1961, no parágrafo único do capítulo I, afirma que o Clube tem por "finalidade não se restringe ao âmbito da agremiação, mas visa também (...), o conhecimento do que se fez e se faz no campo da cultura em geral⁹⁴". A partir dessa informação, indagamos: após décadas da presença negra no estado, não haveria escritores negros que pudessem integrar o Clube? Eles não tiveram acesso ao grupo, por qual motivo? Eles, como sujeitos e atores sociais e agentes culturais, não poderiam acessar o Clube, considerando o que estava escrito no Capítulo I do Estatuto?

Talvez, Patrícia Melo Sampaio nos tenha dado já um indicativo na busca por respostas: a população negra, como atuante nesse contexto cultural e social em que surgiu o Clube da Madrugada, ainda estava, não tinha o acesso às informações que circulavam no entorno da Academia Amazonense de Letras, ou ainda, oriundas do Café do Pina, no Centro de Manaus; aspecto, aliás, que discutiremos melhor em outro momento desta pesquisa. Lugares onde se falava e produzia literatura.

Ao partimos da premissa de que, historicamente, a Amazônia foi o lar de vários povos migratórios, como escravos africanos e continuou em seus descendentes, há sempre uma presença significativa de negros, a integração dessas populações em locais de produção cultural e espaços literários foi uma jornada de resistência ao longo do século XX.

Diante dessa questão, cumpre estabelecer diálogo com os apontamentos do historiador José d' Assunção Barros, para entendermos como, no campo das interdisciplinaridades na investigação histórica, sobretudo aquela situada na forma artística da expressão de um tempo e sociedade, como a literatura, apreendemos uma interpretação histórica ao "criar novos modos de tratamento do tempo, ultrapassando a linearidade⁹⁵", considerando que a expressão literária revela experiências de

⁹⁴ Amazonas, 1961, p. 3

⁹⁵ Barros, 2019, p. 51,

histórias que estão em um movimento de ida e vindas, em ambiente privado ou público, dos agentes históricos em um tempo intersubjetivo.

Como exemplo do que afirmamos, fazemos uso da revista nº 32 da Academia Amazonense de Letras, publicada em dezembro de 2012 que, embora esteja posicionada em um contexto de produção no século XXI, traz importantes referenciais – como documentação – para compreendermos melhor o tempo intersubjetivo mencionado por Barros, em especial por ser tratar de um veículo de comunicação e publicidade de uma instituição cultural de Manaus que, desde o início do século XX, era responsável por convergir e interagir com os intelectuais da cidade.

Nesse sentido, encontramos na revista o relato de José Maciel⁹⁶ a respeito de sua trajetória como artista plástico, e ele nos ajuda a interpretar informações preciosas sobre elementos relacionados às mobilidades dos integrantes do Clube da Madrugada. Nela, observamos como as intencionalidades dos clubistas do momento histórico de fundação do movimento, na década de 1950, estavam preocupados em estabelecer rupturas culturais e socioculturais em Manaus e trazer o novo. Há uma tensão em disputa pelo regime de visibilidades por parte desses atores sociais e agentes culturais. Logo, Maciel revelou o seguinte:

No Colégio Estadual do Amazonas (antigo Ginásio Amazonense) conheci alguns artistas, que também eram meus professores Farias de Carvalho, Luiz Bacellar e Francisco Baptista; o Sebastião Norões fora meu professor de Geografia no Colégio Dom Bosco, alguns anos atrás. Nessa época existia ali na praça da Polícia (praça de Heliodoro Balbi) o famoso “Café do Pina”, frequentado por estudantes, professores e intelectuais, e principalmente pelos membros do Clube da Madrugada, em cujo local (defronte ao antigo quartel da PM, hoje transformado no museu denominado de Palácio Provincial) fica a frondosa árvore onde, segundo a história, foi fundado o Clube da Madrugada em novembro de 1954⁹⁷.

José Maciel foi um notável artista plástico e obteve estreitas interações com os clubistas, sobretudo no momento inicial de sua trajetória artística. Ele nos revela percepções coletivas do passado, em uma temporalidade compartilhada que evidencia uma visão comum sobre um aspecto da cultura e literatura local. O relato

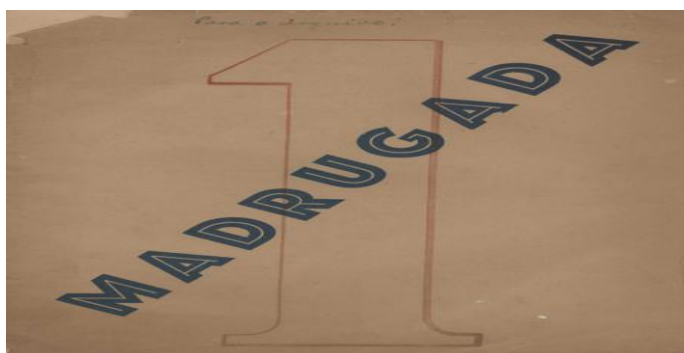
⁹⁶ José Maciel interagiu com os clubistas, nos primeiros anos do Clube da Madrugada, atuando também como parte das ações interdisciplinares do movimento, promovendo um diálogo da produção artística e literária em Manaus durante as décadas de 1950-1960.

⁹⁷ MACIEL, José. Autorretrato. In: **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Nº 32, Manaus: AAL, 2012, p. 17

de Maciel nos esclarece como os clubistas influenciavam, com professores e agentes culturais, outros artistas e eventuais referências para a vida cultural da sociedade local da época, no intuito de trazer a novidade para a cultura letrada em Manaus, a partir da literatura.

Esses modos de expressão seriam materializados na revista *Madrugada*, canal de comunicação e apresentação à sociedade manauara, sobre quem era aqueles jovens escritores; revista, aliás, publicada em um único número em novembro de 1955, um ano após o seu ano de fundação, conforme ilustra a capa abaixo.

Figura 1 – Capa da Revista Madrugada



Fonte: Biblioteca da Amazônia – CDMAM. In: Plataforma ISSUU. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/rev._madrugada_1

Em virtude de não terem o apoio financeiro, algo que viria a ocorrer em meados da década de 1960, como já demonstramos na publicação do *Diário Oficial da Imprensa*, é compreensível de visualizarmos e entendermos a estética da capa da revista. Ademais, a distribuição dela foi dispersa devido às restrições logísticas e financeiras. Era para ser distribuída em apenas algumas cópias, sobretudo entre os membros do Clube, simpatizantes e alguns leitores interessados na escrita criativa local.

Se nessa revista há escritas que ajudam a encontrar denúncias às colonialidades, afirmamos: não; mas, materializa insurgências, haja vista que, na capa da revista, declara-se "Madrugada - publicação independente do Clube da Madrugada", realizando um movimento de ruptura à hegemonia da Academia Amazonense de Letras, porque essa instituição também possui revista. Examinando melhor a revista, visualizamos uma estrutura que possui 36 páginas, com espaço para ilustrações artísticas, anúncios e reclames de seus patrocinadores.

Nela, consta destacar o seu editorial, intitulado: “Critério”. Ele reflete um compromisso de propagar o pensamento e dialogar com as dificuldades enfrentadas pelo país, na década de 1950. Nessa premissa, os clubistas enfatizaram a importância dada a um coletivo que pretendia levar adiante um ideal maior ou transformar a sociedade sob a crítica do pensamento e da produção cultural do período, praticado no Sudeste e Sul brasileiro, não em Manaus, ainda. Nesse sentido, descreveram o papel das ideias como “elementos capazes de realizar”. Assim, a revista buscou ser um “órgão necessário”, capaz de unir vozes e promover um debate que fosse além do local em direção a um projeto maior de renovação cultural e força da nação.

Nesse contexto, interpretamos o reflexo de uma geração que estava inserida em um momento histórico a qual República (1945-1960) vivia sob transformações políticas, econômicas e sociais, regulados sob uma nova Constituição (1946), o governo Vargas e, em seguida, o Kubitschek, que implantaram e encaminham um projeto de desenvolvimento para o Brasil rumo a uma ideia de civilização moderna por meio do progresso industrial e econômico, alinhando-se assim às pautas de um mercado internacional do pós Segunda Guerra⁹⁸.

Diante das tensões e narrativas que se criaram daquele momento, observaríamos que o Clube da Madrugada produziria um “Manifesto”, para seguir adiante tais ideias no plano cultural e comportamental da sociedade manauara, em 1955, isto é, uma comunicação com a sociedade letrada manauara que abrangia o intelectual, a moral, o educacional, a economia e o social.

Voltando ao depoimento do artista José Maciel, com quem o Clube da Madrugada interagiu, e após as primeiras impressões que tivemos da revista *Madrugada*, notamos que os elementos que estavam presentes dessa intencionalidade de trazer o novo, já se fazia em prática, ou seja, já cumpria uma nova demanda de sociabilidades.

Depois de já ter realizado uma exposição individual de meus desenhos e pinturas, sob a chancela do sinete Madrugada, com frequência assídua nas reuniões, fui admitido e recebido pelo Clube da Madrugada em fevereiro de 1966, na gestão do presidente Aluísio Sampaio. Na ocasião, outros artistas e intelectuais também tomaram posse: Hahnemann Bacela, Van Perreira e José Gaspar. Houve discurso do presidente e do padre Nonato Pinheiro, acadêmico, membro da Academia Amazonense de Letras, que era admirador incondicional da jovem e pujante intelectualidade do Clube da Madrugada e, que, desse modo, procurava prestigiar os “madrugadores”, como eram

⁹⁸ Ver mais em: FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. EDUSP, 1996.

conhecidos, pelos saraus de arte e cultura que promoviam num bate-papo interminável que adentrava a madrugada⁹⁹.

Quando José Maciel tratou da admissão formal no Clube e a sua interação com outros artistas e intelectuais, ele acusou uma natureza interdisciplinar do grupo, ou mesmo, uma capacidade dos clubistas de atraírem outros atores culturais, haja vista que ali residia um esforço cultural em romper com modelos hegemônicos. Naquele período, o Clube estava na sua fase inicial: consolidação e ampliação. Não à toa, José Maciel iria dizer o seguinte,

Durante três décadas illustrei contos, poesias e crônicas para companheiros do CM, que eram publicados em Suplemento Literário dominical; para o *Jornal Cultura*, da Fundação Cultural do Amazonas; e para o Caderno de Literatura da União Brasileira de Escritores do Amazonas do UBE-AM (de publicação periódica, assim como a Revista), onde desenvolvi intenso trabalho como redator e ilustrador, desenhei os bicos de pena de cada poeta para a *Antologia Poetas do Amazonas*¹⁰⁰.

Ocorre que o depoimento de José Maciel, a revista *Madrugada*, um trecho da ficção do clubista Arthur Engrácio, todo esse conjunto de informações, possibilita a interpretação de aspectos dinâmicos das redes de sociabilidades presentes uma camada da sociedade manauara dos anos 1950, também reflexo e testemunho da vida cotidiana manauara que estava em processo de mudança.

Diante do que interpretamos do Manifesto e das palavras de José Maciel, visualizamos nos apontamentos do historiador Sidney Chalhoub que a literatura enfatiza as tensões, os valores e os debates de uma época, bem como as redes de sociabilidades presentes.

Em outros termos, ao estabelecermos esse diálogo também com Chalhoub, sobretudo, a partir de uma entrevista publicada na *Saeculum*, em 2009, apreendemos melhor o contexto de produção do Clube, haja vista que o escopo de produção que estamos observando, permite-nos “potencializar a interpretação até literária daqueles textos, (...) numa rede de interlocução social para fora da literatura¹⁰¹ ...”.

⁹⁹MACIEL, José. Autorretrato. In: **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Nº 32, Manaus: AAL, 2012, p. 19

¹⁰⁰Idem.

¹⁰¹CHALHOUB, Sidney. História, Literatura e Legados Historiográficos: Entrevista com Sidney Chalhoub. Entrevistadores: Claudia Engler Cury, Elio Chaves Flores e Regina Maria Rodrigues Behar.

Como exemplo dessa rede, quando José Maciel lembrou que recebeu a visita do presidente do Clube, Aluísio Sampaio, que estava acompanhado de Jorge Tufic e Francisco Vasconcelos (outros dois clubistas), revelou que eles tinham ido convidar o artista plástico a apresentar seu trabalho em uma exposição que o Clube estava organizando. Como bem destacou José Maciel:

Um dia recebi a visita do presidente do Clube, o Dr. Aluísio e com ele estava o poeta Jorge Tufic, hoje meu compadre; segundo me consta, fora o escritor Francisco Vasconcelos, meu conterrâneo, que indicara o meu nome ao CM, com pintor artístico, pois na ocasião o Clube estava à procura de novos talentos para compor e ampliar os seus quadros. Eu passava o dia no ateliê trabalhando formas e cores, e logo Aluísio falara em uma exposição individual que se realizara em 64, no *hall* do *Jornal do Comércio*, na av. Eduardo Ribeiro. A exposição, bastante noticiada pela imprensa, fora um sucesso na época, mil e quinhentas pessoas registradas em livro de frequência passaram por lá¹⁰².

Ao trazermos esse trecho do relato de José Maciel, destacamos como o Clube tinha o intuito de protagonizar eventuais invisibilidades no cenário cultural local. Nesse caso, estamos nos referindo a uma leitura de um movimento articulado que visava protagonizar o que estava no silêncio, silenciamento situado em uma região considerada periférica se comparada aos centros culturais de São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1950, uma vez que uma das pautas do Manifesto consistia em trazer para Manaus uma arte engajada às tensões sociais, econômicas, políticas e culturais de um período de intensas transformações da sociedade brasileira, o que ainda não era rotineiro na cultura local.

Essa percepção possibilita “pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados¹⁰³”. Isto é, as redes de sociabilidades construídas pelo Clube da Madrugada, na sua fase inicial, sinalizam um movimento que ignora e suprime as diferenças culturais e epistemológicas dos sujeitos.

SAECULUM - REVISTA DE HISTÓRIA, n.20, jan-jun. 2009, p. 11 Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11448/6561>

¹⁰²MACIEL, José. Autorretrato. In: **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Nº 32, Manaus: AAL, 2012, p. 17-18

¹⁰³Chartier, 1991, p. 177

Em outras palavras, quando seguimos adiante no entendimento das interações iniciais dos clubistas, como o observado em um trecho da revista *Madrugada*, de 1955, encontramos um trecho, de escrita de integrantes do Clube da Madrugada, a saber: Anísio Mello, Luiz Bacellar, Jorge Tufic, entre outros, o seguinte.

No momento em que o Brasil sofre uma crise total em tôdas as suas fôrças intelectivas, morais, educacionais, econômicas e sociais, a mocidade consciente do Amazonas, agrupada sob a égide do Clube da Madrugada, une-se para defender esta herança social inesgotável que herdamos de nossos antepassados, em cujas causas concernentes à debacle, atuam grupos de caráter negativo anacrônicos, divorciados da realidade brasileira e defensores de posições cômodas e de princípios apátridas¹⁰⁴.

Evidenciamos assim que o desejo de renovação mencionado pelos clubistas não se limitava somente às questões culturais, mas também ao perfil socioeconômico que fundamentava as dinâmicas da sociedade local. Afinal, esse posicionamento dos clubistas, como citado no trecho, possibilita também apreender que os “grupos anacrônicos” e “princípios apátridas” que são divorciados da realidade brasileira, indica uma frustração daquela mocidade a elementos da dinâmica social manauara que regulavam sujeitos desatentos às necessidades do moderno sugerido pelo Estado Novo de Vargas. O Clube da Madrugada assumiu-se como defensor da Modernidade e do progresso.

Todavia, essa renovação não conduz para uma desobediência epistêmica, orientação feita por Walter Mignolo, em especial, quanto à demanda da necessidade de conhecimentos descolonizantes e decoloniais, a fim de que possamos imaginar e construir sociedades democráticas, justas e não-imperiais/coloniais; ou como corroboramos: combater um senso comum que cristaliza a ideia de que é somente no mundo europeu-USA que há conhecimento, ou seja, ao saber que “A geopolítica do conhecimento anda de mãos dadas com a geopolítica do saber¹⁰⁵”. Como resultado desse entendimento, um trecho do editorial da revista *Madrugada* merece destaque:

[...] em função da apatia dos neutros criminosos, vê-se o Clube da Madrugada, reptado a sobrepujá-las, afirmando-se dentro de seus princípios sadios de renovação, pelos quais lutam numa campanha inglória para

¹⁰⁴REVISTA MADRUGADA. **Manifesto**. Revista Madrugada, nº 1, p. 5, nov. 1955. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/rev._madrugada_1

¹⁰⁵MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. *Revista X*, v.16, n.1, p. 24-53, 2021, p. 26

aqueles que desdenham da mocidade contemporânea, todavia, gloriosa, para nós que acreditamos na causa defendida pela mocidade nova do grupo em que nos reunimos¹⁰⁶.

Apreendemos que o Clube se posiciona como um movimento de renovação, mas desconsiderou, muitas vezes, o protagonismo de vozes subalternas outras: negros, indígenas. No renovar não houve o “descolonizar-se o saber”.

Dito de outra maneira, construir uma subversão que caracterizasse uma difusão outra de novos saberes, de identidade local. Logo, em seu tempo, não se trata apenas de um grupo de jovens escritores que se reuniram para discutir e produzir literatura, significou também um coletivo com ideias e visões de mundo, tensionadas pela colonialidade.

1.3 O pensamento Outro para a interpretação histórica de Manaus (1950-1960)

No cenário em que o Clube da Madrugada estava situado, 1950 a 1960, a mobilidade sociocultural precisava de uma produção cultural que se desprendesse de grandes temas e personagens para dar lugar ao real e a expressão dos integrantes do Clube, publicada na revista *Madrugada*¹⁰⁷ por meio do Manifesto, aponta para a responsabilidade que aqueles escritores assumiriam quanto à iniciativa e ao reconhecimento de que era necessário protagonizar experiências e saberes das populações que viviam e construía a região amazônica e, historicamente, foram invisibilizadas:

[...] analisarmos, mais profundamente, a contextura total de nossa sociedade, iremos encontrar nos elementos que formam a nossa elite intelectual dirigente, uma apatia criminosa, no que diz respeito à formação e renovação de valores, que serão responsáveis vindouros de nossos destinos, e, subseqüentemente (sic) continuadores de nossa posição continental¹⁰⁸.

¹⁰⁶REVISTA MADRUGADA. **Manifesto**. Revista Madrugada, nº 1, p. 3, nov. 1955. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/rev._madrugada_1

¹⁰⁷As observações e análises dessa fonte estarão presentes neste e no outro capítulo, o terceiro.

¹⁰⁸REVISTA MADRUGADA. **Manifesto**. Revista Madrugada, nº 1, p. 5, nov. 1955. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/rev._madrugada_1

Com efeito, em parte da produção de Arthur Engrácio, escritor-sujeito¹⁰⁹ do Clube da Madrugada, pode ser vista como um esforço para responder a essa crítica, ao buscar uma representação mais autêntica e menos idealizada da vida na Amazônia, centrando-se na representação da literatura de experiência de personagens subalternizados, profundamente humanos.

Engrácio foi um dos escritores da fundação do Clube. O seu contexto de produção está inserido em experiências de mundo que transitam das décadas de 1940 e 1950. Arthur Engrácio¹¹⁰ veio para Manaus no final da década de 1920 e, em um exercício de reconstrução de suas memórias, em um relato realizado, por meio de uma entrevista por ele concedida ao artista Anibal Turenko, publicada em 2016, no canal do *Youtube* de Turenko, revelou-nos informações coerentes, algo que já foi apresentado acima.

Nela, o clubista afirmou que sua literatura se concentrava em protagonizar juteiros, ribeirinhos, pescadores e outros sujeitos amazônicos, porque conviveu com eles por um tempo significativo de sua vida. A entrevista, que tem uma curta duração, menos de 7 minutos, enfatiza um escritor-sujeito que estava preocupado em falar da vida do interior do Amazonas, dos seus grupos sociais e cotidianos, como aspectos do cotidiano de resistência, de denúncia das violências experimentadas, na valorização de sua cultura local. Como exemplo dessas palavras, a narrativa de Engrácio, intitulada: “João Pretinho”, merece um destaque:

Quem não conhecia João Pretinho, tomava-o como um atleta perdido naqueles cafundós braços que era ver dois toros de aroeira, o peito amplo, as costas largas, divididas em músculos, que cresciam e diminuía ao menor movimento das mãos. Mas, o negro nunca sequer chutara uma bola. Os pés enormes de dedos arreganhados sabiam mas era andar na mata, pisar cabeça de cobra que encontrava dormindo, dar em peito de caboclo nas brigas dos forrós. O físico avantajado vinha do duro trabalho a que o acostumara são Joca, desde os oito anos quando, mortos seus pais, sua avó dera-o ao comerciante. Tome lá, seo Joca, veja o que pode fazer por esse coitadinho!" dissera. - Grandalhão e estabanado. João Pretinho foi a melhor alma que conheci na minha infância. E, também, o maior amigo. Não era inteligente, tinha mesmo muito de ingênuo, de simplório, mas a bondade e a simpatia pareciam suprir essa deficiência. Em vão seo Joca tentou ensiná-lo a ler. Sua cuca, que assimilava com facilidade toda sorte de modinhas, não aceitava a intromissão do alfabeto. "João, tu precisa aprender,

¹⁰⁹Faremos uso dessa expressão, ao longo da tese, para trazer a dimensão da autoria e da condição de sujeito de seu tempo, quando tratarmos da visão de mundo, a questão epistêmica dos escritores que integraram o Clube da Madrugada.

¹¹⁰TURENKO, Anibal. **Entrevista com o Escritor Arthur Engrácio**. 19 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yuceH7vsl0I>

João - admoestava-o o comerciante, eu não quero ninguém burro dentro de casa". "Quá o quê, padrinho, essas coisinhas pretas que nem eu. não entra na minha cabeça, não" respondia. Seo Joca ficava intrigado com aquilo. À noite conversa/a com a sua mulher: "Mas, Josefa, será que eu não consigo mesmo fazer essa criatura ler?" A mulher respondia-lhe: "Ora, Joca, deixa ele de mão. Negro é assim mesmo, tem a cabeça dura. Ele não faz o serviço que tu manda, não ajuda? Então, o que tu queres mais?!..." Seo Joca custou a desistir da empresa que se impusera João Pretinho não nascera realmente para as coisas da inteligência. E era uma pena, pois tencionava fazê-lo o guarda-livros da loja, entregando-lhe a escrituração do conta-correntes e a extração das faturas das transações que mantinha com os caboclos. Mas teve que deixar de mão o nobre intento de alfabetizar o negro. Aborrecido, jogou-o nos serviços mais rudes: roçar, tirar balata, enchiqqueirar bode e curar bicheiras de porco, remar canoa em enormes distâncias e outras tarefas que pudessem machucá-lo e, machucando-o, o obrigassem a entregar os pontos, levando-o a interessar-se pelo estudo. Entretanto, João Pretinho jamais se lamentou ao comerciante. Ao contrário, ria satisfeito quando terminava um desses trabalhos. "O padrinho pensa que eu me aborreço? Que nada! Disso mesmo é que eu gosto, que é trabalho de macho?...", dizia, enfiando na boca uma lasca de tabaco¹¹¹.

Considerando que essa narrativa realiza uma construção do imaginário do clubista de suas experiências no interior do estado do Amazonas, acompanhamos a representação trágica de uma experiência vivida por um jovem que decide sair para caçar lagartos na companhia de um amigo. Durante essa aventura, ocorre um incidente fatídico: João Pretinho é picado por uma cobra e, infelizmente, não sobrevive. A história é narrada em primeira pessoa, a partir das lembranças do amigo que o acompanhou nessa inesquecível jornada.

Há elementos na narrativa que realiza a valorização da subjetividade do personagem negro, o aspecto de que é contada a partir da memória de alguém que teve uma amizade significativa com João Pretinho. Nesse quadro, a narrativa busca protagonizar aquilo que era invisibilizado, denuncia a naturalização da violência. Além disso, é válido comentar que a menção da dificuldade de aprendizagem e a referência a ele como "cabeça dura", apenas reforça o estereótipo negativo com o qual historicamente os negros têm sido associados.

Considerando esses dois aspectos, ocorre que a história de João Pretinho, ao humanizar o personagem e evidenciar sua conexão com a cultura local, apresenta elementos de ruptura com narrativas hegemônicas do ponto de vista da literatura; todavia, ainda assim, não foi escrito por um sujeito negro. Logo, as experiências

¹¹¹Essa narrativa integra um livro que cumpriu o propósito de evidenciar o comportamento, visão de mundo e saberes do homem amazônico, ribeirinho e afrodescendente. Reflete uma parte das experiências interioranas do escritor, da sua infância. Ver mais em: ENGRÁCIO, Arthur. **20 Contos Amazônicos**. Manaus: Edições Puxirum, 1986, p.115-116

representadas pelo texto como expressão do clubista a esse grupo social que constitui quem é o sujeito amazônico possui as suas limitações.

Por conseguinte, o trecho final da narrativa: “Ao contrário, ria satisfeito quando terminava um desses trabalhos. “O padrinho pensa que eu me aborreço? Que nada! Disso mesmo é que eu gosto, que é trabalho de macho?...”, dizia, enfiando na boca uma lasca de tabaco”, evidencia uma escrita que reforça um estereótipo quanto a figura do negro. Há sim uma visão de mundo insurgente por parte de Engrácio, mas sob a lente decolonial, não.

Interpretamos que toda a narrativa é uma tentativa de romper com estereótipos em um jogo de tensões entre resistência e manutenção da estrutura de poder, evidenciado no trecho: “À noite conversa/a com a sua mulher: “Mas, Josefa, será que eu não consigo mesmo fazer essa criatura ler?” A mulher respondia-lhe: “Ora, Joca, deixa ele de mão. Negro é assim mesmo, tem a cabeça dura. Ele não faz o serviço que tu manda, não ajuda? Então, o que tu queres mais?!¹¹²...” Mas, a ruptura não se materializa.

Com efeito, ao dar voz e protagonismo para um personagem negro, apreendemos que ela não fica presa somente à memória do amigo de João pretinho, a narrativa se alinha aos princípios de um pensamento insurgente, algo característico de alguns clubistas – mas, não decoloniais, porque pode ser vista como uma tentativa de documentar e valorizar a experiência de um sujeito afrodescendente, mas desenvolve-se na regulação de um estereótipo, como o observado no trecho: “tencionava fazê-lo o guarda-livros da loja, entregando-lhe a escrituração do conta-correntes e a extração das faturas das transações que mantinha com os caboclos¹¹³”.

Esse cenário representado pela literatura do clubista Arthur Engrácio vem ao encontro ainda de uma mentalidade existente nas décadas de 1950 e 1960, perceptível na edição de 23 de maio de 1960, assinada por Bento de Oliveira, no *Diário da tarde*, em uma coluna intitulada: “Teia de Aranha”, a qual teve o propósito de discorrer sobre o “Novo Amazonas”, em uma clara referência ao momento que o estado vivenciava diante de investimentos do poder público com fins de desenvolvimento econômico e demográfico e tomou o sentimento de setores dominantes da sociedade manauara.

¹¹² Engrácio, 1986, p. 116

¹¹³ Idem

Convém destacar que o *Diário da tarde* estava alinhado ao que o *Jornal do Commercio*¹¹⁴ assumiu como linha editorial, isto é, aos temas relacionados ao desenvolvimento socioeconômico do Amazonas, como também os investimentos que deveriam ocorrer em infraestrutura, transporte e comunicação em Manaus, evidenciando o seu papel de mediar pautas de modernização que visava o progresso para a região.

Cumprir esclarecer também que o *Diário da Tarde* pertenceu ao grupo Archer Pinto e foi uma das primeiras estruturas empresariais de comunicação do Amazonas. Trata-se de um veículo de imprensa local que produzia um discurso hegemônico sobre as pautas da época, como: desenvolvimento, urbanização, o que ajudava a construir um imaginário social e identitário sobre Manaus e o Amazonas.

Nesse cenário, percebemos que foi destacado pelo periódico que o “Estado atravessou uma fase de obscurantismo, de tal forma que figurava no cenário nacional como simples unidade política” (*Diário da Tarde*, 1960, p. 3).

Além disso, é categórico ao afirmar que o Amazonas “tem sido vítima de sua própria grandeza, que acovardou o homem; se não tanto, deu margem ao aventureirismo desastrado...” (*Diário da Tarde*, 1960, p. 3), ocasionando em um “homem assim não podia ser o colonizador de que tanto necessitava a região” (*Diário da Tarde*, 1960, p. 3). Isto é, nisso, havia uma lógica de desenvolvimento na exigência do perfil de um homem que, ao impor o progresso a um território considerado selvagem, ou não desenvolvido, a partir da perspectiva da Modernidade euro-USA-cêntrica para o Amazonas, não protagonizaria os saberes locais e as formas de organização social e econômica já existentes.

Diante dessas observações, o artigo de opinião presente nessa edição do jornal mencionado, associa a um horizonte de expectativas de incertezas, a entrega e responsabilidade de trazer o progresso e a civilização ao homem nordestino, ou a homens como João Pretinho, isto é: “da mesma forma como se abandona um cego no meio duma rua movimentada” (*Diário da Tarde*, 1960, p. 3). Em suma, observa-se que a menção a um grupo social outro, não amazônico, configura ainda a presença da colonialidade do poder, isto é, de aspectos da Modernidade que asseguravam a

¹¹⁴OLIVEIRA, Bento de. **Teia de Aranha**: o novo Amazonas. *Diário da Tarde*, segunda-feira, 23 de maio de 1960, p. 3

incapacidade ou falta de habilidade necessária a tal grupo pelo objetivo de desenvolvimento da região.

Evidentemente, a visão de mundo presente no *Diário da Tarde* (1960) reflete o pensamento da época, ainda fortemente influenciado pelo ideário de exploração e progresso sob a narrativa do desenvolvimento econômico e defesa da soberania nacional na região amazônica. Como resultado, interpretamos que a coluna posicionava o homem que residia no Amazonas (1950-1960) como aquele que não pode ser o protagonista propulsor do progresso, como devia ser, segundo o jornal, haja vista que esse indivíduo “escraviza-se ao seu semelhante abastado” (*Diário da Tarde*, 1960, p. 3). Temos, então, o homem amazônico como um abastado: João Pretinho.

Nesse cenário, surgiu o que o jornal chamou de “idealização por Gilberto Mestrinho”, então governador do Amazonas à época de um “Novo Amazonas”, a partir da necessidade de exames dos supostos erros do passado à terra e ao homem quanto ao aproveitamento social e econômico de suas habilidades de exploração e propulsora de desenvolvimento.

Em outras palavras, o homem do “velho Amazonas” foi alocado para a invisibilidade. Isto significa que a imagem desse “novo Amazonas” representa uma das dimensões da colonialidade, discutidas por Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo, porque se refere ao processo pelo qual as populações colonizadas-subalternizadas são-foram invisibilizadas e visualizadas como obstáculos para projetos de desenvolvimento e progresso.

No entanto, mesmo com as mudanças, as melhores condições econômicas, elas não foram capazes de “livrar o indivíduo das condições precárias, pois o mesmo continuará como um elemento dependente, sem quaisquer oportunidades de luta para alcançar uma posição mais elevada na escala social” (*Diário da Tarde*, 1960, p. 3). Nessa dinâmica, há um padrão epistêmico e nisso reside o fato de que Arthur Engrácio realizou um esforço de uma escrita de insurgência, mas não decolonial, porque não deu voz a negros, apenas a representação deles, como observado em João Pretinho. Aliás, nem em Francisco Vasconcelos, na família de ribeirinhos, também representada no texto *Regime das águas*, encontramos o que foi afirmado.

Por essa perspectiva, reconhecemos que a literatura produzida do Clube da Madrugada emerge de um contexto de produção marcado por estruturas de poder que elaboravam narrativas que visavam o desenvolvimento econômico e social,

desconsiderando o protagonismo local. Nesse cenário, a invisibilidade em João Pretinho identifica essa lógica de exclusão e naturalização de sujeitos negros, ribeirinhos.

Esse espaço de invisibilidade, então, pode ser melhor compreendido a partir de um discurso de memória produzido por outro membro do Clube da Madrugada, Alencar e Silva, o qual tratou de parte de sua trajetória pessoal, sobre Manaus na década de 1950, especialmente nos anos que antecederam a fundação do clube. Todavia, esse registrou só tomou conhecimento público a partir do momento em que foi materializado em entrevista concedida ao artista plástico Anibal Turenko¹¹⁵, publicada em 19 de janeiro de 2016, no qual o clubista nos relatou que nasceu em Fonte Boa, município interiorano do Amazonas, no final da década de 1930.

Considerando que estamos diante de uma memória que foi reconstruída, interpretamos que o relato de Alencar e Silva cumpre um duplo papel: por um lado, descreve aspectos do tecido social e cultural de Manaus em meio a um cenário de restrições materiais e perda de certezas impostas por um mundo em guerra, o que nos ajuda a vislumbrar as condições de emergência de um espaço de sociabilidade literária como o Clube da Madrugada, como veremos; de outro, o esforço do historiador de si mesmo, haja vista que o relato indica que o discurso produzido se posiciona como mediador entre o interior e a capital, entre o passado de Manaus e do escritor, na tentativa de construção de uma interpretação contemporânea dessa passado, por parte do clubista, anos distantes das experiências vividas.

Com efeito, Alencar e Silva informou que, na década de 1940, mudou-se para Manaus com a família e conviveu com as primeiras mudanças sentidas no estado e na capital amazonense, o que foi por ele lembrado em outro momento de sua trajetória, agora em um relato escrito e publicado no início dos anos 2000. Seu relato, aliás, revela informações valiosas sobre as dinâmicas na capital amazonense que visualizamos como elementos de permanência e atuação da colonialidade, naquela sociedade daquele período:

[...] ensinar ao leitor uma notícia pormenorizada da situação em que se encontrava a capital amazonense, no período imediatamente anterior ao surgimento do Clube da Madrugada...as memórias que guardo acerca do

¹¹⁵TURENKO, Anibal. **Entrevista com o Escritor e Poeta Alencar e Silva**. 19 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tk8OxSPV2FY>

tempo e das pessoas que compunham ou vieram a compor o cenário cultural da minha província natal, ao iniciar-me nos mistérios e graças da poesia¹¹⁶.

Ademais, o relato de Alencar e Silva evidencia que o clubista não se posicionou apenas como um narrador dos eventos contados, mas também como parte integrante deles, o que nos ajuda a apreender elementos das dinâmicas de poder e da atuação da colonialidade no período (1950-1960). Segundo Alencar e Silva:

Aos dez anos, eu chegara a Manaus. E logo os rumores da segunda guerra mundial e o afundamento de navios mercantes em águas territoriais brasileiras, por submarinos alemães, ecoavam e faziam sentir os seus efeitos diretamente na capital amazonense, refletidos no racionamento de quase todos os gêneros de primeira necessidade, produtos importados e energia elétrica, até chegar-se, mais adiante, ao permanente blecaute e à volta aos lampiões e lamparinas a querosene¹¹⁷.

Visualizamos nas palavras de Alencar e Silva um contexto de crise global durante a Segunda Guerra Mundial, quando a cidade enfrentava dificuldades severas, como racionamento de bens essenciais e energia. Esses eventos, ainda que aparentemente distantes, tiveram um impacto direto na vida cotidiana dos manauaras, forçando a população a retornar a práticas mais tradicionais e rudimentares, como o uso de lampiões e lamparinas.

As adversidades enfrentadas pela população e a necessidade de retornar a práticas mais simples e autônomas podem ter influenciado a forma como os membros do Clube da Madrugada abordaram a literatura e a cultura, buscando uma expressão mais autêntica e conectada com a realidade amazônica. Isso se alinha com a crítica à "apatia criminosa" da elite intelectual e à necessidade de renovação dos valores culturais, para refletir melhor a realidade local, por eles mencionados na revista *Madrugada*.

Mais tarde essas adversidades seriam agravadas, agora por outras dinâmicas, como as relatadas por Alencar e Silva, já no final da década de 1950 e meados dos anos 1960 da seguinte maneira.

¹¹⁶SILVA, Alencar e. Prelucidação. In: SILVA, Alencar e. **Quadros da moderna poesia amazonense**. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2011, p. 11 (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca. V.6)

¹¹⁷Silva, 2011, p. 12

Estava-se em plena vigência do “Estado Novo”. E a atmosfera que se respirava em Manaus era, como não poderia deixar de ser, quase só aquela “consentida pela censura ditatorial, exercida em todo o país pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Vale dizer: manifestações, só a favor; contra, nem pensar. Eu não conhecera até então outra realidade, senão aquela, mas sentia que havia alguma anormalidade naquilo tudo. Tempos de estranha unanimidade¹¹⁸.

A percepção de Alencar de que havia “alguma anormalidade” sugere, em nossa interpretação, que era necessário haver uma ruptura de pensamento e expressão que pudesse impor dinâmicas outras de liberdade criativa, no intuito de protagonizar o que estava silenciado. É interessante destacar que, ao longo de seu relato, Alencar e Silva exemplifica o porquê do posicionamento dos clubistas contra a estagnação cultural em Manaus naquele período.

Em outras palavras, o relato de Alencar e Silva exemplifica ainda um período em que essas forças opressoras estavam em plena vigência. Nesse contexto, a fundação do Clube da Madrugada pode ser vista como um esforço para “rehabilitar a terra e o homem”, conforme a crítica de Aristóphano Antony (membro da Academia Amazonense de Letras e mencionado no início deste capítulo), criando uma narrativa e identidade cultural que pudesse refletir a realidade amazônica e assim estabelecer um contraponto à presença da colonialidade.

Dessa maneira, quando, na revista *Madrugada*, os clubistas expressaram estabelecer rupturas com a intelectualidade da época, eles se referiam ao que Alencar e Silva também abordou em suas memórias, a saber:

A intelectualidade da terra – excetuada, naturalmente, aquela parcela que atuava extramuros da Academia – era, ainda na metade da década de 50, basicamente a que remanesceu dos idos de 1918 (ano da fundação do silogeu amazonense) e reunia-se, por assim dizer, em torno das figuras de João Leda, Péricles Moraes, Adriano Jorge e Leopoldo Peres, escritores de elevado e justo renome, capazes de brilhar em qualquer vernáculo de cultura, mas que, enquanto viveram, ofereceram tenaz oposição aos cânones da Semana de Arte Moderna, de 22¹¹⁹.

Como é perceptível, Alencar e Silva descreve uma elite intelectual conservadora de Manaus na década de 1950, algo que evidencia em nossa compreensão uma produção cultural ligada às formas mais tradicionais de expressão,

¹¹⁸Idem

¹¹⁹Silva, 2011, p. 12-13

possivelmente limitando a capacidade de inovação e adaptação às novas correntes de pensamento que estavam emergindo no Brasil.

Ocorre que, ao aderir a tradições literárias que se afastavam das experiências vividas na região, a elite intelectual local perpetuava uma forma de colonialidade que valorizava o legado cultural europeu e as convenções do início do século XX, o que Quijano chamará de Colonialidade das Relações Culturais¹²⁰.

Embora Alencar e Silva não expressasse valores ou uma postura decolonial, visualizamos em suas considerações a esse cenário elementos que nos possibilitam apreender algumas dinâmicas da presença das colonialidades na capital amazonense, como observado a seguir:

Enquanto isso, porém, o tempo corria e conspirava contra a produção cultural local e, logicamente, contra o surgimento de novas luzes e talentos. E a coisa começava a repetir-se e a emperrar, enfim. De sorte que tudo parecia mais ou menos estagnado, como um grande rio que de repente deixasse de correr. De fato, só com o término da guerra, o fim da ditadura e a esperada democratização do país, voltar-se-ia a respirar em Manaus um clima propício ao reflorescimento das artes e das letras e ao exercício da liberdade criativa¹²¹.

Percebido de outra maneira, devemos observar que a fala de Alencar e Silva registra a percepção de um campo cultural estagnado e a expectativa de renovação das artes e das letras em Manaus. Seu testemunho deve ser lido como expressão de uma sensibilidade geracional, mais do que como formulação explícita de uma crítica à colonialidade, que não existia. Ainda assim, ele é útil para compreender o clima intelectual que permitiu ao Clube da Madrugada se afirmar como projeto de intervenção cultural, de um lado.

Por outro, compreender esse trecho significa perceber que as comunidades e culturas locais sofriam ainda as consequências da presença da colonialidade do ser e do saber, ou melhor, a literatura produzida na região deveria desempenhar um papel ainda mais significativo na resistência, ou mesmo, na afirmação das identidades locais, em especial, estabelecer um posicionamento de insurgência.

Em outras palavras, realizar esse contraponto só seria possível no protagonismo epistêmico do subalterno, de sua racionalidade, do saber, do conhecer,

¹²⁰Quijano, 2005 *Passim*

¹²¹Silva, 2011, p. 13

da cultura e das relações sociais e econômicas, o que não houve. Como o momento histórico de produção do Clube da Madrugada ainda tinha o pensamento amadurecendo em questões que eram as pautas dos estudos pós-coloniais, antirracistas; como resultado, a subversão, que seria parcial por parte clubista, só ocorreria pela insurgência.

Compreendendo essa premissa, quanto tivemos contato com partes da memória de Artemis Araújo Soares, que interagiu com o escritor Francisco Vasconcelos, em registro memorialístico evidenciado no discurso de posse dela na Academia Amazonense de Letras¹²², em 2018, observamos que o escritor veio para Manaus na década de 1940.

Artemís ainda afirmou que o clubista escrevia com a preocupação de denunciar a condição do homem do interior do Amazonas, ou melhor, visava protagonizar uma imagem desse sujeito sem exotismo ou compaixão¹²³; ou ainda, não era interesse dele exaltar “a miséria e nem o sonho e, também, a ilusão de muitos ribeirinhos de saírem do seu chão e partirem para a cidade grande¹²⁴”.

Considerando que ela fala de um momento em que recompõe suas memórias, quanto a sua trajetória, e estava em momento de sensibilidade mais comovida, porque tornava-se parte de uma instituição cultural e letrada de Manaus de longa data, a Academia Amazonense de Letras, apreendemos que o seu relato revela a este estudo como Francisco Vasconcelos, igual a outros clubistas, como Arthur Engrácio, praticaram uma escrita insurgente. Essa insurgência, aliás, foi representada na narrativa de Vasconcelos, intitulada: “O menino e a Lei”, a segunda da obra: *O palhaço e a rosa*”, publicado em 1963¹²⁵. Logo, o momento em que havia já em Manaus e no Brasil tensões de natureza política e social em virtude de questões ideológicas que atravessaram o mundo, bem como as tensões que as novas dinâmicas de urbanidade trouxeram em Manaus. Vasconcelos produziu o seguinte:

Os homens, indiferentes. Todos. E o menino antecipando a sentença que lhe desejariam mais tarde: apodrecendo. Encaixotada nos séculos, fora de

¹²²SOARES, Artemís Araújo. **Discurso posse da acadêmica Artemis Araújo Soares (Oratória)**. In: **Revista da Academia Amazonense de Letras**. nº 37, Manaus: AAL, 2018, p. 40-52

¹²³Soares, 2018, p. 49

¹²⁴Idem.

¹²⁵No próximo capítulo, voltaremos a tratar dessa fonte, agora, para investigar e identificar os padrões epistêmicos que ela reflete quanto à posição de mundo que o autor expressava e estava inserido, diante da atuação da colonialidade.

prática, toda a filosofia do amor e do bem. Esquecida. Inútil para o menino que não conhecia amor. E milênios de civilização atrás do menino assim... Por tudo isso, um coração acumulando ódio. Um coração nascido para amar. Algo dentro dele querendo sair, tufando. Irresistível desejo de vingança crescendo. Uma ordem em perigo. Foi somente aí que passaram a ver o menino. Medo. A ordem ameaçada. Um apito furando a noite e a lei surgindo para defender a ordem. Aquela mesma ordem incapaz de formar um homem. E a primeira lei que o menino conheceu. Depois que cresceu e se fez monstro¹²⁶...

Compreendemos que Francisco Vasconcelos nos apresenta um elemento de dramas sociais em que meninos, como o representado pela narrativa, estão posicionados na invisibilidade e na privação de afeto. Essa visão de mundo do clubista, expressa por sua literatura, está alinhada aos pressupostos de rupturas, em especial a identificar e estabelecer contrapontos quanto a presença das invisibilidades que não era o padrão observável na cultura local, por meio da produção literária, ao menos presente nos textos publicados em jornais da cidade, o que interpretamos como uma das dinâmicas da atuação da colonialidade, inclusive ao evidenciar os efeitos negativos de narrativas que reduzem um sujeito ou grupo social a sua condição de pobreza ou subordinação.

Esse cenário vai se refletir no espírito de modernização do cotidiano urbano que, com o Clube da Madrugada, inquietou os aspectos socioculturais de seu tempo e queria expressar isso com espaço de divulgação e comunicação de suas ideias na imprensa local. No entanto, é válido ainda observar, como periódicos da época, sobretudo no *Jornal do Commercio*¹²⁷, como esses dispositivos de comunicação enfatizavam esses projetos de desenvolvimento, o que reflete bem a presença das colonialidades.

Isto é, no início da década de 1950, apresenta-se um processo lento e gradual de transformações que viriam a ocorrer na estrutura urbana de Manaus, sobretudo na região central, em virtude da intensa atividade econômica, como já destacamos; nesse contexto, chamou-nos atenção uma edição do jornal mencionado, de 15 de janeiro de 1950, no qual apresentou uma chamada da reportagem que usou o termo “titânico” para trazer a dimensão das mudanças que estavam ocorrendo, isto é, uma referência a construção de pontes que interligariam o centro comercial aos bairros

¹²⁶VASCONCELOS, Francisco Vasconcelos. **O palhaço e a rosa**. 4º ed. Manaus: Valer, 2010, p. 27.

¹²⁷JORNAL DO COMMERCIO. **Obras titânicas desenvolvidas pelo Serviço Rodoviário**. 15 de janeiro de 1950. p.5 Disponível em: [Jornal do Commercio \(AM\) - 1905 a 1979 - DocReader Web \(bn.br\)](#)

adjacentes (Crespo, Morro da Liberdade, Betânia, Educandos, Aparecida, Praça 14), onde trabalhadores ribeirinhos, negros e nordestinos residiam. Com isso, a mobilidade para a ida ao trabalho seria melhor, como também o escoamento de mercadorias para as futuras instalações das indústrias da Zona Franca; em tese, o acesso a uma mobilidade sociocultural, a uma cultura letrada seria maior.

Como o próprio jornal destaca: “Finalmente a nossa capital vai possuir belas e bem construídas estradas de rodagem, para valorização de sua vida, tanto no terreno social, como no econômico¹²⁸.” Essa estrutura estava em vistas de preparação para a implementação de um projeto maior, a Zona Franca de Manaus, que viria a ser concretizado em 1967; ou melhor, essa comunicação do centro comercial ao qual as indústrias seriam instaladas exigiam uma mobilidade fluente. Além disso, o crescimento populacional oriundo do início do processo de industrialização e a migração de grupos populacionais, levou à necessidade de expansão de áreas residenciais.

Uma expressão utilizada nesse canteiro de obras no centro comercial pelo jornal foi o “Ritmo acelerado de trabalho”, tudo para atender às demandas de modernização da capital amazonense. Era, enfim, a outra face de uma cidade, que não era a dos flutuantes; era a versão daqueles que não esqueceram viver em terra firme (em referência à reportagem *Manchete*, já mencionada nesta tese – capítulo 1). Esse conjunto de informações se justifica pelo editorial do jornal, que se centrava em pautas como o comércio, a economia e o desenvolvimento urbano.

Um exemplo desse padrão em relação às publicações eventualmente disponíveis ao público pode ser encontrado em outra edição do *Jornal do Commercio*, datada de 15 de janeiro de 1950 e confirmava aquela estagnação mencionada por Aristóphano Antony, pelos clubistas, evidenciada no suplemento (Magazine), na segunda seção, página 4.

Na edição de 15 de janeiro de 1950, página 4, há o poema de título “Libertinagem¹²⁹”, ao qual pertence a um poeta que era integrante de um grupo de escritores no Pará, na década de 1940, chamado de “Grupo dos Novos¹³⁰” que

¹²⁸ JORNAL DO COMMERCIO, 15 de janeiro de 1950, p. 5

¹²⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Magazine (Segunda seção). **Poema:** “Libertinagem”. 15 de janeiro de 1950. p.4 Disponível em: *Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 - DocReader Web (bn.br)*

¹³⁰ Ver mais em: BARBOSA, Iris de Fátima. **Versos modernos...A paisagem amazônica no imaginário poético de Adalcinda Camarão**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal

representava os conflitos entre diferentes gerações da literatura que se produzia no Pará. O texto foi registrado no periódico manauara da seguinte forma: “Amar somente amar, amar/ todo o meu eu embora sem Poesia/ sobretudo a experiência prática/ e todas as regras do verbo amar. / Amar completamente DESARMADO os tratados poéticos/ os clássicos regulares os escritores/ e todos os eruditos premiados/ principalmente aqueles que morreram fiéis ao verbo amar/ e as pessoas que amam o estrangeirismo/ Amar sòmente amar o poeta que nunca falou em amar/ porém acima de tudo amar os exilados/ que deixaram de amar/ Amar somente amar as conveniências os brasileirismos/ e o amar dos acusados¹³¹.”

Curiosa essa publicação. Se considerarmos que o jornal é um espaço de mediação seletiva, escolhe quem ler, quem enuncia, quem produz o discurso; o fato de o *Jornal do Commercio* dar visibilidade ao “Grupo dos Novos”, ilustra a interlocução do jornal às pautas do desenvolvimento socioeconômico já sentidas em Manaus; afinal, estamos nos referindo a um processo de mudanças que começaria ter dinâmicas a partir de 1950.

Ainda é válido afirmar que a presença de poemas com esse perfil cria uma sensação ao leitor de uma cidade que estava em ritmo acelerado de trabalho, bem como aberta à cultura; mas, a inclusão é seletiva: não são ribeirinhos, indígenas, negros, grupos sociais e étnicos do Amazonas, mas sujeitos que integravam grupos outros de outra região; enfim, paraenses.

Nessa questão, cumpre esclarecer que os escritores do Pará até podiam ser negros ou ribeirinhos paraenses, mas acusamos o fato de não haver o privilégio para o amazonense. Não procuramos saber tal aspecto daqueles escritores, haja vista o foco de nosso estudo ser a literatura que o Clube da Madrugada produziu em Manaus.

Aliás, observamos que o Clube da Madrugada aparece como um grupo que também procurava a disputa por visibilidade justamente nas páginas desse jornal, inserido, portanto, na mesma lógica de validação epistêmica nas relações culturais. Em outros termos, os clubistas disputavam espaço no jornal não apenas como produtores de literatura, mas também como sujeitos que ambicionavam o reconhecimento concedido pelo centro urbano e letrado.

Compreendemos ainda que os escritores do Clube, nessa dinâmica observada, possuem um lugar simbólico de protagonismo, do ponto de vista uma enunciação epistêmica que significasse rupturas às hierarquias que subalternizam e invisibilizam. Isto é, o jornal desempenha um mecanismo de validação epistêmica. Isto significa que escritores e coletivos literários que nele queriam espaço de comunicação, estavam integrados a essa lógica, que é a da colonialidade do saber e das relações culturais.

Em suma, aprendemos que os poetas do Pará e os clubistas são incluídos como “novos”, “modernos”, na lógica apresentada; mas, isso não desloca a lógica de exclusão dos subalternos, ou seja: ribeirinhos continuam em funções de trabalho, nunca como sujeitos de saber. Isto significa apreender que a sociedade manauara do período em que o Clube da Madrugada estava em atuação (década de 1950 a 1960) ainda era fortemente afetado pela influência e seus condicionantes da colonialidade, sobretudo quando visualizamos a padronização dos espaços culturais, espaços periféricos, espaços de mobilidades socioculturais onde trabalhadores e a elite local circulariam.

Considerando que muitos dos clubistas, apesar de não serem decoloniais, desempenharam preceitos insurgentes, observaremos tal aspecto na produção de Arthur Engrácio, como também em Francisco Vasconcelos, sobretudo no texto de Vasconcelos: “O menino e a lei”, uma narrativa de ficção que evidencia, pela subjetividade do escritor, a expressão de um saber que revela como é o tratamento dado por parte da sociedade ou das autoridades públicas aos sujeitos que são invisibilizados e subalternizados.

Temos, então, um guarda policial que deteve um rapaz chamado Zé Pretinho, considerado bandido, e com tal ação visava obter uma promoção. É um reflexo do que estamos argumentando a respeito da presença-atuação da colonialidade, assim percebido: “A sociedade que defendia, não tinha dúvida, era uma árvore doente, cujos frutos, apodrecidos, todos desprezavam. Ali estava um deles. O mundo o fizera assim. Que culpa poderia caber-lhe?¹³²”.

Interpretamos que há elementos do sistema de poder opressivos e hierárquicos que resultam em marginalização e exclusão, classificando assim sujeitos como Zé Pretinho. Isto é, na pergunta percebida no final do trecho, aponta-se para a ideia de que a parcela da sociedade manauara que invisibiliza tem a sua responsabilidade na

¹³²Vasconcelos, 2010, p. 27

criação das condições que moldam a vida de sujeitos como Zé Pretinho. O clubista ainda nos revela o seguinte:

Seu nome?

- José da Silva. - Idade?

-28.

- Nome do pai?

- ???

O guarda, ao lado, ouvia o diálogo. E não sabia por que pensava nos filhos. O homem que prendera não conhecera pai. Lembrou-se do que lhe dissera, da sentença que lhe desejara. E dos gestos bruscos, da arrogância do delegado; da humildade do monstro que, calado, olhos fitos no chão, indiferente, caminhava rumo à cela. Num instante reproduziu toda a cena da noite anterior. E pela primeira vez se sentia frustrado na missão que desempenhava. A sociedade que defendia, não tinha dúvida, era uma árvore doente, cujos frutos, apodrecidos, todos desprezavam. Ali estava um deles. O mundo o fizera assim. Que culpa poderia caber-lhe? Das perguntas do inquérito, muitas ficaram sem resposta. Uma origem de bordel, anônima. Um acaso de vida, nada mais que isso. E naquela existência casual, nenhum sorriso, nenhum afeto. Todos os dias, assim, secos, duros. Nunca um gesto traduzindo carinho. Nada. Os homens, com olhos de estátua, pedras, frios. "Vai trabalhar, moleque!". Onde? E sempre uma feia máscara ensaiando um sorriso. O menino querendo sorver o sorriso e a máscara lhe fazendo medo. O menino fugindo. Fugindo sempre.

- Você tem pai?

- Não.

- Nem mãe?

- Não.

- Coitado!¹³³...

O diálogo inicial no texto, na qual é questionado o José da Silva (Zé Pretinho) sobre seu nome, idade e pai, pode ser interpretado como uma representação das estruturas de poder coloniais que frequentemente desumanizavam e despojam as pessoas de sua identidade e história pessoal.

Além disso, o trecho que traz a pergunta sobre se Zé Pretinho tem pai ou mãe, seguida da expressão "Coitado!", pode ser vista como uma crítica, da parte de Francisco Vasconcelos (o escritor-sujeito) à destruição das estruturas familiares e comunitárias que ocorreram durante o período de influência das narrativas hegemônicas do desenvolvimento econômico e industrial que se estabeleceu em Manaus. Isto é, muitas comunidades indígenas e afrodescendentes foram separadas de suas famílias devido às mobilidades de exploração da força de trabalho, o que resultou em traumas e desestruturação social. Na atuação dessa violência, que é

¹³³Vasconcelos, 2010, p. 26

também epistêmica, notamos aspectos da presença da colonialidade do poder¹³⁴, representadas na escrita de Vasconcelos.

Em seguida, apresentamos alguns relatos dos clubistas que revelam mais de suas mobilidades no início de suas trajetórias como clubistas. Questionamos: Como cada um deles se movimentou para contestar as hierarquias sociais e culturais que os cercavam? Quais caminhos encontraram para amplificar suas vozes, seja através da imprensa local ou de suas obras literárias? E, mais do que isso, como suas experiências pessoais e escolhas refletiram um projeto coletivo de resistência ou que levou à insurgência? Essas são algumas das perguntas que guiarão o capítulo 3.

¹³⁴Quijano ,2005 *Passim*

CAPÍTULO II – O CLUBE DA MADRUGADA E A DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA LITERÁRIA (1950-1960)

Este capítulo procura examinar como as visões de mundo dos clubistas tiveram de se articular com as estruturas de poder e exclusão que marcavam Manaus entre as décadas de 1950 e 1960, em suas redes de sociabilidade, na visão de mundo expressa em seus textos de ficção ou em vozes discursivas deles presentes na imprensa local.

Nesse intuito, faz uso, inicialmente, de narrativas literárias como “Bumbá” e “Rosa de carne”, presentes na obra *Mundo mundo vasto mundo*, do clubista Carlos Gomes, publicada em 1966. A narrativa “O menino e a lei”, do clubista Francisco Vasconcelos, presente no livro: *O Palhaço e a Rosa*, publicado em 1963. Além disso, para ampliar o entendimento, utilizaremos como documentação: o Estatuto do Clube, publicado no *Diário Oficial do Estado do Amazonas* em 1961, e artigos jornalísticos do *Jornal Diário do Amazonas* (1961-1966), ou ainda, na *A Gazeta* (1961), *Jornal do Commercio* (1958 e 1967), a revista *Madrugada* (1955), como também relatos de clubistas em entrevistas concedidas e documentadas no *Youtube*¹³⁵. Aliás, nessas entrevistas, há relatos de clubistas como Arthur Engrácio, Luiz Bacellar, Antísthenes Pinto e Anísio Mello, frutos de um discurso de memória, haja vista que são recentes, no qual lembram e contam de aspecto de suas trajetórias no período que em atuavam no Clube.

Partimos da premissa de que o Clube da Madrugada emergiu como um movimento inovador, já destacado nos capítulos anteriores; no entanto, ao analisarmos suas produções e os contextos históricos em que estavam inseridos (Manaus 1950-1960), notamos que, na composição social dos membros do Clube, a escrita insurgente que denuncia a colonialidade, revela a ausência de autoria negra na produção do grupo, até o momento em que estamos realizando este estudo, o que evidencia os limites de seu projeto de modernização cultural. Logo, este capítulo parte da seguinte pergunta: “De que maneira a produção literária do Clube da Madrugada, inserida no contexto de Manaus entre 1950 e 1960, reflete as estruturas e dinâmica

¹³⁵Canal do artista plástico Anibal Turenko que disponibiliza na internet, no canal do Youtube, entrevistas-documentários curtos (3 a 10 minutos), por ele realizado, com vários escritores do Clube da Madrugada. Ver em: <https://www.youtube.com/@anibalturenko1325>

da colonialidade, padrões epistêmicos, representações do subalterno, na tentativa do que chamaremos de desobediência epistêmico-literária?”

A expressão “desobediência epistêmico-literária” é uma interpretação nossa e resultado dos apontamentos de Walter Mignolo quanto à discussão por ele promovida sobre desobediência epistêmica e as contribuições do historiador Carlo Ginzburg, a respeito do entendimento de como a literatura e os textos culturais podem ser usados para representar histórias de indivíduos ou grupos considerados marginalizados.

No primeiro caso, Mignolo¹³⁶ sinaliza para a necessidade de questionarmos e estabelecermos rupturas às estruturas de conhecimento que fundamentam a Modernidade-colonialidade como forma de pensar e narrar a realidade. Nesse sentido, a literatura é uma possibilidade, por meio de uma interpretação histórica, de desobedecer às epistemologias hegemônicas e oportunizar novas formas de um conhecimento que seja plural. Nas palavras de Mignolo, isto significa:

Epistemic disobedience is, therefore, a necessary step toward decolonial freedom. It implies a delinking from the rhetoric of modernity and the logic of coloniality, and a shift toward the recognition of other epistemologies, other ways of thinking and knowing that have been silenced or marginalized by the dominant Western paradigm¹³⁷.

No segundo, quando Ginzburg¹³⁸ escreveu:

Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala. O que une os capítulos deste livro, dedicados a temas muito heterogêneos, é a relação entre o fio — o fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade — e os rastros. Há muito tempo trabalho como historiador: procuro contar, servindo-me dos rastros, histórias verdadeiras (que às vezes têm como objeto o falso). Hoje nenhum dos termos dessa definição (‘contar’, ‘rastros’, ‘histórias’, ‘verdadeiras’, ‘falso’) me parece algo óbvio¹³⁹.

¹³⁶MIGNOLO, Walter D. Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom. **Theory, Culture & Society**, v. 26, n. 7-8, p. 159-181, 2009. Disponível em: https://monoskop.org/images/c/cf/Mignolo_Walter_2009_Epistemic_Disobedience_Independent_Thought_and_De-Colonial_Freedom.pdf

¹³⁷Mignolo, 2009, p. 160 Tradução para o português: “A desobediência epistêmica é, portanto, um passo necessário em direção à liberdade decolonial. Implica uma desvinculação da retórica da modernidade e da lógica da colonialidade, e uma mudança em direção ao reconhecimento de outras epistemologias, outras formas de pensar e conhecer que foram silenciadas ou marginalizadas pelo paradigma ocidental dominante.”

¹³⁸GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros: Verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹³⁹Ginzburg, 2007, p. 7

Isto é, os “fios”, apreendidos nesta tese como as narrativas de ficção produzidas pelos clubistas e os “rastros”, os eventuais vestígios que elas possam sinalizar para o exercício histórico, possibilitam-nos compreender e visualizar o “labirinto da realidade” que Ginzburg menciona, uma vez que os textos dos escritores do Clube da madrugada, muitas vezes, procuraram trazer rupturas às hierarquias sociais e culturais da época.

Nessa lógica, compreender o movimento de rupturas que o Clube da Madrugada intencionou promover é uma desobediência epistêmico-literária, porque reflete a tentativa de romper com os sistemas de conhecimento colonial e propor uma visão alternativa da realidade amazônica, por meio da cultura.

Entre os objetivos deste capítulo, as observações a serem realizadas visam analisar como os textos produzidos pelos membros do Clube representavam – ou ignoravam – as vozes subalternizadas, como as pretas, em Manaus (1950-1960). Como resultado, o contexto de produção e o horizonte de expectativas do clubista é sempre relevante, haja vista em Manaus (1950-60) haver a predominância de narrativas e influências da modernidade euro-USA-cêntrica que pautavam e hierarquizavam a sociedade manauara a partir da lógica de progresso e desenvolvimento industrial e urbano na década de 1960. Consideramos que, dessa leitura pontual, o processo de interpretação da ausência de autoria negra, no Clube da Madrugada, como reflexo das barreiras impostas pela Modernidade-colonialidade.

Após essas observações iniciais, destacamos as entrevistas que alguns clubistas realizaram para o artista plástico Aníbal Turenko. Nelas, escritores como Arthur Engrácio revelou que o foco de sua produção, especialmente em *Histórias do submundo*, livro publicado em 1960, destaca a “vida interiorana dos nossos caboclos, nossos vários aspectos, como o pescador, o seringueiro, o juteiro, o caçador¹⁴⁰”.

Cumprе destacar que Aníbal Turenko¹⁴¹ é filho de um ex-integrante do Clube da Madrugada, de uma geração clubista da década de 1970, o poeta Aníbal Beça. Isto explica uma aproximação dele com os entrevistados. Diante desse cenário, as entrevistas realizam o papel de preservação da memória dos escritores que com eles

¹⁴⁰ENGRÁCIO, Arthur. 2014, 1:50 min até 2:08 min Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yuceH7vsl0I>

¹⁴¹Ver mais em: CENARIU. **Artista do AM, Turenko Beça apresenta mural sobre cultura urbana e amazônica em exposição em SP.** Revista. Disponível em: Artista do AM, Turenko Beça apresenta mural sobre cultura urbana e amazônica em exposição em SP - Revista Cenarium, ou ainda, BNC AMAZONAS. **Vernissage expõe obras de artistas que se conectam pela diversidade.**

conversaram, haja vista que estão preservadas e disponíveis em um canal no Youtube. Além disso, interpretamos que é o registro de trajetórias de indivíduos que ajudam a manter visíveis a sua historicidade na construção de parte da história cultural de Manaus.

A partir desse entendimento dessa documentação, essas narrativas da memória são registros de aspectos biográficos em que as redes familiares e de sociabilidade reforçam uma dinâmica do passado cultural da cidade. Trata-se, enfim, de entrevistas como uma mediação da preservação da memória, de uma rede restrita a um espaço social que, nas décadas em que o Clube estava na ativa, filtrou hierarquias de prestígio de reconhecimento.

Essa afirmação, para nós, já sinaliza para um movimento que preserva a sociabilidade do Clube, mas também revela uma seletividade do arquivo, porque há um silêncio sobre sujeitos ou grupos sociais que vivem na Amazônia: negros. Em suma, o primeiro registro de entrevista advém dos relatos de Arthur Engrácio, que nasceu em Manicoré (1927), na região do rio Madeira.

Imagem 4 – Arthur Engrácio



Fonte: Aníbal Turenko. Disponível em: <https://www.youtube.com/@anibalturenko1325>

Outra fala que consideramos ser interessante, dada a zona de influência que o Clube tomou, advém das palavras do escritor que viria a se tornar também integrante do Clube da Madrugada: Antísthenes Pinto, que confidenciou: “..quando conheci jovens poetas...Anísio Mello , Jorge Tufic, Farias de Carvalho, Guimarães de Paula, o nosso Luiz Bacellar, enfim, essa plêiade de jovens talentosos e começaram a me

incentivar bastante para que eu pudesse começar a escrever¹⁴²...” Antísthenes Pinto nasceu em Manaus (1929).

Imagem 5 – Antísthenes Pinto



Fonte: Anibal Turenko. Disponível em: <https://www.youtube.com/@anibalturenko1325>

Conforme tomamos conhecimento dos relatos de alguns integrantes do Clube, nessa entrevista, visualizamos que a maior parte dos membros do grupo era composta por homens de classe média, considerados pardos ou brancos (ver Imagem 5), inseridos em uma sociedade local cheia de desigualdades e divisões bem-marcadas.

Imagem 6 – Anísio Mello



Fonte: Antonio Miranda (Online). Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/amazonas/anisio_mello.html

¹⁴²PINTO, Antísthenes. 2014, 1:34 min até 2:02 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y-pfDPNRTol>

Escritores como Anísio Mello, o presidente da época da fundação do Clube da Madrugada (1954), destaca que:

Praticamente nasci em uma biblioteca...meu pai, o juiz e escritor, Otaviano Mello, destacado para várias cidades do interior do Amazonas, carregava como parte maior de sua bagagem uma biblioteca encaixotada...e os filhos, muitas vezes eu o acompanhava, manuseava esses livros, com toda a liberdade, inclusive ele nos ensinava como manusear os livros¹⁴³...”

Elementos da fala de Anísio Mello evidenciam uma formação intelectual imersa em uma cultura letrada, o que não era comum no Brasil da década de 1930 a 1970, sobretudo para negros, ribeirinhos e outros grupos historicamente subalternizados; ou seja, um sujeito atravessado por um contexto de exceção no Amazonas daquele período, em especial, ao afirmar que “praticamente nasci em uma biblioteca”, haja vista que Mello descreve uma experiência que não era comum ao coletivo popular manauara.

Além disso, a parte do cotidiano descrita por ele em que o transportar livros para o interior do estado era algo rotineiro, evidencia um contraponto a idas em territórios em que a oralidade é a marca essencial da produção e compartilhamento de saber: o mundo ribeirinho. Percebemos, então, por meio dessa lembrança de Mello, o surgimento de uma geração de escritores cuja formação se deu não apenas nas escolas, mas no acesso familiar ao livro. Mello nasceu em Itacoatiara, em 1927.

Além disso, falas como também do clubista e poeta Luiz Bacellar, nascido em Manaus (1928), revelaram: “eu, sempre, desde menino, fui um leitor insaciável, desde a enciclopédia britânica, meu pai foi um dos primeiros assinantes em Manaus...até os clássicos, aquela coleção...’Jakcson’, então, a coleção o ‘Tesouro da juventude’ também marcou muito a minha formação literária¹⁴⁴”, reforça o nosso argumento; ou seja, a formação de Bacellar evidencia como a presença da colonialidade do saber, na dinâmica que naturaliza o acesso à informação e à cultura letrada, em desfavorecimento do saber regional, característico movimento de um eurocentrismo, sobretudo se pensarmos no processo de formação do escritor.

¹⁴³MELLO, Anísio. 2014, 0min até 0:38min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1q4nCNXDMCU>

¹⁴⁴BACELLAR, Luiz. 2024, 0:24min até 0:59 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z5IGGkP69Dc>

Imagem 7 – Luiz Bacellar



Fonte: FARIAS, Elaize; GABRIELLY, Anne. Morre aos 84 anos o poeta amazonense Luiz Bacellar. *A Crítica*, 10 de setembro de 2012. Disponível em: <https://www.acritica.com/entretenimento/morre-aos-84-anos-o-poeta-amazonense-luiz-bacellar-1.124852>

Em outras palavras, interpretamos que, quando Bacellar declarou ser um leitor insaciável “desde a enciclopédia britânica” até os clássicos, revela não apenas o gosto literário dele, mas uma estrutura de valores que estava presente na formação das elites letradas em Manaus, um repertório moldado a partir de uma literatura europeia.

Em suma, esses elementos de composição social de alguns integrantes do Clube sinalizam para a compreensão de que o grupo não conseguiu se desvencilhar das estruturas epistêmicas responsáveis pela atuação da colonialidade, isto é: sistemas de conhecimento, poder e organização social, produção cultural e intelectual. E isto revela a presença de uma colonialidade do saber ao percebermos que os clubistas tinham como referência e acesso somente a escritores de base europeia ou aqueles, de outras regiões do Brasil, considerados superiores e universais; lógico, dada a característica de presença e atuação da colonialidade, a naturalização desse referencial; ou seja, em suas falas, não se destacaria um literato negro, conforme os apontamentos de Mignolo (2003) sugerem.

Por isso, interpretamos que a falta de autores negros entre os membros do Clube da Madrugada não foi algo casual. Essa ausência reflete, na verdade, as barreiras criadas por uma sociedade ainda presa aos valores da Modernidade-colonialidade, que perpetuavam ainda exclusões e desigualdades. É um lembrete de

como as estruturas sociais da época limitavam oportunidades e representatividade para certos grupos (afrodescendentes, indígenas, ribeirinhos).

2.1 Autoria para o pensamento decolonial: estatuto, bibliografia e silêncios

Compreender a discussão sobre "o escritor e a autoria", no contexto do Clube da Madrugada entre as décadas de 1950 e 1970, significa apreender que esses termos estão ligados às estruturas de poder, às hierarquias coloniais (o legado delas) e às tentativas de renovação cultural (da parte do Clube) em Manaus, ou ainda, há redes de sociabilidade por onde se constroem as dinâmicas culturais.

Diante dessa afirmação, protagonizamos a presença de Manuel Nunes Pereira, intelectual negro nascido em São Luís, Maranhão, no ano de 1893 que viveu em boa parte de sua trajetória em Manaus, sobretudo realizando viagens ao interior do Amazonas, no intuito de estudar e compreender as dinâmicas de vida e cotidiano de populações indígenas e afro-amazônicas¹⁴⁵.

Sua trajetória é coerente a este estudo porque ele, como um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, também serviu de influência para os escritores do Clube da Madrugada, haja vista sua produção sobre uma reinterpretação da Amazônia.

Pereira frequentava as reuniões do Clube e, embora, não fosse um escritor do grupo, sua influência foi tanta que recebeu o título de honraria, do grupo, de "Cavaleiro de todas as madrugadas do universo", em 1973. Ele representou, já no final da década de 1960 e meados dos anos 70 o reconhecimento intelectual do Clube da Madrugada por uma elite intelectual manauara.

Quanto à documentação que encontramos quanto a ele, adiciona-se a informação de que ele era negro e o único, ainda que não fosse o escritor do Clube, como os escritores que iremos apresentar, a seguir; o que evidencia que a presença dele, segundo a nossa interpretação representou uma referência intelectual¹⁴⁶ ao grupo que não se convergiu em uma ruptura epistêmica, já evidenciado em alguns exemplos ao longo deste estudo, até aqui.

¹⁴⁵FAILLACE, Vera Lucia Miranda. **Arquivo Nunes Pereira**: inventário analítico [S.l.]: Etnolinguística, 2006.

¹⁴⁶Ver mais sobre Nunes Pereira em: PEREIRA, Manoel Nunes. **Moronguetá**: um Decameron indígena. [S.l.], 1949. TAQUIPRATI. **Nunes Pereira, o colecionador de histórias**. 29 de março de 2024. Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1062-o=coleccionador-de-historias>

Em outras palavras, Nunes Pereira foi o mentor informal do grupo, como observamos em documentos como o “inventário de Faillace”. Logo, diante das invisibilidades e silêncios que demarcavam o campo literário manauara da época, o “Cavaleiro de Todas as Madrugadas do Universo” registra tensões das hierarquias da colonialidade do saber, ou seja, leva-nos a visualizar elementos de tal presença, porque Pereira foi o exemplo de comunicar e protagonizar narrativas da oralidade (indígenas) em um período que a narrativa hegemônica estava deslocando os padrões sociais, mas ainda assim dentro de uma mesma episteme que atendia às dinâmicas da colonialidade do poder e das relações culturais.

Imagem 8 – Carlos Gomes



Fonte: Cultura Coariense. Disponível em: <https://www.coari.net/rosa/>

Diante dessas observações quanto ao papel desempenhado no Clube, por parte de Nunes Pereira e tomando como base os apontamentos de Michel Foucault¹⁴⁷ quanto à discussão sobre o que é um autor, apreendemos que cada clubista é uma função discursiva integrada aos valores epistêmicos do período de 1950 a 1970, o que é evidenciado nos padrões que refletem hierarquias relacionadas à colonialidade do saber¹⁴⁸ e das relações culturais¹⁴⁹ marcados por desigualdades em suas narrativas. Como exemplo, vamos observar esse aspecto na narrativa do clubista

¹⁴⁷FOUCAULT, Michel. O Que é um Autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III**: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001

¹⁴⁸Grosfoguel, 2009, *Passim*

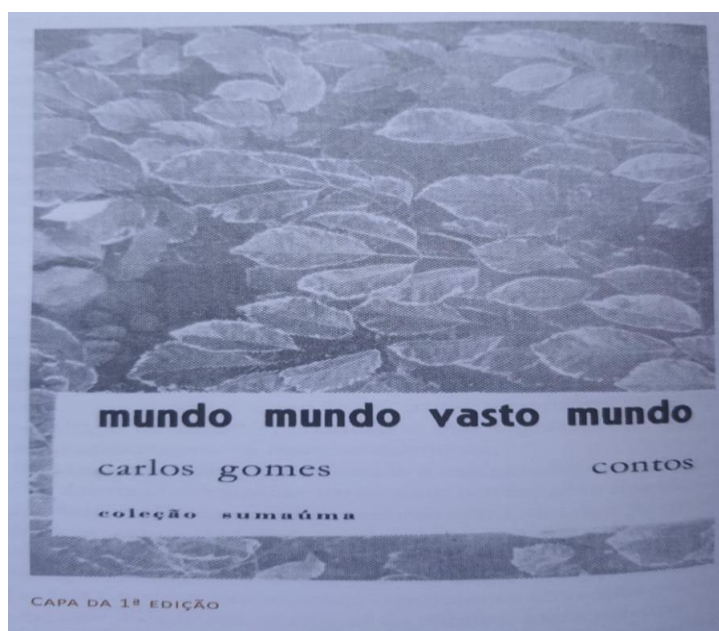
¹⁴⁹Quijano, 2005, *Passim*

Carlos Gomes, escritor nascido em Coari, interior do Amazonas, e intitulada: “Rosa de Carne”, presente em *Mundo mundo vasto de mundo* (1967):

Família pobre com a graça de deus, mas honrada. Eram-no, realmente. Tinham vindo de um interior distante, os trastes alienaram lá mesmo, para custearem os primeiros meses na cidade. O chefe esperava conseguir emprego, não conseguiu. Viviam de vender balas de cupuaçu, o marido às vezes pegava biscates, a mulher também lavava roupa pra fora. O menino ajudava na pequena indústria doméstica, ele já sabia muito bem quando a pasta estava em ponto de bala, mas enquanto não, reparava o tachó que queimava sobre o fogão de barro, de papel vegetal¹⁵⁰.

Carlos Gomes foi escritor do Clube da Madrugada, professor de língua portuguesa da Escola Estadual Solon de Lucena e docente da Universidade Federal do Amazonas. O livro dele mencionado foi publicado três anos depois do golpe militar de 64 e reflete as tensões daquele período não só no Amazonas, como também no Brasil.

Figura 2 – Capa da 1ª edição de *Mundo Mundo Vasto Mundo*



Fonte: Telles; Graça, 2021, p. 459

O livro possui 14 histórias, a saber: “Bumbá”, “Rebolo”, “Vó Hermengarda”, “Rosa de Carne”, “Preto e branco”, “Presságios”, “Reconstrução”, “Assunto perdido”,

¹⁵⁰Gomes, 2005, p. 50

“Madalena”, “Antes da nomenclatura”, “Figa, pé de pato, bangolô três vezes”, “Flor de cacto”, “Pio ofício ou a estranha velha que enforcava cachorros”, “A homenagem”.

Quanto ao trecho apresentado, presente no texto “Rosa de Carne”, é perceptível que a narrativa faz alusão ao período de transformações ao qual Manaus vivenciava nas décadas de 1950 e 1960, sobretudo em virtude dos projetos de desenvolvimento para o estado, já abordado em capítulos anteriores, como também ela realizou a representação da pobreza e das hierarquias sociais do período, as tensões que o deslocamento do rural para o urbano provocou – tudo resultado de outras tensões assim configuradas pela Modernidade-colonialidade. Isto é, elementos que refletem padrões de comportamento ou códigos de conduta relacionados à condição das famílias que correspondiam ao perfil descrito por Carlos Gomes.

Trata-se da sobrevivência em Manaus, na qual o deslocamento não é garantia de ascensão social, mas perpetuação da pobreza, que recebe uma identidade-reconhecimento: pobre com honra, trabalho árduo e dignidade.

Convém destacar que, na narrativa, a afirmação de que a família usava fogão de barro e papel vegetal ilustra bem as ausências do desenvolvimento socioeconômico para alguns grupos daquela sociedade, ou melhor, a escrita de Carlos Gomes nos conduz às denúncias da colonialidades, é insurgente. Afinal, a cidade buscava se integrar ao projeto industrial (Zona Franca de Manaus) e grande parte de sua população continuava ligada aos modos de vida e trabalho que eram considerados não desenvolvidos, periféricos (1950-1960). Como resultado, visualizamos a atuação da colonialidade do poder nesse aspecto de tal contexto.

Nesse cenário, outra documentação, publicada na edição de 16 de outubro de 1961, permite observar que o jornal *A Gazeta* trouxe, em seu caderno de notícias, uma reportagem acerca do cumprimento de promessas feitas pelo então governador eleito, Gilberto Mestrinho, relacionadas ao bairro de Educandos, especialmente no que se refere à aquisição de terras para serem distribuídas à população manauara. Esse aspecto é coerente com elementos identificados na percepção de mundo apresentada por Carlos Gomes.

Trata-se de um dispositivo de comunicação com a sociedade que desempenha o papel de ser o mediador de discursos oficiais, oriundos, então, das ações eleitoreiras do governador Gilberto Mestrinho, ou melhor, o que evidenciava a atuação do poder público da época no processo de integração da cidade, sobretudo no percurso da narrativa do desenvolvimento econômico.

Dito de outro modo, um discurso, por parte de Mestrinho, de compromisso com a periferia, que circunscreve a transformação urbana; mas, não trouxe a percepção de outros grupos sociais, talvez, daqueles que não foram assistidos pelo governo. Nisso, visualizamos a insurgência de Carlos Gomes, de um lado; de outro, observamos que, mesmo diante da visão assumida pelo escritor, há a presença da manutenção da colonialidade do poder.

Antes de avançarmos no relato para ilustrar esse mundo-moderno na qual Carlos Gomes e o Clube da Madrugada estavam inseridos, consta esclarecer que o registro é do jornalista Roberto Mendonça, que realizou um levantamento das edições de 16 e 17 de outubro, no periódico mencionado, e nos serve como leitura de documento daquela época.

Interpretamos ainda que o registro de *A Gazeta*, consultado a partir do levantamento de edições de 16 e 17 de outubro de 1961 e realizado pelo jornalista Roberto Mendonça, não apenas documenta um ato de gestão pública, mas revela alguns aspectos de como a imprensa manauara desempenhava-se como mediadora entre o Estado e um tecido social da cidade que consumia a narrativa hegemônica do período. Desse modo, a reportagem enfatiza que Gilberto Mestrinho comprou pelo valor de 10 milhões de cruzeiros, terras, na região do Educandos, que viriam a ser distribuídas para populares (promessa de campanha eleitoral). Essas terras eram de posse de Pedro Telles e do Dr. Jauary Marinho. O primeiro, político local envolvido em questões relacionadas à distribuição de terras, em Manaus¹⁵¹. O segundo, advogado e membro da Academia Amazonense de Letras Jurídicas¹⁵².

Aquela região, à época, destacada pelo jornal, era pouco favorecida pelo poder público. Ali residiam muitas famílias como aquela representada pela narrativa de Carlos Gomes e urbanizou o lugar dentro da linha de pensamento da década de 1960. A seguir, apresento uma imagem presente no *A Gazeta* que representa bem o que era morar naquela parte do Educandos.

Imagem 9 – Rua Inácio Guimarães, Educandos-Manaus, 1961

¹⁵¹Ver mais em: <https://catadordepapeis.blogspot.com/2019/10/dr-jauary-marinho.html>

¹⁵²Ver mais em: https://archive.org/stream/documentario-de-fundacao/Document%C3%A1rio%20de%20Funda%C3%A7%C3%A3o_djvu.txt



Fonte: MENDONÇA, Roberto. Bairro de Educandos. *In: A Gazeta*, 16-17 de outubro de 1961.
Disponível em: <https://catadordepapeis.blogspot.com/2016/03/bairro-de-educandos.html>

Como bem observado, naquela região, assim como em outras regiões da cidade (mais distantes do centro comercial e cultural de Manaus) era carente da presença do poder público e onde residiam muitas famílias compostas por nordestinos, ribeirinhos, afrodescendentes, ou ainda, indígenas.

É relevante enfatizar que, no fundo da imagem, há a igreja do Educandos (para onde a rua leva ou vem, conforme o deslocamento). Na parte inferior, a rua levaria ao antigo Cine Vitória, um local de entretenimento um pouco mais afastado do entorno do Largo do São Sebastião e mais frequentado por populares. Há ainda a falta de infraestrutura urbana mesclada à presença de moradias simples, um padrão para boa parte da população manauara à época.

Quanto a esse bairro, Isabella de Bonis Silva Simões¹⁵³, em estudos sobre Arquitetura e Urbanismo em interface com a História de Manaus, explica que: “o bairro de Educandos, no século XIX foi loteado pelo estado para famílias abastadas usarem como chácaras e balneários. Mas essas famílias foram perdendo a posse sobre essas terras paulatinamente¹⁵⁴...”

Fazendo a relação desse aspecto da cidade com o que Carlos Gomes evidencia, apreendemos que o clubista, ao descrever uma família pobre que migrou do interior para a cidade em busca de melhores condições de vida, e o cotidiano dela foi viver de biscates e lavagem de roupas para terceiros, é uma descrição

¹⁵³Ver mais para aprofundamento das questões levantadas em tal estudo em: SIMÕES, Isabella de Bonis Silva. **Habitação popular na área central de Manaus:** processos de territorialização e de desterritorialização de palafitas e flutuantes. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: MEIsabellaDeBonisSilvaSimoes_Rev.pdf

¹⁵⁴Simões, 2022, p. 53

representada por um documento do imaginário de outras famílias, do mesmo perfil, que moravam também no Educandos.

A condição da família interiorana, possivelmente de ribeirinhos, é construída a partir de uma visão moralizante, que enfatiza valores como honra e trabalho árduo, alinhada a discursos hegemônicos que associam a mudança da condição social ao esforço individual, ignorando as estruturas de exclusão e desigualdade, aspectos que limitam as oportunidades para grupos historicamente subalternizados.

Em outras palavras, percebemos, até este momento do estudo, que o mesmo olhar que transforma a ascensão social em mérito individual também converte a presença negra em desvio, atraso ou problema público.

Quando realizamos o movimento de entender um pouco mais sobre como era a relação de grupos afrodescendentes em Manaus, no período que antecede o surgimento do Clube da Madrugada, em especial quanto às dinâmicas culturais como uma parte da sociedade ou do poder público observava isso, visualizamos nos apontamentos do historiador Adriano Magalhães Tenório¹⁵⁵ que, durante os anos de 1904 até 1940, manifestações culturais e religiosas de grupos afrodescendentes foram, muitas vezes, conduzidas com repressão por parte do poder público, que estava alinhado ao projeto de urbanização da capital amazonense.

Embora o historiador Adriano Magalhães Tenório tenha abordado questões que envolvem dinâmicas de religiões de matriz africana, ele revela também elementos de um tradicionalismo na formação cultural da cidade, que perpassava pela escola até os festivais culturais, constituídos por brancos. Ademais, uma elite econômica e conservadora, herdeira dos grupos sociais dominantes do período da borracha.

No entanto, para além da generalização do termo, a “pajelança” documentada nas páginas do periódico analisado aparece também como um tipo de prática mágico-religiosa exercida no período. Parece estranho que uma pesquisa histórica em uma região do Amazonas, imediatamente não apresentasse tal aspecto, uma vez que a pajelança fala muito a região. Mas, é preciso afirmar que atualmente a pajelança, nestes termos, enquanto um tipo de prática mágico religiosa, não é uma realidade vista no campo religioso manauara. Atualmente, muito se sabe sobre a presença de diferentes cultos na cidade, no caso das religiões afro-brasileiras, estas são em bom número, com muitos espaços de Umbanda, Candomblé e em menor quantidade o

¹⁵⁵TENÓRIO, Adriano Magalhães. **Pajelanças e cultos pretos em Manaus (1904 a 1940)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em: Microsoft_Word_-_Dissertação_-_Adriano_Tenório__Revisada_x0029_x0020_-_x0020_para_mesclagem

Tambor de Mina, mas, sobre pajelança, não há nenhuma informação concreta. Uma rápida apreciação na literatura especializada, nota-se que a prática ainda é muito presente nas zonas rurais, porém com outras denominações¹⁵⁶.

Conforme afirmação desse historiador, as religiões de matrizes africanas em Manaus possuem significativa presença, em especial a Umbanda e o Candomblé, estabelecidas em um contexto urbano, com resistência. Diante desse aspecto, interpretamos que a invisibilidade, o silenciamento de escritores negros, por sua vez, ocasionou a falta de acesso às expressões das letras ou da arte, e, possivelmente, configura o mesmo padrão de comportamento dado à questão da pajelança, das manifestações culturais e religiosas que Tenório investigou em seu estudo.

Nesse sentido, enquanto a elite cultural e intelectual manauara dominava as narrativas e mobilidades, formas de expressão; aos negros eram relegados espaços considerados periféricos para sua atuação como artistas e escritores. Aliás, Tenório acusa e esclarece, em outro momento de seu estudo, o papel desse domínio narrativa, por meio da imprensa, da seguinte maneira:

[...] o que é realidade no Brasil é a criminalização e perseguição aos cultos e/ou práticas mágico-religiosas, promovidas pelo Estado em parceria com outros setores hegemônicos da sociedade brasileira. Como dito, a imprensa escrita teve papel significativo neste processo, por meio da observação das notícias de jornal do período é possível constatar essa perspectiva¹⁵⁷.

A respeito da atuação da imprensa ainda, é válido trazer a edição do *Jornal do Commercio* de 14 de maio de 1967, no qual Jorge Tufic, integrante do Clube da Madrugada, revelou elementos que são coerentes ao que o historiador trouxe para esta discussão. Nessa edição, o clubista relatou como o clube surgiu, identificando os outros integrantes como cavaleiros da madrugada, em que rituais, no cemitério São João Batista, eram realizados para a chegada de novos poetas¹⁵⁸.

Em outros termos, consta esclarecer que, segundo o que essa documentação nos sinaliza, embora o Clube tenha buscado criar uma identidade própria e até ter

¹⁵⁶Tenório, 2021, p. 12

¹⁵⁷Tenório, 2021, p. 21

¹⁵⁸Fonte: *Jornal do Commercio*, 14 de maio de 1967. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&PagFis=81133&Pesq=14%20de%20maio%201967

dialogado com questões do pertencimento, essa construção permaneceu inserida em um universo letrado, em grande parte, branco e masculinizado, o que ajuda a explicar o porquê a abertura do grupo não se converteu automaticamente em democratização efetiva das vozes negras¹⁵⁹.

Tufic também afirmou que tal movimento fazia parte de uma fase boêmia do Clube e havia uma preocupação de buscar construir uma identidade do grupo com a visão e expressão de mundo que queria realizar, seja por meio da literatura, seja por discussão de outras áreas das humanidades. Por tal razão, ele informava que “trouxe à baila os membros Saul Benchimol e Francisco Batista, que abordaram os temas <A Economia Financeira no Estado Moderno> e < Conceituação do Modernismo no Amazonas>, respectivamente¹⁶⁰...”

Jorge Tufic foi um dos membros fundadores do Clube da Madrugada, ele foi o clubista que primeiro publicou um livro, de poemas, intitulado: *Varanda de pássaros*, em 1956, dois anos após a fundação do Clube e procurou expressar em seus versos dramas e conflitos do homem que vive no Amazonas, sobretudo em contexto urbano.

Destaco que, nesse ano de 1956, Tufic havia alertado para um seguinte comportamento de alguns clubistas, presente na edição mencionada do *Jornal do Commercio*: “Por motivo de ordem interna, vários de seus fundadores abandonaram as rédeas clubistas. As reuniões tornavam-se exíguas. Dava-se o pânico, sobrevinha o receio de estarem repetindo um fracasso¹⁶¹”. Tufic se referia a movimentos ou coletivos outros que surgiram em Manaus, mas acabaram reproduzindo as mesmas visões de mundo e expressões que os estacionavam no início do século XX¹⁶².

Mais tarde, já em meados dos anos 2000, em entrevista concedida a Anibal Turenko, o mesmo artista na qual outros clubistas, como Luiz Bacellar, Anísio Mello e Antístenes Pinto entrevistou, Jorge Tufic revelou a Turenko informações importantes

¹⁵⁹Esclarecemos ainda que Astrid Cabral, escritora que integrou o Clube da Madrugada, foi a única presença feminina com atuação efetiva e visibilidade no movimento. Logo, a sua inserção foi marcada por acolhimento, mas também por uma posição excepcional dentro de um espaço fortemente masculino. Como esse aspecto não integrou o escopo de nossa investigação, ainda que seja muito válido, recomendamos para eventuais discussões: BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. Entre duas cidades: a Ecopoética de Astrid Cabral e a Memória de Eneida de Moraes Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura). Universidade Federal do Amazonas, 2020. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8372/10/Tese_JoaquimBarbosa_PPGSCA.pdf, ou ainda, AMAZONIA LATITUDE. A mulher e a literatura na Amazônia. 2021. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2021/03/09/mulher-e-literatura-na-amazonia/>

¹⁶⁰*Jornal do Commercio*, 1957, p. 9

¹⁶¹Idem

¹⁶²Ver mais a respeito em:

para nossa compreensão de desobediência epistêmica-literária. Tufic falou: “meus pais eram libaneses, tangidos pelas dificuldades da guerra e da ocupação turca, foram dar nas Américas e como o plano maior da extração do látex se dava no Acre, de onde realmente se podia ganhar alguma coisa, eles foram bater no Acre¹⁶³...”

Ademais, Tufic contou que a família foi para Manaus quando ele tinha oito anos de idade. Quando ajudou a fundar o Clube tinha por volta de 24 anos. O seu processo formativo, como leitor, como escritor advém de textos escolares e do contato com uma literatura inglesa, norte-americana ao que ia lendo por meio de jornais ou livros obtidos-lidos em livrarias¹⁶⁴.

Diante desse esclarecimento, visualizamos no artigo jornalístico que Jorge Tufic inicia descrevendo os momentos que antecederam a nomeação do Clube da Madrugada. Segundo o autor, “daí a necessidade urgentíssima que sentiam de fundar um grêmio cultural, uma sociedade diferente, orientada por normas incomuns, que reunisse a todos num bloco de resistência à inércia dominante nos círculos responsáveis pelo incremento das letras e das artes”. Enfim, essas “normas incomuns” mencionadas por Tufic remetem, também, ao caráter boêmio que marcou os primeiros anos do grupo, período em que, conforme relata, “atingira efetivamente o seu auge com as sessões literárias promovidas intramuros do cemitério São João Batista, depois de soar a meia-noite”.

Tufic destaca que a proposta central do Clube era combater o conservadorismo predominante no cenário cultural de Manaus. Nesse contexto, a Praça da Polícia foi transformada em um espaço de encontros e debates, simbolizando resistência às estruturas tradicionais que limitavam a inovação literária e artística. O autor enfatiza, ainda, os desafios enfrentados pelos clubistas para conquistar visibilidade em um ambiente cultural dominado por valores tradicionais.

Esses valores, como aponta Adriano Magalhães Tenório, também se manifestavam nas dinâmicas culturais que marginalizavam grupos afrodescendentes. Tenório, em suas análises, explica que a permanência de silêncios e invisibilidades na cultura amazônica, padrões que também podem ser observados nos relatos de

¹⁶³TUFIC, Jorge. 2014, 0:02 min até 0:25 min Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uA3OI1e-Y_w

¹⁶⁴TUFIC, Jorge. 2014, 0:01 min até 3:28 min Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uA3OI1e-Y_w

Luiz Bacellar e Anísio Mello sobre o processo formativo de escritores fundadores do Clube da Madrugada.

Como já apresentamos em momento anterior deste capítulo, as falas desses dois clubistas sugerem que as experiências de invisibilidade enfrentadas por negros no cenário cultural local configuravam um padrão epistêmico de silenciamento, reforçado por uma hegemonia eurocêntrica nas práticas literárias e artísticas da época.

Um exemplo emblemático dessas dinâmicas é a questão da pajelança que, segundo Tenório, não ocupava um espaço central em Manaus, sendo um elemento mais presente em zonas rurais e marginalizado nos contextos urbanos. Isso indica um processo de transformação e, simultaneamente, de apagamento das tradições culturais amazônicas, especialmente de origem indígena e afrodescendente, em favor de práticas alinhadas à Modernidade. Essa invisibilização reflete relações de poder marcadas pelo antagonismo entre o urbano e o rural, perpetuando as violências simbólicas da colonização. Assim, a subalternização e o silenciamento das vozes indígenas e negras do discurso cultural urbano (Manaus – 1950-1970) é mais um indício das consequências da colonialidade no campo das artes e letras e, por esteira, a ausência de escritores negros no Clube.

Nesse panorama, interpretamos que a atuação de Gomes reflete um esforço de identificar e valorizar as identidades amazônicas, desafiando o discurso hegemônico do desenvolvimento moderno que predominava em Manaus entre as décadas de 1950 e 1970, por meio do que chamamos de desobediência epistêmica literária. Essa postura crítica pode ser interpretada como um movimento de giro decolonial, haja vista que visava desobedecer aos padrões epistêmicos impostos e promover novas formas de representação cultural e literária, como, por exemplo, no texto “Rosa de Carne”, no protagonismo de famílias ribeirinhas, retratando-as, apresentando as contradições da narrativa do progresso.

Considerando o Clube da Madrugada em seu contexto histórico, é evidente que o coletivo não apenas buscava romper com o conservadorismo literário, mas também expressava, em suas práticas, as hierarquias sociais e raciais da época. Os autores vinculados ao Clube estavam inseridos em uma estrutura de poder que determinava quem tinha acesso aos espaços de produção cultural e intelectual. A autoria, nesse cenário, era mais do que a criação literária: envolvia a capacidade de legitimar discursos, definir narrativas e estabelecer o que era considerado “literatura legítima”.

Conforme os apontamentos de Foucault, apreendemos que o escritor está associado à função do escrever, e nesse movimento, ele se apaga, na qual a escrita é a abertura de um espaço em que o sujeito que escreve não expõe suas individualidades, mas realiza uma transgressão de suas características. Nas palavras de Foucault, isto significa:

[...] o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. Tudo isso é conhecido; faz bastante tempo que a crítica e a filosofia constataram esse desaparecimento ou morte do autor¹⁶⁵.

Em outras palavras, os clubistas, então, pela escrita de ficção a que se propuseram realizar com e a partir do Clube da Madrugada, obtiveram a função social e cultural de representar a realidade a partir de seu horizonte de possibilidades; naturalmente, seria revelado as estruturas de poder e hierarquias sociais, elementos de um padrão epistêmico que se fundamenta na colonialidade que iria se sobrepor, estar presente na escrita. Logo, a ruptura que o movimento cultural propôs e realizou ainda estava marcada por tensões, disputas por espaços de narrativas hegemônicas.

Aliás, a esse respeito, Gayatri Spivak, que questiona "quem pode falar?" e "quem pode representar os subalternos?", argumenta que os grupos subalternizados, especialmente mulheres e povos colonizados, são frequentemente silenciados e excluídos dos espaços de produção cultural e intelectual, da vida política.

Esse padrão de comportamento advém do que ela explica como: "resultado de um desejo interessado em manter o sujeito do Ocidente, ou o Ocidente como Sujeito¹⁶⁶". Isto é, as estruturas construídas pelo padrão epistêmico, que é eurocêntrico, privilegiam a perspectiva ocidental como universal e dominante, de um lado. De outro, as vozes e experiências dos subalternos são relegadas à periferia ou apagadas, silenciadas, tornam-se invisíveis.

Diante dessas observações, apreendemos que a invisibilidade de populações negras do espaço literário e cultural manauara, durante o período de produção do Clube da Madrugada (1950-1960), reflete um cenário amplamente moldado por estruturas de colonialidade.

¹⁶⁵Foucault, 2001, p. 7

¹⁶⁶Spivak, 2010, p. 25

Considerando que ribeirinhos, os pardos (afrodescendentes), compartilhavam de experiências urbanas dramáticas em uma Manaus das décadas de 1950 e 60, o texto “Rosa de Carne”, do clubista Carlos Gomes, se conecta bem, expressa bem tal aspecto de experiência.

A rosa de carne doía na mão do menino. As pétalas apodrecidas efervesciam, se lhe deitassem hipoclorina. O antisséptico a despojava de suas cores, ela ficava branca, branca, como se fosse uma pobre rosa coberta da poeira dos caminhos, mas continuava a danada doendo na mão do menino. O cheiro das pétalas não sabia bem. Havia que removê-las, para nascerem outras com odor de carne sadia. Rosa de carne, pétalas humanas, vermelho-vivo umas, amarelas outras, apodrecendo a mão do menino. Ele chorava quando iam tratá-la. A mãe gemia não chores, meu filho. Mas, como não chorar se mexiam na rosa de carne? Éter primeiro, a rosa esfriava, esfriava, nem parecia de carne. Depois, a hipoclorina a expungia de sua fetidez. E o estilete removia suas pétalas amarelecidas, brotavam outras vermelho-vivo em lugar daquelas. Toda a corola, então, lembrava a rosa primitiva, do tamanho de uma moeda de trezentos réis¹⁶⁷.

Como observado, a rosa apodrece e dói na mão do menino, tratado com éter e hipoclorina. A rosa que apodrece e “fica branca” sob tratamento médico simboliza a violência simbólica da colonialidade: o corpo pobre e mestiço só é digno de representação quando conformado a padrões alheios. O castigo do menino, por um erro em uma venda de balas, expõe a lógica perversa de uma sociedade que criminaliza a pobreza.

Interpreto que Gomes, aqui, avança ao denunciar a desigualdade, mas repete um gesto colonial ao narrar o subalterno sem ceder-lhe a palavra. Essa tensão é constitutiva da desobediência epistêmica do Clube, isto é, seu mérito está em tornar visíveis as fissuras da atuação da Modernidade-colonialidade em Manaus, ainda que dentro dos limites impostos pela autoria branca/parda. Logo, compreendo que a presença, ou melhor, a representação de grupos subalternos, na produção do Clube da Madrugada é tanto um ato de insurgência quanto um sintoma da colonialidade. Sua literatura expôs as feridas da modernidade manauara, mas a cura – a plena voz dos subalternizados – exigiria não apenas falar sobre eles, mas ceder-lhes o lugar de fala. Essa é a fronteira não transposta pela desobediência epistêmico-literária do grupo.

¹⁶⁷Gomes, 2005, p. 49

Em suma, o subalterno é representado, mas não ouvido em seus próprios termos. Porém, a narrativa clubista nos convida a questionar não apenas o que é dito, seja no manifesto do Clube, nas produções de ficção deles, mas também o que é silenciado e como as estruturas de poder moldam as possibilidades de representação e fala de um sujeito histórico, historicamente subalternizado pela Modernidade-colonialidade. Reside nesse movimento a desobediência epistêmico-literária.

2.2 A Literatura do Clube da Madrugada e a Invisibilidade das Vozes Negras

Os apontamentos de historiadores como Sidney Chalhoub¹⁶⁸, nas relações entre a História e a Literatura, nos permitem apreender que a literatura pode ser um espaço de contestação e reprodução das hierarquias sociais. No caso do Clube da Madrugada, nosso entendimento dessa relação nos possibilita afirmar que as narrativas clubistas buscavam valorizar o homem amazônico e a realidade local por meio de práticas de escrita de insurgências.

Nessa premissa ainda, embora Chalhoub tenha analisado como Machado de Assis abordou questões relacionadas à raça e à escravidão negra, em um Brasil do final do Império, quanto às dinâmicas de uma sociedade elitista e econômica, detentora das epistemes oficiais do final do século XIX e início do XX, em integrar, ou mesmo, aceitar o negro nas redes de sociabilidade, ainda assim, o escritor brasileiro expressou bem como as violências que os afrodescendentes ou negros livres eram vivenciadas por um corpo social oligárquico: a invisibilidade e o silêncio.

Há nesse aspecto uma tensão social e cultural. Diante disso, o historiador esclareceu como houve uma naturalização do processo de invisibilidade negra, presente na visão de Machado de Assis. Isto é, Chalhoub destacou que Machado de Assis, um afrodescendente, tratou de questões relacionadas aos temas mencionados, em especial “o costume senhorial da violência sexual contra as mulheres negras e a leveza moral dos senhores quanto aos sentimentos afetivos delas¹⁶⁹”, ou ainda, “a

¹⁶⁸CHALHOUB, Sidney. Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães (Org.). **Pensadores negros - Pensadoras negras**: Brasil séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2020. p. 99-124.

¹⁶⁹Chalhoub, 2020, p. 82

relação entre divisão do trabalho, ideologias científicas e indiferentismo ou insensibilidade social”.

Em outras palavras, o historiador analisou como o escritor brasileiro abordou elementos que convergiam para uma naturalização do que é ser negro, integrados às dinâmicas sociais e culturais da sociedade brasileira da época.

Quanto a esse legado da produção do silêncio, quando compreendemos a sua arguição e pensamos na invisibilidade presente nas dinâmicas culturais de Manaus (1950-1960), sobretudo a partir do Clube da Madrugada: reflexo de dinâmicas da sociedade manauara da época, observamos que o fato de não haver escritores negros no grupo já estabelece uma coerência com o que Chalhoub investigou.

Há um terceiro movimento bastante nítido na obra de Machado de Assis quanto à fatura histórica do racismo: qual seja, a denúncia da produção de silêncio a respeito do legado da escravidão e suas consequências para a sociedade brasileira, em particular no que tange às condições de vida dos afrodescendentes¹⁷⁰.

O que apreendemos, então? Há uma clara funcionalidade da literatura em evidenciar campos de disputas, sobretudo quanto às hierarquias sociais que denunciam questões relacionadas ao silêncio de sujeitos e grupos afrodescendentes. Dessa maneira, inicialmente, entendemos que a ausência de escritores negros, no século XX, é um movimento de naturalização de padrões epistêmicos e histórico, e isto sinaliza que a presença de tal particularidade não é intencional da parte do Clube, haja vista que as hierarquias raciais da época sugerem que informações a essa dinâmica na literatura e no campo da arte sequer chegou ao cotidiano do negro, ou melhor, na área da cultura. Em outros termos, o silenciamento se constrói em camadas: primeiro, pela composição interna do grupo; depois, pela seleção de repertórios e referências de mundo da época, ao qual estavam circunscritos. Assim, até o momento de desenvolvimento deste estudo, via documentação utilizada, afirmamos que a invisibilidade negra não aparece como simples falta, mas como efeito de uma ordem simbólica e social que regulava o que poderis entrar no campo literário produzida em Manaus, nas décadas de 1950 e 1960.

¹⁷⁰Chalhoub, 2020, p. 93

Com efeito, as palavras de Chalhoub esclarecem também que esse movimento do silêncio integrava e moldava dinâmicas de identidade, como também de reconhecimento do sujeito que é afrodescendente. Logo, a ausência de escritores negros em movimentos literários ou artísticos como o Clube da Madrugada constituía um processo histórico que controlava quem tinha acesso a esse tipo de manifestação cultural.

Diante dessas observações iniciais de tal tópico, interpretamos que esse movimento, que é também epistemológico, “significa que temos que levar em conta todas as estruturas de poder existentes, para, em seguida, avaliar como mudamos daqui para outro mundo possível livre de toda forma de subjugação¹⁷¹. Logo, quando pensamos na documentação ao qual tivemos acesso, o Artigo 1 do Estatuto do Clube da Madrugada, o qual institui que o Clube “permite a livre manifestação do pensamento e tem por propósito o estudo, o desenvolvimento e a divulgação dos diversos ramos das ciências, das letras e das artes¹⁷²”, apreendemos que esse estatuto revela que o contexto de produção dos clubistas, a visão de mundo deles, a proposta do coletivo e o momento histórico em que estavam inseridos, assim como o padrão epistêmico que condicionava limites ao que buscaram realizar no campo da arte e da cultura, evidenciava uma tensão entre o novo e passado cultural, a manutenção e a denúncia, a contradição e a novidade. Em suma, essa concepção que fazemos nos permite compreender melhor eventuais contradições presentes na produção clubista, como também as condições históricas e sociais que moldaram a atuação deles.

Além disso, a livre expressão e a promoção do estudo de diversas áreas do conhecimento, assim orientado pelo Estatuto do Clube da Madrugada, sugerem uma tentativa de ruptura com as estruturas de poder que, historicamente, controlaram e hierarquizaram as formas de saber na cultura local, como é registrado no Artigo 2 do Estatuto, limitadas às questões estéticas-literárias:

Art. 2º - Para cumprimento do que se propõe, o Clube promoverá:

- a) – a organização de uma biblioteca;
- b) – a instituição de concursos anuais, com prêmios aos autores de obras de poesia, ficção ensaio, teatro artes plásticas e rítmicas, com regulamento previamente discutido em sessão convocada pela Presidência da Sociedade;

¹⁷¹Idem.

¹⁷²AMAZONAS. DIÁRIO OFICIAL. Estatutos do Clube da Madrugada. In: DIÁRIO OFICIAL. **Publicações Diversas**. 4ª feira, 20 de dezembro de 1961, p. 3

- c) – a realização de conferência, seminários, palestras e debates sobre assuntos de caráter científico, literário, artístico ou outros que, por sua oportunidade ou magnitude, atendam ao interesse geral;
- d) - o lançamento e a exposição de livros ou trabalhos de arte em geral, especialmente de autores pertencentes ao Clube¹⁷³.

Dito de outra forma, interpretamos que o artigo 2 reforça a intenção clubista em renovar e propor uma outra forma de produção cultural, sobretudo no campo das letras e das artes, a partir de criação de biblioteca, realização de concursos literários e artísticos, como também conferências e debates. Há nesse movimento um esforço de democratizar o acesso à cultura e ao conhecimento cultural e artístico. E isto se alinha à ideia de Mignolo, haja vista o Clube da Madrugada se comprometer com o desenvolvimento e a divulgação do conhecimento em suas múltiplas formas, em um movimento crítico que buscou a ruptura de práticas culturais quanto às epistemologias que sustentavam a sociedade desigual da época, nisso visualizamos que a produção clubista revelou a denúncia de elementos que integram a colonialidade das relações culturais¹⁷⁴.

Ademais, interpretando melhor tais aspectos, a partir dos apontamentos de Sandra Pesavento¹⁷⁵, no qual evidenciam que a literatura é um espaço privilegiado para a construção e contestação de imaginários sociais. Isto é, apreendemos do Estatuto do Clube da Madrugada que o movimento, ao buscar romper com o imaginário exótico atribuído à Amazônia-Amazonas, refletia as tensões entre a modernização cultural e as dinâmicas de manutenção das colonialidades.

A partir do que interpretamos das rupturas propostas pelos clubistas, pelas tensões históricas que desafiavam e pela presença dos elementos de silenciamento – configuração das dinâmicas da colonialidade, presentes no Estatuto do Clube, chamaremos de “Natureza de Tensão”, para fazer referência às disputas presentes no contexto histórico de produção do Clube da Madrugada, as eventuais origens. E as consequências, os impactos, como “Efeitos de sentido da tensão”, conforme posto no quadro 2.

¹⁷³AMAZONAS. Arquivo da Imprensa do Estado do Amazonas **Publicações Diversas**: Estatutos do Clube da Madrugada. Manaus, 1961, p.3 Disponível em: <https://diario.imprensaoficial.am.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1818#/p:3/e:1818?find=clube%20da%20madrugada>

¹⁷⁴Quijano, 2005 *Passim*

¹⁷⁵PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org). **História e Literatura**: Identidades e Fronteiras. Uberlândia: EDUF, 2006.

Quadro 1 – As tensões no-do Clube da Madrugada (1950)

Natureza da Tensão	Os efeitos de sentido da tensão
Modernização x Heranças coloniais	O Clube propôs modernizar a cultura local, mesmo com reflexos das hierarquias do poder e do saber.
Ruptura com o imaginário exótico e subalterno da região e do homem.	Produção de narrativas insurgentes.
Inclusão e exclusão.	Os subalternos foram representados na ficção clubista.
Desobediência epistêmico-literária.	Questionamento de narrativas hegemônicas no campo do conhecimento e da cultura, houve limitações dado o contexto histórico em que os clubistas estavam inseridos.

Fonte: Autoria Nossa (2025).

Quer dizer, considerando a revista *Madrugada* (1955), a natureza da tensão do “Modernidade x Heranças coloniais” está presente na revista quando o grupo, na sessão “Notícia Biográfica” e “Kierkegaard, o dialeto intrépido” mostra presença de autores estrangeiros, o que revela uma tentativa clubista de alinhar o discurso de modernidade local ao horizonte universalista europeu, o que seria reforçado em outra sessão: “Novos caminhos econômicos”.

O que compreendemos? O Clube, nessa premissa, surge sob o signo da contradição. Em outras palavras, trata-se de um dispositivo de comunicação com a sociedade, escolhida assim pelo grupo, que revela a tensão interna entre a renovação cultural e a limitação social que o Clube tinha, ou seja, ele não contemplou camadas sociais urbanas operárias ou culturais localizadas em áreas mais afastadas da região central de Manaus, do entorno do Teatro Amazonas, da sede da Academia Amazonense de Letras, do Instituto de Educação do Amazonas, do Colégio Dom Pedro II, da Praça Heliodoro Balbi.

Diante dessa compilação das motivações socioculturais que alimentavam o imaginário do fazer daqueles clubistas, interpretados a partir dos apontamentos de Pesavento, o Clube da Madrugada como um espaço de privilégio de uma literatura de contestação e, do ponto de vista da autoria do Clube, como lugar de privilégio relativo. Todavia, observamos que essa reação não implicou, necessariamente, na superação das hierarquias sociais que estruturavam a cultura manauara nas décadas de 1950-1960, sobretudo porque o acesso ao campo literário continuou filtrado por vínculos de classe, escolarização e pertencimento racial, aliás, percebido com clareza nas entrevistas que Aníbal Turenko.

Isto é, tensões que revelam tanto a luta por uma nova identidade amazônica quanto os limites impostos pela colonialidade, haja vista que o referencial, até meados do século XX para região, era fundamentado na manutenção de uma visão exótica, subalterna e folclórica. Assim sendo, nessa identidade sobre tal lugar, historicamente há uma tradição de escritores brancos.

Como resultado, a ausência de autores negros é reflexo epistêmico de hierarquias sociais e culturais, desde o período da escravidão negra, até a uma manutenção de mecanismos sutis de invisibilidade, por parte de uma elite cultural e conservadora em Manaus, antes e durante o contexto de produção do Clube da Madrugada. Isto é, embora no Amazonas a presença negra foi menos intensa que em outras regiões, após 1888, a marginalização-invisibilização do negro persistiu. No contexto do Clube, de 1950 a 1960, a modernização de Manaus por via da indústria (Zona Franca), reforçou hierarquias socioculturais em que ribeirinhos e afrodescendentes foram posicionados em lugares subalternos.

Em outras palavras, a expressão do imaginário clubista é reflexo de uma literatura que expressa o saber de um tempo, não apenas sociais e culturais, mas também histórico em Manaus, como discutido no primeiro capítulo desta tese, no qual o silêncio da autoria negra também pode ser compreendido como um movimento de intencional de não reconhecimento, ou mesmo de identificação de vozes e experiências subalternizadas negras.

Em outra documentação ao qual tivemos acesso, a revista *Madrugada*, publicada pelo Clube e de forma independente, em 1955, por exemplo, exerceu a função de ser o canal de comunicação do grupo, a porta-voz de uma “mocidade contemporânea” (como eles se chamavam), ou seja: “...dentro de seus princípios sadios de renovação, pelos quais luta numa campanha inglória para aqueles que

desdenham da mocidade contemporânea¹⁷⁶...”. Aliás, a autodefinição dos clubistas como mocidade que iria renovar as questões culturais, ajuda-nos a compreender que, ao ocuparem a Praça da Polícia, o Café do Pina e outros espaços do centro, os escritores instituíam também uma geografia simbólica do saber, na qual a legitimidade e o reconhecimento da prática literária se concentravam em zonas de circulação restrita e pouco abertas às experiências afrodescendentes e periféricas.

Em suma, visualizamos que, em tal documento, o Clube tentou criar espaços onde outras formas de existência pudessem ser reconhecidas e valorizadas, contribuindo para um crescente protagonismo de uma diversidade cultural local, mas isso não chegou ao escritor negro, provavelmente por conta do acesso a uma cultura letrada ou educação de formação literária. Nesse sentido, o manifesto e o estatuto não funcionam apenas como documentos institucionais, mas como indícios de uma modernidade cultural incompleta. Eles anunciam ruptura, mas não eliminam as assimetrias que regulavam quem poderia falar, publicar e ser reconhecido como escritor em Manaus, deixando entrever que a renovação clubista foi real, embora socialmente limitada

Diante desse entendimento, interpretamos que, em virtude da presença-naturalização de um sistema epistêmico que reservou a produção e expressão da subjetividade/pensamento a uma elite branca, a atuação da colonialidade do saber invisibilizou autorias negras na literatura, ou melhor, na cultura negra, em Manaus (1950-1960).

Isto é, no mesmo documento mencionado, na página dezoito da revista, em uma matéria intitulada: “Clube da Madrugada: seu primeiro ano de existência – antes um sonho, hoje uma realidade preocupada – atividades realizadas e a realizar”, os clubistas fizeram um balanço do que avançaram frente ao desafio encontrado, as rupturas desejadas e a manutenção de seu posicionamento. Nesse cenário,

Estamos convictos de nossa posição e não cederemos um passo, nesta fase, em que urge a nossa presença para advertir e construir, na esfera pensamental uma nova órbita de ideias. Se fôr necessário derrubar ídolos, tirar máscaras, eis o momento, mesmo porque não adoramos totens, nem nos prostamos aos pés de falsos deuses¹⁷⁷.

¹⁷⁶REVISTA MADRUGADA. **Manifesto**. Revista Madrugada, nº 1, p. 3, nov. 1955. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/rev._madrugada_1

¹⁷⁷REVISTA MADRUGADA. **Manifesto**. Revista Madrugada, nº 1, p. 18, nov. 1955. Disponível em: https://issuu.com/bibliovirtualsec/docs/rev._madrugada_1

Diante dessa perspectiva, interpretamos, após observar as narrativas de Carlos Gomes, periódicos, o Estatuto do Clube da Madrugada, relatos, por meio das entrevistas concedidas por alguns clubistas, como Luiz Bacellar, Jorge Tufic, Anísio Mello e Antísthenes Pinto, que não há menção à autoria, ou ainda, a presença negra no Clube. Há apenas a presença e a representação de negros por meio dos textos narrativos dos clubistas.

Dito de outra maneira, essa constatação demonstra que a abertura estética e discursiva reivindicada pelo Clube da Madrugada não se converteu em atuação das subjetividades negras no campo da autoria. Em vez de ocuparem o lugar de enunciação, os sujeitos negros aparecem, sobretudo, como objeto de representação, o que confirma os limites sociais e epistêmicos da modernização literária proposta pelo grupo e regulados em Manaus de anos anteriores. Após essas observações, percebemos posicionamentos da escrita de alguns clubistas, caso de Francisco Vasconcelos, que procurou protagonizar os invisibilizados e os subalternizados, apresentando um movimento de insurgência ao padrão epistêmico observado.

Imagem 10 – Francisco Vasconcelos e alguns escritores do Clube da Madrugada



Fonte: Acervo Moacyr Andrade

Na fotografia acima, estão presentes, da esquerda para a direita, Arnaldo Rebello, que não integrava o Clube; Jorge Tufic, Thiago de Mello, Francisco Vasconcelos, Elson Farias e Moacyr Andrade, estes últimos membros do Clube da Madrugada. A imagem cumpre, ainda, o papel de indicar que não deve ser lida apenas

como um registro de convivência, mas também como um indício da inserção do autor em uma rede de legitimidade cultural concentrada no centro letrado de Manaus.

A relevância de Vasconcelos no Clube da Madrugada o levou a ocupar a cadeira de nº 40, na Academia Amazonense de Letras. Nascido em Coari, interior do Amazonas. Tornou-se advogado e integrou um movimento estudantil que, segundo os estudantes daquele coletivo, “lutavam contra o arbítrio que ameaçava a nossa incipiente democracia¹⁷⁸”; ou seja, tratativas relacionadas à posse do vice-presidente da república em 1961, João Goulart.

Ademais, foi presidente do Clube da Madrugada no período de 1964 e 1965. No ano de 1963 publicou o livro *O palhaço e a rosa*, uma obra de ficção constituída por 15 histórias, organizadas em duas seções. As narrativas são: Primeira Parte - “Prefácio”, “O menino e o mundo”, “O menino e a lei”, “Soldadinhos de chumbo”, “O pesadelo”, “A fuga”, “Das dores”, “O pierrô”; a Segunda Parte – “O boleiro”, “O ajudante de caminhão”, “O concurso”, “O intruso”, “O terno azul”, “Aula prática”¹⁷⁹.

Entre esses textos, destacamos o intitulado: “O menino e a lei”, em que há o personagem chamado “Zé Pretinho”, um afrodescendente que ilustra a dimensão da autoria de Vasconcelos, como também a desobediência epistêmico-literária por ele exercida. Mas, ainda assim, uma escrita que leva à denúncia da colonialidade, porque a personagem aparece como objeto narrado e não como sujeito de enunciação.

Temos, então, um guarda policial que deteve um rapaz chamado Zé Pretinho, considerado bandido, e com tal ação visava obter uma promoção. É um reflexo do que estamos argumentando também a respeito da atuação da colonialidade, assim percebido: “A sociedade que defendia, não tinha dúvida, era uma árvore doente, cujos frutos, apodrecidos, todos desprezavam. Ali estava um deles. O mundo o fizera assim. Que culpa poderia caber-lhe?”¹⁸⁰.

Interpretamos que há elementos do sistema de poder opressivos e hierárquicos que resultam em subalternização e silenciamento, classificando assim sujeitos como Zé Pretinho. Isto é, na pergunta percebida no final do trecho, aponta-se para a ideia

¹⁷⁸BRASIL. SENADO FEDERAL. **Requerimento Interno do Senado:** Dados Biográficos de Francisco Marques de Vasconcelos Filho. Sala das Sessões, 27 de setembro de 2011. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=1567887&disposition=inline>

¹⁷⁹VASCONCELOS, Francisco Vasconcelos. **O palhaço e a rosa**. 4ª ed. Manaus: Valer, 2010.

¹⁸⁰Vasconcelos, 2010, p. 27

de que a parcela da sociedade manauara que invisibiliza tem a sua responsabilidade na criação das condições que moldam a vida de sujeitos como Zé Pretinho.

Aliás, Zé Pretinho (personagem negro da narrativa de Vasconcelos) é um retrato crítico do racismo, mas sua voz e interioridade são construídas por um autor branco. Caso houvesse a presença de autoria negra, os elementos destacados, a partir da narrativa, poderiam ser construídos por camadas mais profundas dessa experiência. Dito de outro modo, Vasconcelos nos traz um registro válido para entendermos que ele, em sua escrita, denuncia, mas também mostra o limite do Clube, de parte da produção do Clube. Isto é, a literatura clubista reconhece a desigualdade racial, mas não a reverte no plano autoral; logo, não se cumpre como decolonial. Ela nos permite observar a atuação da colonialidade do poder.

O texto ainda enuncia o seguinte:

Seu nome?

- José da Silva. - Idade?

-28.

- Nome do pai?

- ???

O guarda, ao lado, ouvia o diálogo. E não sabia por que pensava nos filhos. O homem que prendera não conhecera pai. Lembrou-se do que lhe dissera, da sentença que lhe desejara. E dos gestos bruscos, da arrogância do delegado; da humildade do monstro que, calado, olhos fitos no chão, indiferente, caminhava rumo à cela. Num instante reproduziu toda a cena da noite anterior. E pela primeira vez se sentia frustrado na missão que desempenhava. (...) Que culpa poderia caber-lhe? Das perguntas do inquérito, muitas ficaram sem resposta. Uma origem de bordel, anônima. Um acaso de vida, nada mais que isso. E naquela existência casual, nenhum sorriso, nenhum afeto. Todos os dias, assim, secos, duros. Nunca um gesto traduzindo carinho. Nada. Os homens, com olhos de estátua, pedras, frios. "Vai trabalhar, moleque!". Onde? E sempre uma feia máscara ensaiando um sorriso. O menino querendo sorver o sorriso e a máscara lhe fazendo medo. O menino fugindo. Fugindo sempre.

- Você tem pai?

- Não.

- Nem mãe?

- Não.

- Coitado!¹⁸¹...

O diálogo inicial no texto, na qual é questionado o José da Silva (Zé Pretinho) sobre seu nome, idade e pai, pode ser interpretado como uma representação das estruturas de poder coloniais que frequentemente desumanizavam e despojam as pessoas de sua identidade e história pessoal. Além disso, o trecho que traz a

¹⁸¹Vasconcelos, 2010, p. 26

pergunta sobre se Zé Pretinho tem pai ou mãe, seguida da expressão "Coitado!", pode ser vista como uma crítica, da parte de Francisco Vasconcelos (o autor) à destruição das estruturas familiares e comunitárias que ocorrem desde o período colonial. Na atuação dessa violência, que é também epistêmica, há a presença da colonialidade.

Por conseguinte, a sensação de frustração do guarda em relação à sociedade que ele defende pode ser vista como uma crítica às estruturas de poder que continuam a afetar as sociedades contemporâneas. Isso pode incluir a persistência de desigualdades raciais e sociais, bem como a falta de oportunidades para certos grupos, observado no que ocorreu com o Zé Pretinho. Um rapaz que foi invisibilizado pela atuação da colonialidade e posicionado na condição de subalterno, porque também é afrodescendente.

Voltando para a discussão a esse respeito da dinâmica da exploração e classificação social em grupos e sociedades que foram inferiorizadas pelo sistema mundo-moderno capitalista, ou seja, em Manaus no período de implantação da Zona Franca de Manaus, Magno Nunes Farias e Wender Faleiro¹⁸², intelectuais brasileiros que discutem questões relacionadas aos estudos sobre urbanocentrismo, nas relações entre a Modernidade e a Colonialidade, explicam que um dos elementos de força da colonialidade na América está pautado nas dicotomias: urbano-superior e rural-inferior.

Diante desse entendimento, interpretamos que “os projetos de desenvolvimento”, as narrativas e estruturas discursivas que foram construídas, da parte de uma elite econômica, tem “em vista que o ideal moderno e civilizatório para se constituir o homem moderno, estavam vinculados com os modos de vida (cultural, comportamentos e produção (capitalista-industrial) urbanos¹⁸³”.

Conforme exemplo do que mencionamos em relação à atuação da colonialidade na questão urbana de Manaus e à denúncia às violências por ela provocada, analisaremos um outro trecho da narrativa: “O menino e a lei”, a fim de corroborar a percepção que o clubista Francisco Vasconcelos tinha quanto às formas de violências das estruturas de poder frente aos sujeitos subalternos, sobretudo os afrodescendentes, isto é, a escrita de insurgência observada que nos leva à denúncia

¹⁸²FARIAS, Magno Nunes; FALEIRO, Wender. Educação dos povos do campo no Brasil: colonialidade/modernidade e urbanocentrismo. **EDUR – Educação em Revista**, v.36, e216229, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/HpB7MxF4yq7tY3zXtdxrzRt/?format=pdf>

¹⁸³Farias; Faleiro, 2020, p. 5

das colonialidades, evidencia que a ordem social fabrica a subalternidade e a transforma em destino:

O APITO DO GUARDA FUROU FUNDO A NOITE. Por um triz não respondeu em eco um gemido de morte. Dois braços erguidos sobre a cabeça e, nas costas, pertinho, um cano de revólver. Toca pra frente, bicho!

- O marginal se entregara sem nenhuma resistência. E a ordem, tantas vezes em perigo, estava garantida. Na Delegacia de Polícia, armado de revólver e cassete, o homem-lei, deixando escorrer dos lábios um sorriso de vitória, cumpria as ordens do delegado que rosnava com voz de trovão:

- Leva essa peste daqui!

Um empurrão abrutalhado nas costas do preto e um quadrado de dois metros servindo-lhe de mundo.

- Vais apodrecer aí, desgraça! Era a sentença desejada para o marginal que os jornais chamavam de Zé Pretinho. O guarda voltou feliz, pensando na promoção que lhe seria dada como prêmio pelo serviço que prestara à lei. E seu retrato, ao lado do perigoso marginal, seria estampado na primeira página dos jornais, numa prova de que o bem triunfará¹⁸⁴.

A partir desse trecho, observamos que essa representação é significativa, porque desloca o negro do lugar de invisibilidade para o lugar de objeto denunciado, ou melhor, sem lhe conceder o lugar de enunciação. Ainda assim, revela o limite da autoria clubista, já que a experiência negra aparece mediada pela voz de um escritor-sujeito não negro

Interpretamos ainda que o racismo é evidente na forma como Zé Pretinho é tratado. Ele é imediatamente rotulado como "marginal", expressão associada às pessoas negras em contextos racistas, historicamente posicionados às margens em uma sociedade escravocrata, como foi a brasileira no século XIX. Além disso, o fato de o apito do guarda "furar fundo a noite" e quase provocar um "gemido de morte" sugere um clima de tensão e medo em relação a Zé Pretinho baseado apenas em sua aparência. Enfim, esse diálogo inicial expõe, de forma contundente, a redução do sujeito negro a uma marca racial e a uma suspeita social permanente. Afinal, o nome "Zé Pretinho" já carrega uma conotação racial. O uso do diminutivo "Pretinho" é pejorativo e desumanizador, sugerindo que a identidade do personagem é reduzida à cor de pele. Isto é indicativo também de um racismo estrutural, haja vista que as pessoas negras são frequentemente reduzidas a estereótipos raciais.

Adicionalmente, notamos que, no final do texto, o guarda imagina sua promoção e seu retrato ao lado de Zé Pretinho como uma prova de triunfo. Essa

¹⁸⁴Vasconcelos, 2010, p. 25

perspectiva ignora o contexto mais amplo de injustiça racial e reforça a ideia de que a opressão racial é justificada em nome de tal conquista.

Diante dessas observações, visualizamos na interpretação realizada dos apontamentos de Michel de Certeau que as práticas cotidianas e as estratégias de resistência de sujeitos que, aqui nesta tese, chamamos de subalternos, estão dentro de uma estrutura de poder que os invisibiliza. Em outros termos, o outro é posicionado frequentemente no lugar da subalternidade, reduzido a estereótipos.

Como argumenta Certeau, há “uma manipulação desses elementos fragmentados, as colações, as concordâncias, o empilhamento de conhecimentos de qualquer origem nos lugares obscuros ou duvidosos recompõem uma unidade textual a partir dessa dispersão¹⁸⁵”. Ou melhor, no contexto histórico e de produção do Clube da Madrugada (1950-1970), o empilhamento de conhecimentos compartilhados daqueles sujeitos que colocariam uma dinâmica da estrutura urbana de Manaus, contribuiu para o acesso aos eventos socioculturais de onde emergiria movimentos como o Clube.

Francisco Vasconcelos realiza a denúncia do racismo, mas do ponto de vista do opressor; afinal, é o soldado que ficou frustrado. Há nisso uma lógica da colonialidade em que o outro é silenciado, no caso, Zé Pretinho. Isto é, ele não tem direito ao nome, mas a uma “marca racial”. Em suma, do ponto de vista da desobediência epistêmica-literária do Clube, Zé Pretinho é um retrato da contradição: denúncia do clubista, mas também sintoma do silêncio imposto aos negros na literatura de expressão amazonense em meados dos anos 1950 a 1970.

Conforme os apontamentos da historiadora Patrícia Alves-Melo (2020), há uma tradição na historiografia, ainda, - mas em deteriorização - que silencia a contribuição dos negros na formação social e cultural do Amazonas, especialmente em Manaus. Esse silenciamento está relacionado às interpretações restritas sobre o papel de grupos de negros escravizados na região, quando comparado a outros lugares do Brasil, durante o período da escravidão. Esse fenômeno, segundo Alves-Melo, também implica o alinhamento às narrativas hegemônicas que privilegiam invisibilidades e subalternização.

¹⁸⁵CERTEAU, Michel. **O lugar do outro**: história religiosa mística. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2021, p. 45

Interpretamos que esse silêncio remonta ao período colonial e está relacionado a uma historiografia mais localizada no ribeirão e indígena, obviamente por conta do *lôcus* de pesquisa. Todavia, historiadores como Alves-Melo¹⁸⁶, Jéssica Dayse Matos Gomes e Renilda Aparecida Costa¹⁸⁷, Adriano Magalhães Tenório, entre outros, vem contribuindo para uma compreensão diferente desse aspecto da formação cultural e social do Amazonas, especialmente quanto às comunidades quilombolas, práticas religiosas, musicais e produzidas por sujeitos e grupos afrodescendentes.

Nos estudos sociais amazônicos, por exemplo, Gomes e Costa discorrem o seguinte:

a presença negra no estado do Amazonas, segundo documentos e relatos de época, teve aporte de escravos oriundos do Pará e Maranhão possibilitando no estado influências culturais como uma manifestação das Religiões de Matrizes Africanas como o Tambor de Mina e folclórica através da reconfiguração dos festejos do Boi-bumbá. O Amazonas foi o segundo estado do país a abolir a escravidão em seu território, 4 (quatro) anos antes da lei Áurea (1888)¹⁸⁸.

Elas apontam que, a partir da década de 1950, a população amazonense, por meio do Censo, começou a orientar e explicar às pessoas a autodeclaração. Com efeito, boa parte dos afrodescendentes daquele período tem se declarado pardos. Além disso, Gomes e Costa argumentaram que tal aspecto de autodeclaração passou a estar presente em registros de nascimento nos cartórios do Amazonas, desde aquele momento.

O entendimento delas quanto a esse cenário é de que, no Amazonas, há “o pensamento social que nega ou inferioriza a presença negra na Amazônia, que relega o negro ao status de fora de contexto da identidade da região”¹⁸⁹. Isto é coerente ao que se observa a uma parcela da sociedade, atenta às discussões sobre as inúmeras invisibilidades herdadas da experiência colonial, relacionadas às questões sobre o racismo, a conquista por direitos sociais às populações afrodescendentes.

¹⁸⁶ALVES-MELO, Patricia. Rompendo o silêncio sobre a presença negra no Amazonas: um breve balanço historiográfico. In: QUEIRÓS, César Augusto B. (Org). **Historiografia amazonense em perspectiva**. Manaus: Editora Valer, 2020.

¹⁸⁷GOMES, Jéssica Dayse Matos; COSTA, Renilda Aparecida. Negros no Amazonas: Constituição de Identidade Étnico-Racial e Ação Afirmativa. **Revista da ABPN**, v. 13, Ed. Especial, p. 103-119, 30 de abril de 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1238/1112>

¹⁸⁸Gomes; Costa, 2021, p. 110 *Apud* Silva Jr, 2006.

¹⁸⁹Gomes; Costa, 2021, p. 113

Voltando, o trecho da narrativa de Vasconcelos: “A sociedade que defendia, não tinha dúvida, era uma árvore doente, cujos frutos, apodrecidos, todos desprezavam. Ali estava um deles. O mundo o fizera assim¹⁹⁰”. Entendemos, então, que Vasconcelos, evidencia a lógica da colonialidade, ao qual Zé Pretinho é reduzido pela sociedade em que está inserido a uma marca racial. Nesse movimento, embora haja uma representação de sujeitos negros por parte de um escritor branco, visualizamos um esforço de ruptura a uma mentalidade que é ainda colonial de invisibilizar, ou mesmo, excluir tais sujeitos (o afrodescendente representado pela presença de Zé Pretinho, no texto).

Além disso, interpretamos que há um movimento de insurgência de Vasconcelos, assim como do Clube da Madrugada, de desconstruir um imaginário criativo nos padrões culturais da época que posicionavam afrodescendentes, ribeirinhos e indígenas a condições subalternas, protagonizando experiências. No entanto, a ausência de autoria negra no Clube limita a atuação do grupo apenas a questão de uma narração, ou ainda, a uma representação de sujeitos negros pela perspectiva do narrador, não de quem é ouvido.

Prosseguindo na compreensão insurgente, no movimento da desobediência epistêmica literária dos clubistas, visualizamos ainda em Carlos Gomes, na narrativa “Bumbá¹⁹¹”, aspectos socioculturais da presença negra em Manaus (1950-1960) no entorno do boi “Estrela”, que é um elemento da cultura de Manaus, em especial em “apresentações de quadrilhas seguidas de boi-bumbá, danças árabes e nordestinas¹⁹²...” e constitui também uma brincadeira entre vizinhos dos mesmos bairros em junho e julho.

Nessa história, o amo do boi, “Severino”, é um afrodescendente residente em Manaus, oriundo do Maranhão. Ele é responsável por zelar, divulgar a imagem desse elemento cultural da cidade de Manaus (1950-1960), em um período que era conhecido como a temporada de “disputas entre os bois-bumbás” nas ruas da capital amazonense, ou seja, uma prática que não estava associada aos bumbás das elites

¹⁹⁰Vasconcelos, 2010, p. 25

¹⁹¹GOMES, Carlos. Bumbá. In: GOMES, Carlos. **Mundo mundo vasto mundo**. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2005, p. 23-30

¹⁹²EVES, Fabrícia Melo das. “**Ai fizemos um boi**”: um estudo sobre a festa popular no Boi de Garrote em Manaus. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2016, p. 26

que faziam suas apresentações em salões como do Rio Negro ou Guanabara, localizados na região central da cidade.

Preto velho Severino era também o amo do boi, o ensaiador. Ele sabia como raros improvisar toadas e tinha boa voz para puxá-las. Boi Estrela, orgulho seu e também do bairro, não era como os outros bumbás da cidade. Tinha voz, magia como seus símiles de verdade por obra e graça de um aparelho fonador construído de cuícas e manejado pelo miolo – um molecote de pernas secas, mas rijas, apelidado Socó, que aliás, sabia fazê-lo dançar como ninguém. Socó se tornara porque dançando se punha às vezes numa perna só¹⁹³.

Esse cenário é trazido por Calor Gomes em um momento que os festivais folclóricos na capital amazonense pertenciam a uma agenda de política nacional que exigia a “necessidade de dar racionalidade às rivalidades existentes entre os diferentes grupos, que causavam briga e desordem nas ruas da cidade¹⁹⁴”.

A narrativa de Gomes, como mostraremos mais adiante, protagoniza vozes e saberes afrodescendentes, ou ainda, de sujeitos e grupos que são considerados subalternos por parte de grupos conservadores da sociedade manauara, à época. Nesse intuito, o escritor enfatiza que tudo era um motivo para festejar, consumo e venda de comidas e bebidas típicos do período junino e julino na região. Isto é, os populares que estavam envolvidos com os bois organizavam suas pautas sociais a partir de eventos como esses, que ocorriam nas ruas, como também em locais privados, para uma elite conservadora que entendia tal aspecto da cultura local como algo exótico e de entretenimento, haja vista que não apreendia quais elementos de uma intersubjetividade e identidade estavam ali presentes, seja para quem participava, seja para região onde o boi residia, mas não em grandes salões da capital.

A historiografia¹⁹⁵ a respeito dessas dinâmicas explica que bumbás de Manaus (1950-1960) tinham por integrantes descendentes de indígenas, ribeirinhos, afrodescendentes – todos residentes na capital amazonense, frutos de um movimento migratório ocorrido no processo de colonização (1540-1866) ou da economia da borracha (1877-1920).

¹⁹³Gomes, 2005, p. 25

¹⁹⁴Eves, 2016, p. 29

¹⁹⁵SILVA, Arcângelo Ferreira da. A brincadeira de preto velho Severino ou a representação da cultura afro-brasileira no imaginário de Carlos Gomes. **Revista Decifrar**, v.02. n.4, 2014.

O próprio amo do boi, Severino, é um exemplo que Carlos Gomes utiliza quanto à representação do nordestino, que veio para o Amazonas ou para o Pará, trabalhar nos seringais durante o período da borracha. Após o fim dessa fase econômica da região, muitos se deslocaram para Manaus e foram estabelecer residência em áreas afastadas do centro da cidade, em lugares considerados periféricos, à época, como Coroadó, São José, Cidade Nova, Petrópolis e Alvorada. Isto é, conforme destaca o historiador Josivaldo Bentes Lima Júnior: “Geralmente, as festas em torno do boi eram consideradas atividades de pessoas baderneiras e marginalizadas¹⁹⁶”.

A narrativa de Gomes destaca Severino como um preto velho que, ao levar o boi de pano para as ruas, a fim de dar início às danças e disputas, provocava alegria, encantamento e experiências variadas aos brincantes, como o trecho a seguir exemplifica:

Tanta alegria, tanta, quando estava o bumbá em seu curral, quanta alegria! Gente em volta, o encantamento possuindo-os. A preta Bárbara, no vulgar D. Barba, faturava? Pinges faturas de tacacá e munguzá, bolo-podre e de macaxeira, tapiocas em retalhos de folha de bananeira, poeira de coco por cima. Até aluá e café havia em sua banca, que era a mais gostosa do arraial¹⁹⁷.

Essa dinâmica ainda estava integrada a uma pauta de cultura popular que recebia protagonismo da imprensa local, como o percebido em edições do *Jornal do Commercio* do período de 1957 a 1972, no qual a disputa envolvia bumbás como: “Corre campo”, “As de ouro”, “Mina de Ouro”, “Canarinho”, “Mineirino”, “Rica Prenda” e outros¹⁹⁸.

Diante dessa observação, a partir do trecho citado da história de Gomes, no que foi registrado pela imprensa local, visualizamos as experiências associadas aos encantamentos produzidos, reconhecidos como um sentimento de “possuídos”, produto da dança, da música, dos comes e bebes. Enfim, há um ambiente que estimula tal condição aos brincantes.

¹⁹⁶LIMA JÚNIOR, J. B. Negros a bumar: Boi Caprichoso, sociabilidade e resistência em Manaus (décadas de 1920 a 1940). *Aedos*, v. 14, n. 31, p. 91-110, jul.–dez., 2022, p. 93 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/120449/84866>

¹⁹⁷Gomes, 2005, p. 26

¹⁹⁸Eve, 2016, p.30-32

Em outras palavras, interpretamos que o boi Estrela, Severino e bairro, percebido nas entrelinhas, é considerado periférico por, naquele período, ser compreendido por uma elite cultural local, em maioria por negros. Há nisso uma denúncia dos clubistas de hierarquias que são demarcadas por uma “cultura legítima” e a cultura popular (negra/ribeirinha), exemplificado no trecho: “Boi Estrela [...] não era como os outros bumbás da cidade. Tinha voz, magia como seus símiles de verdade”. Não podemos esquecer que tais dinâmicas estiveram presentes em um tempo de implementação da Zona Franca de Manaus (década de 1960), no qual trabalhadores como Severino, após o declínio da economia da borracha, foi relegado à áreas consideradas periféricas no espaço urbano.

A esse respeito, o historiador Arcângelo da Silva Ferreira afirma que clubistas como Carlos Gomes, quando fazem uso do universo folclórico ou do imaginário popular para o desenvolvimento de seu material literário, no caso em análise dos bumbás de Manaus, ele também “reinventa a vida dos moradores dos bairros de Manaus no período que gira em torno dos anos 1920-1940, quando a cidade está vivenciando um processo de expansão urbana que dará luz aos primeiros bairros periféricos¹⁹⁹”. Interpretamos que, nessa reinvenção, o escritor realiza o protagonismo de grupos sociais historicamente subalternizados.

Em outras palavras, não à toa, enquanto o boi dança, pula, gira e emite mugidos, “As meninas indo e vindo, corpos cheios de amor para dar, levantam poeira, batendo as sandálias gastas no barro do arraial”²⁰⁰, em sintonia com o verso do amo do boi “Rola boi bumbá/ Rola que eu mandei rolar.../Oi levanta poeira²⁰¹...”. Ademais, por vezes, ocorria que tal cenário de desafios os ultrapassava as normas do entretenimento, isto é, do embate apenas retórico e conflitos:

Socó olhou pela goela do boi, que era aberta exatamente para que o miolo pudesse descortinar os caminhos. – Vou jogar meu boizinho Estrela em cima desse boi chamba...Ninguém soube nunca como nem por onde começou. Quem começou ninguém soube. As mulheres corriam, os filhos-de-peito escanchados nos quadris. As mais valentes insultavam-se, aplicando-se puxavantes de cabelos: - Vaca Malhada! Vaca Estrela! Os índios trocavam-se cacetadas, vaqueiros e rapazes-do-amo eram agora bouxeurs. O padre fugiu logo com Catirina, os dois covardes. Socó investia furiosamente, dando

¹⁹⁹Ferreira, 2014, p. 51

²⁰⁰Gomes, 2005, p. 27

²⁰¹Gomes, 2005, p. 26

marradas no boi adversário. Preto velho Severino ajudava os seus que fraquejavam, mas pedia paz²⁰².

Essas disputas entres os bois-bumbás em Manaus (1950-1960) se transformavam em conflitos, agressões físicas, como já mencionamos, isto envolvia uma dinâmica maior de entretenimento. A narrativa de Gomes reflete dinâmicas que são evidenciadas no ano de 1960, na edição 17275 do *Jornal do Commercio* de 10 de junho, uma sexta-feira, na página 2.

O São João está chegando e começamos a encontrar pela cidade as quadrilhas e os bumbás fazendo os seus primeiros ensaios para a quadra junina. Os clubes, as entidades recreativas, todas estão com planos de colaborar para o melhor brilhantismo dos festejos desta época do ano. Rio Negro, Guanabara e tantos outros formulam as suas programações para assinalar a passagem de São João, proporcionando aos seus associados momentos de alegria intensa numa noite diferente e belíssima²⁰³...

Perceba que, na notícia, são usados os termos “associados”, “as entidades recreativas” e outras expressões “momentos de alegria intensa numa noite diferente e belíssima” como estratégias discursivas que invisibilizam bumbás como o “Estrela” (ainda que seja um exemplo da ficção), do preto velho Severino, que não recebe cuidados do poder público, nem das elites culturais, apenas do próprio amo do boi e de seus simpatizantes, exemplificando como a colonialidade do poder subalterniza e torna de pouco ou nenhum valor outras possibilidades de bumbás. A tais aspectos, a historiografia esclarece que:

[...] a brincadeira do boi começou a ser marginalizada, pois era praticada por gente pobre, negra indígena que era reconhecida socialmente não só pela sua raça, mas também pelas atividades que exerciam: lavradores, pescadores, gente bêbada e baderneira. Por isso pessoas, comportamentos e crenças relacionadas ao universo do boi eram marginalizados pela alta sociedade, pelas famílias tradicionais, pelas autoridades religiosas e políticas da época²⁰⁴.

Conforme Ferreira explica, desse cenário, apreendemos que o contexto apresentado pela narrativa de Gomes destaca um momento histórico de Manaus,

²⁰²Gomes, 2005, p. 29

²⁰³JORNAL DO COMMERCIO. **Prelúdio**. Edição 17275. Manaus, sexta-feira, 10 de junho de 1960, p. 2

²⁰⁴Eve, 2016, p.34

“influenciado pelo choque urbano do qual o êxodo rural acarretou do advento da Zona Franca de Manaus. No momento em que Gomes escreve a exemplo no qual se insere o tempo da narrativa do conto “Bumbá”, estão surgindo na cidade novos bairro periféricos²⁰⁵...”.

Lima Júnior, por exemplo, argumenta que, por meio da imprensa época, em especial “do *Jornal do Commercio* do Amazonas...bairros eram identificados pelas brincadeiras de bumbás, os quais, por meio de seus ensaiadores e brincantes, homens negros e populares, reivindicavam visibilidade²⁰⁶”.

Como o percebido, as violências sociais e culturais que a colonialidade naturaliza, a colonialidade do poder. Gomes protagoniza dinâmicas culturais e sociais dos grupos mencionados, por meio de personagens como o “Severino”, camadas populares cujas vidas são diretamente impactadas por sistemas de exploração e subalternização. Nisso, o clubista, ao mesmo tempo, revela as contradições e desigualdades que moldam essas tradições em um contexto de modernização e colonialidade.

Nossa compreensão também sinaliza para uma leitura mais atenta de outras dinâmicas observadas naquele período, ou seja, a colonialidade do Ser atua não apenas no acontecimento da violência epistêmica, mas também na lógica da colonialidade. Isto é, “A colonialidade do Ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial²⁰⁷”, no qual se discriminam pessoas e comunidades.

Ao considerarmos que em uma sociedade a organização e configuração das relações de sociabilidade estão integradas às classificações sociais, culturais, políticas que definem as desigualdades, a partir da premissa epistêmica da Modernidade-colonialidade, há o controle a apropriação do trabalho, dos meios de produção e dos produtos gerados, como também das questões normativas relacionadas ao gênero e à ideia de raça. Esses elementos configuram a natureza das violências que a colonialidade do poder exerce sobre os sujeitos no cotidiano.

Em outros termos, quando procuramos compreender tais dinâmicas, naquele período, visualizamos em um texto de opinião jornalista, publicado no *Jornal do Commercio* de 24 de junho de 1958, de autoria do jornalista José Alípio Goulart, a

²⁰⁵Silva, 2014, p.48

²⁰⁶Lima Júnior, 2022, p. 94

²⁰⁷Torres, 2008, p 96

seguinte matéria: “Inferioridade do Mestiço”. Esse documento denota um movimento reflexivo que visa trazer à tona o debate sobre a diversidade dos povos, sem marcar hierarquizações em virtude de etnias ou de posições sociais no Amazonas.

Goulart afirma que no Brasil, da época, “não existe problema racial²⁰⁸”. No entanto, o jornalista se contradiz, porque, mais à frente, quando reconhece que há o que ele chama de “preconceito de cor”, no trecho: “é pacífico que no Brasil não existe problema racial. Mas não se pode negar que nutrimos o preconceito de cor. Ser negro no nosso país, ainda constitui barreira para o ingresso em determinadas camadas econômicas e sociais²⁰⁹”. Diante desse cenário, o jornalista afirma que a essência de tais diferenças residem no preconceito e diferencial racial. Conforme Goulart, “Uma dessas concepções [...] é o que se trata da inferioridade do mestiço; A mestiçagem, no homem, tem servido de tema para múltiplas controvérsias e está condicionada à opinião que se tenha das raças e suas diferenças²¹⁰”.

Na busca por compreender esse aspecto da realidade de muitos, no Brasil daquele período (1950), ele procura por argumentos de antropólogos e etnólogos que haviam comprovado que não existiam raças superiores ou inferiores, “apenas raças diferentes”. Tudo isso implica que, apesar do discurso oficial no Brasil, naquele período, negava-se a existência do problema racial, o racismo estava profundamente arraigado nas estruturas sociais e econômicas do país.

Dito de outra maneira, é demonstrado como a colonialidade opera na sociedade brasileira, negando explicitamente o racismo, ao mesmo tempo em que perpetua discriminação racial. Em suma, há nesta questão uma contradição, pois se evidencia como as hierarquias raciais legadas pelo colonialismo continuam a influenciar as relações sociais e as oportunidades econômicas.

Nessa premissa, o racista é o outro, não o brasileiro. Na defesa de tal linha de pensamento, ele faz alusão ao raciocínio de Jon A. Mjoen²¹¹ para defender o seu

²⁰⁸Fonte: GOULART, José Alípio. **Inferioridade do mestiço**. Jornal do Commercio. Magazine (Suplemento). 2ª edição. 24 de junho de 1958. p.9 Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&Pesq=racismo&pagfis=57069

²⁰⁹Idem

²¹⁰Idem

²¹¹Jon A. Mjoen foi um biólogo e eugenista do século XIX que promovia o pensamento da superioridade do que ele chamou de “raça nórdica”. Ao trazer elementos dessa premissa, José Alípio Goulart visa tecer críticas quanto a questão eugênica no Brasil e ao que ele chamou de estudos “pseudocientíficos” sobre o racismo. Ver mais em: <https://ia801604.us.archive.org/29/items/racehygiene00mjen/racehygiene00mjen.pdf>

ponto de vista: “No seu entender, é uma fonte de debilitamento que diminui a imunidade contra certas enfermidades. [...] a prostituição e a vadiagem são mais frequentes entre mestiços que entre os tipos puros²¹²”.

Convém destacar que a matéria também indica uma mudança de paradigma em setores dominantes da sociedade local, que começam a reconhecer a invalidade das concepções raciais hierárquicas, haja vista que é um discurso público que avançava nos meios de comunicação, ainda de maneira gradativa e lenta. E, como percebemos na narrativa “O menino e a lei”, de Francisco Vasconcelos, ou ainda, em “Bumbá”, de Carlos Gomes, no cotidiano de sujeitos que não estavam posicionados nessa pauta, a realidade percebida era outra.

Diante desse entendimento, quando voltamos à questão da desobediência epistêmico-literária, interpretamos que o Clube da Madrugada oscilou entre a insurgência e a reprodução de silêncios herdados da colonialidade. Isto é, a análise do Estatuto do Clube, de narrativas por eles produzidos, perfis sociais deles, assim por eles revelado em entrevistas, evidencia um esforço coletivo consciente para romper com um imaginário exótico sobre o contexto de produção, o lugar e o homem. No entanto, ainda preso às hierarquias raciais e epistêmicas de seu tempo.

Isto significa que, embora o Estatuto do Clube, por exemplo, afirmasse em “livre manifestação do pensamento”, não questionou as barreiras estruturais que impediu de haver a presença de escritores negros. Trata-se de um apreender que a desobediência epistêmico-literária é um processo de rupturas e continuidades. Nesse movimento, produz reflexões quanto às hierarquias, silêncios, invisibilidades e tensões da Modernidade-colonialidade.

Diante dessa arguição, os clubistas empreenderam uma desobediência epistêmico-literária em sua escrita, mas essa insurgência foi parcial e tensionada pelas estruturas coloniais que eles próprios reproduziam, romperam com o exotismo associado à Amazônia, substituindo-o por narrativas que denunciavam a pobreza, a migração forçada e a violência estrutural.

No intuito de prosseguir tais compreensões, agora no próximo capítulo, destacaremos Spivak, em: “O subalterno pode falar?”. Defenderemos que sim, no

²¹²GOULART, José Alípio. **Inferioridade do mestiço**. Jornal do Commercio. Magazine (Suplemento). 2ª edição. 24 de junho de 1958. p.9

caso do Clube, a resposta a desobediência epistêmico-literária existiu como crítica, mas não como reconstrução epistêmica.

CAPÍTULO III - CONTINUIDADES E RUPTURAS A PARTIR DO CLUBE DA MADRUGADA

No intuito de prosseguir o entendimento de como a ausência de escritores negros no Clube da Madrugada reflete mais os padrões epistêmicos do período, discorreremos sobre as permanências e transformações no cenário cultural e literário em Manaus, no período de 1950 a 1960, a partir do exame de um conjunto documental que ilustram e esclarecem as dinâmicas do que estava em posicionamento para uma cultura popular, de um lado; e para uma cultura letrada, de outro.

Nesse sentido, partiremos de Durango Duarte, jornalista amazonense que publicou uma matéria jornalística a respeito do que ele chamou “Era do rádio”, na década de 1950 em Manaus²¹³. Além disso, dois textos publicados pelos clubistas. O primeiro: “Novos Caminhos Econômicos – JUTA: Novo Fator de Desenvolvimento”. O segundo, “Seu primeiro ano de existência – antes um sonho, hoje uma realidade preocupada – atividades realizadas e a realizar – 22 de novembro uma data inesquecível”, todos presentes na edição de 1955 da revista *Madrugada*²¹⁴, do Clube da Madrugada, também irão compor a documentação deste capítulo.

No contexto dessas dinâmicas, examinaremos o “Suplemento Madrugada”, publicado no ano de 1961 e 1962, em publicações no *O Jornal (1961-62)*, como também entrevistas recentes com atores sociais e históricos que acompanharam o movimento e documentos que narram o impacto do Clube após sua fase inicial, a atuação no Centro de Manaus na década de 1960.

Quanto à produção clubista, a narrativa “O ajudante de Caminhão”, de Francisco Vasconcelos²¹⁵; como também as entrevistas de clubistas como Aluísio Mello, Aloysio Nogueira, Luiz Bacellar concedidas ao historiador José Vicente de Souza Aguiar²¹⁶ serão analisadas. Em suma, a partir desses elementos, poderemos observar como as hierarquias e padrões de exclusão racial e epistêmica se manifestaram ao longo do tempo, afetando tanto a legitimação de escritores quanto a

²¹³DUARTE, Durango, A Era do rádio no Amazonas. In: DUARTE, Durango. **A vida musical em Manaus (1950-1960)**, 2016. Disponível em: https://idd.org.br/livros-durango-duarte/A_vida_musical_em_Manus_1950_a_1960.pdf

²¹⁴REVISTA MADRUGADA. **Juta**: novo fator de desenvolvimento. Madrugada: publicação do Clube da Madrugada, Manaus, ano I, n. 1, p. 17, nov. 1955.

²¹⁵VASCONCELOS, Francisco. **O palhaço e a rosa**. Manaus: Editora Valer, 2010.

²¹⁶AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus**: praça, colégio e cinema nos anos 1950 e 1960. Manaus: Valer, 2020.

estruturação de novos espaços literários no Amazonas, como o observado no Clube da Madrugada.

Diante dessas observações iniciais, destacamos que a ausência de escritores negros no Clube, discutida no capítulo anterior, reforça que o espaço da literatura no Amazonas ainda estava circunscrito a elites intelectuais que reproduziam paradigmas eurocêntricos, de um lado. Por outro, a produção literária do Clube serviu de base para um conjunto de escritores que passaram a incorporar temas amazônicos com maior complexidade. Autores como Elson Farias e Jorge Tufic, por exemplo, ampliaram a visibilidade do regionalismo literário, ainda que dentro de um circuito editorial restrito a determinados grupos sociais.

Nesse sentido, a existência da revista *Madrugada*, como também do “Suplemento Madrugada” (1961-62), demonstra que o grupo buscava abrir espaço para novos talentos e promover debates literários e, muitas das vezes, a escrita literária deles promoveu a denúncia das tensões sociais observadas por eles em seu tempo, apresentando ou descrevendo a condição do subalterno; mas, ainda assim, uma produção de literatura e visão de mundo que nos possibilita visualizar a presença das colonialidades.

3.1 Clube da Madrugada entre dinâmicas culturais e invisibilidades

Na década de 1950, conforme relato de Durango Duarte sobre a vida musical de Manaus naquele período, ele destacou uma dinâmica no cotidiano de muitas pessoas que ali residiam: o hábito de escutar o rádio, em específico algo que envolvia uma competição “pelo título de ‘Rainha do Rádio’ e estava presente nas principais emissoras de rádio no país; em Manaus não seria diferente. Tratava-se assim de um elemento da cultura da época que envolveu em disputas memoráveis cantoras como Emilinha Borba, Marlene e Ângela Maria²¹⁷”, como ainda afirma Duarte. Em suma, naquela época, esse aspecto das dinâmicas culturais “tornaram-se tão concorridos que era cobrado ingresso até para assistir os programas em pé²¹⁸”.

Em um contexto em que o Sul e Sudeste organizavam-se para o desenvolvimento industrial, Manaus ainda estava dependente da economia extrativista;

²¹⁷Duarte, 2016, p. 5

²¹⁸Idem.

nesse cenário, Duarte argumentou que o poder público local havia realizado um investimento de inovações tecnológicas para as comunicações, na década de 1920, para “difundir no interior cotações de produtos naturais, horários de barcos e outras informações de utilidade pública, além de divulgar realizações do Governo²¹⁹”.

Diante dessas observações, na década de 1950, período em que iria surgir o Clube da Madrugada (1954), havia já um movimento de protagonizar alguns elementos da vida cultural da cidade e iriam possibilitar uma melhor difusão de ideias e informações para a população manauara, também presentes pela influência do rádio na capital do Amazonas.

Nesse quadro, Duarte revelou que, no final da década de 1950, houve o surgimento de uma estação de rádio que iria levar para a população manauara melhor, competições como a “Rainha do Rádio” para homens e mulheres. Trata-se da “Rádio Difusora do Amazonas, estação ZYS-8, a mais poderosa planície e a mais querida de Manaus, operando na frequência de 4.805 kilociclos, ondas intermediárias de 62,40 metros²²⁰”.

Naquele tempo, a rádio Difusora disputava a atenção do público com a rádio Baré, em uma programação que privilegiava algumas competições ao ar livre, reproduzindo dinâmicas observadas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Prática ocorrida “na Rua Silva Ramos e posteriormente no endereço onde haja está edificado o Edifício Palácio do Rádio, na Avenida Getúlio Vargas²²¹”. Assim, enquanto o Clube da Madrugada, na segunda metade da década de 1950, falava, por meio de seu estatuto e *Manifesto*, já mencionados em outros momentos desta tese, em estagnação cultural, eles se referiam ao cenário literário, porque, na área musical, conforme o relato de Duarte apresenta, havia o conhecimento e gosto de artistas da Bossa Nova, do samba, ou seja:

O disco Canção do Amor Demais (1958), da cantora Elizeth Cardoso, para muitos é considerado o momento inaugural da Bossa Nova. Todas as faixas são canções compostas pela dupla Tom Jobim e Vinícius de Moraes, além disso, em algumas faixas, João Gilberto acompanha Elizeth ao violão com uma nova “batida²²²”.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Idem.

²²¹ Duarte, 2016, p. 6

²²² Duarte, 2016, p. 11

Como consequência, uma nova dinâmica de entretenimento e de outras percepções da realidade eram sentidas pelos manauaras que, também em virtude de políticas de propaganda de desenvolvimento difundidas pelo poder público daquele período, o contexto de Vargas (1950-1954) e Dutra (1945-1950), vem ao encontro do que Duarte, em outro momento afirmou: “a cidade acompanhava tudo o que a década de 1960 sugeria ao país, especialmente, sua marcante característica expressada pela diversidade de posições em todos os campos da atividade econômica, política e cultural: a contradição”.

Ademais, de acordo com Duarte, “Os meios de comunicação – jornal e rádio – influenciavam significativamente na definição de gostos e comportamento do manauara”. Diante desse quadro, compreendemos que tais meios de comunicação, ao trazer novas dinâmicas de sociabilidade e entretenimento para a população manauara, sobretudo ao conhecer cantores e artistas como:

Aracy de Almeida, Mazzaroppi, Roberto Silva, Jararaca e Ratinho, Alvarenga e Ranchinho, Nuno Rolando, Lourdinha Bittencourt, Linda e Dircinha Batista, Nilo Sérgio, Nora Ney; Ângela Maria, a ‘sapoti’, Emilinha Borba, a ‘garota grau dez’; Marlene, Dilú Melo, Milton Teixeira, Chico Alves, ‘o Rei da voz’; Orlando Silva, o ‘rouxinol do Brasil’; Dalva de Oliveira (sem o Trio de Ouro), Luiz Gonzaga, o Rei do Baião; Blecaute, Las Palomitas, o garoto Paulo Molim, pernambucano que encantava cantando ‘Serenata Suburbana’, ‘Olinda, Cidade Eterna e ‘Recife, cidade lendária’, canções de autoria de Capiba; e outros cantores mais²²³.

Paralelo a isso, o Clube da Madrugada, em seu projeto de renovação dos padrões culturais e artísticos da cidade, percorria pelo caminho da modernidade como chave de desenvolvimento do Amazonas, como podemos perceber na página 17 da revista *Madrugada*, meio de comunicação por eles publicados no início da década de 1950, conforme o texto intitulado sugere: “Novos Caminhos Econômicos – JUTA: Novo Fator de Desenvolvimento”.

Trata-se de uma publicação clubista que fala de um quadro de disputas entre as elites econômicas e políticas locais que, “Travando uma luta titânico para libertar-se do primarismo econômico que há anos vem asfixiando o vale amazônico, um grupo de homens progressistas deram início a uma nova fase de desenvolvimento, introduzindo um produto de alto valor comercial – a Juta”. Embora a expressão do

²²³Duarte, 2016, p. 7

grupo fizesse referência a homens progressistas como elemento chave para um novo momento no Amazonas, eles não destacaram que esse perfil também deveria advir da valorização do saber indígena ou afrodescendente, de um lado.

Nesse contexto, na área cultural – de outro lado, ao voltarmos para os relatos de Durango Duarte, especificamente sobre os anos 1950 em Manaus, Duarte afirmou que:

A década, portanto, em linhas gerais, é vista como um ‘período dividido entre um momento de predomínio de uma noção da cultura e da música popular como produtos da massificação cultural, calcada em um repertório defasado e ainda ligado a uma sensibilidade ingênua de cunho rural e regional²²⁴.

Nessa “luta titânica”, conforme menciona o *Madrugada*, e considerando também as dinâmicas culturais oriundas do rádio e da música, igualmente registradas por Duarte, sobretudo nas rodas de samba, nas práticas religiosas de matrizes africanas, no folclore e na produção literária realizada por sujeitos que não ocupavam posições na elite intelectual dominante, configurava-se um cenário de profundas assimetrias culturais. Nesse contexto, ao escritor negro não chegavam informações acerca da existência de um grupo como o Clube da Madrugada.

A ausência de escritores negros no Clube revela, por assim dizer, também um distanciamento geográfico das redes de sociabilidades por onde os clubistas atuava, a saber: o Centro de Manaus, na Praça Heliodoro Balbi, no Colégio Estadual, localizado de frente para a praça; em contraponto à presença das expressões culturais de afrodescendentes que estavam na Praça 14, nos terreiros, nas rodas de samba de bairros adjacentes ao Centro.

No intuito de esclarecer melhor essas dinâmicas, convém destacarmos as entrevistas realizadas pelo historiador José Vicente de Souza Aguiar, que fundamentou um estudo a respeito das sociabilidades de lazer, por meio de praças e cafés localizados no Centro de Manaus, nas décadas de 1950 a 1960²²⁵.

Na documentação que encontramos, uma das falas dos entrevistados, do clubista Anísio Mello, o primeiro presidente do Clube da Madrugada, chamou-nos atenção, porque ele revelou ao historiador mencionado acima que, “A Praça da

²²⁴Duarte, 2016, p. 11

²²⁵AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus**: praça, colégio e cinema nos anos 1950 e 1960. Manaus: Valer, 2020.

Polícia, por volta de 1945 a 1965, era a praça principal de Manaus. Tudo o que se queria fazer levava-se para a Praça da Polícia. Quando era uma festa maior, oficial, desfiles de 5 e 7 de setembro e outros²²⁶”.

Aliás, ao lembrar disso e contar a Aguiar, compreendemos melhor as motivações que levavam os clubistas a estarem ali no entorno do colégio Estadual, como também realizarem suas reuniões das madrugadas poéticas na praça, bem como fundarem o Clube ali, embaixo do pé de mulateiro. Isto é, poetas como Luiz Bacellar, que integrava o Clube, também em entrevista concedida ao mesmo historiador, contou que “A gente se reunia para discutir o que estava se passando no campo das artes, da literatura, da sociologia, da economia²²⁷”, isso justifica um texto que abordaria a juta como elemento motor e alternativo à borracha para a economia do estado, ou seja, percebido no “Suplemento Madrugada”.

Além disso, ali no mesmo entorno da praça, conforme registrou Jefferson Carpinteiro Péres, notável figura política do Amazonas durante a segunda metade do século XX, no *Diário da Imprensa Oficial*, o Café do Pina,

a excelência do seu café, talvez o melhor da cidade, e finalmente, a simpatia do proprietário, o português José Brito Pina e, mais tarde, por República Livre do Pina, por constituir um microcosmo onde se reunia o que havia de mais representativo na cidade, para discutir livremente a respeito de tudo²²⁸.

Interpretamos, então que se o rádio e a música popular criavam uma modernidade porosa, no qual os elementos negros conseguiam relativa inserção na época; por conseguinte, visualizamos que o Clube da Madrugada erguia uma modernidade seletiva, percebido no texto que tratava da juta.

Aliás, o Clube em seu projeto de modernizar a cultura local, por meio da revista *Madrugada* e em publicações como a mencionada quanto a juta, evidenciava, ao mesmo tempo, uma influência dos primeiros impactos da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA, criada em 1953; como também, uma ideia de modernização que era oriunda de homens progressistas.

²²⁶MELLO, Anísio. Entrevista concedida a José Vicente de Souza Aguiar. Dezembro de 1998. In: AGUIAR, 2020, p. 65

²²⁷BACELLAR, Luiz. Entrevista concedida a José Vicente de Souza Aguiar. Dezembro de 1998. In: AGUIAR, 2020, p. 75

²²⁸PÉRES, J. Jefferson Carpinteiro. **Evocação de Manaus**. Como eu a vi ou sonhei. Manaus: Imprensa Oficial, 1984, p. 217

Em outros termos, esse posicionamento clubista enunciava a projeção de boas perspectivas para o futuro, não só para a cultura local, por meio das atividades realizadas pelo Clube, como também, do ponto de vista econômico, mas contribuía para o silêncio epistêmico que invisibilizava o saber do ribeirinho ou afrodescendente, indígena para a promoção do desenvolvimento pretendido para a região.

Nesse sentido, identificamos na produção literária do Clube um relato histórico de valorização da juta para economia do estado: “A valorização da juta brasileira foi progressiva pois, a princípio, grupos interessados no comércio indiano tentaram boicotar o produto de origem amazônica²²⁹”; nessa lógica de proteger, e valorizar o produto local.

Trata-se de uma publicação clubista que se refere a um momento de transição de políticas de substituição de importações que o Brasil estava vivenciando, fortalecida nos anos 1950, por Juscelino Kubitschek, no qual a região amazônica estava posicionada ainda entre a fronteira do invisível e do ser notado, do ponto de vista da perspectiva industrial. Além disso, a publicação desse texto, por parte desses escritores, reflete e expressa uma das dinâmicas do projeto de modernidade do Clube da Madrugada: a reconstrução simbólica da Amazônia, resultado de discussões realizadas, também, em reuniões na Praça da Polícia, no Café do Pina.

Diante dessa observação, interpretamos, mais à frente, como os clubistas procuraram protagonizar as características econômicas da região para ilustrar que a dependência da borracha não era mais necessária. Eles afirmaram:

O Amazonas como a unidade da federação que mantém maior produção de fibra, teve o privilégio de sua escolha para a localização de industrialização. A frente deste movimento de fixação desta empresa encontra-se o espírito dinâmico de Adalberto Valle, que muito tem procurado incentivar que capitais sulinos desloquem-se em direção à Amazônia²³⁰.

O que isso significa? Interpretamos que o Clube da Madrugada consumiu a narrativa de desenvolvimento econômico via industrialização, o padrão narrativo hegemônico da década de 1950 e 1960, associando assim um discurso coerente entre cultura, esta última apreendida por uma parte da sociedade que não representava

²²⁹REVISTA MADRUGADA. **Juta:** novo fator de desenvolvimento. Madrugada: publicação do Clube da Madrugada, Manaus, ano I, n. 1, p. 17, nov. 1955.

²³⁰REVISTA MADRUGADA, 1955, p. 17

aqueles que não circulavam tais lugares, como o operariado e afrodescendentes manauaras, ao progresso econômico. Isto é, está relacionado às dinâmicas em que o mercado mundial dessa fibra, a juta, durante o século XIX e início do XX, estava dominado pelos britânicos, que controlavam as plantações no delta do Ganges e o comércio de exportação através de Calcutá. Consta destacar que, no Brasil, a juta foi introduzida no início do século XX, mas ganhou importância somente a partir da década de 1930, especialmente quando imigrantes japoneses, localizado no Vale do Javari e na região de Parintins, iniciaram seu cultivo em fase experimental²³¹.

Nessa lógica, ao fazer uso de um produto alternativo para as dinâmicas econômicas do estado, o Clube não procurou discorrer sobre os trabalhadores da juta, constituídos por ribeirinhos – em maioria, ou ainda, por afrodescendentes, quanto a eventuais dinâmicas de exploração que podiam experimentar, dada a premissa da Modernidade com chave no desenvolvimento industrial do período. Em suma, não à toa, o “progresso” advém de agentes externos, os sulistas, e não a da população local. Naturaliza-se assim a invisibilidade e a exclusão de uma população não-branca, como a amazônica.

Nesse movimento de invisibilidades e silenciamentos, é válido enfatizar que, enquanto o cenário musical que se tornava popular por meio do rádio trazia artistas negros, como Ângela Maria, a literatura ainda era espaço de escritor branco, isto em Manaus. Nessa premissa, encontramos um silêncio sobre a presença de escritores negros em espaços destinados à literatura, no jornal do *Commercio*, no *O Jornal*; enfim, em boa parte da imprensa local, enquanto realizávamos a busca por documentação.

Nesse cenário, que era o da década de 1950, no qual o movimento social negro, sob influência do Teatro Experimental Negro, a partir de Abadias Nascimento, visava combater o racismo, protagonizar os saberes e as manifestações e expressões culturais de afrodescendentes; infelizmente, ainda não era uma pauta presente nas publicações, na imprensa local, dos clubistas, haja vista que, consoante os

²³¹Ver mais em: FERREIRA, Aldenor da Silva; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A colonização britânica e o declínio da produção de juta indiana: singularidades e possibilidades para a Amazônia. **Fronteiras: Revista de História**, v. 21, n. 37, p. 39-57, 2019. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1155334/1/A-COLONIZACAO-BRITANICA.pdf>

apontamentos do historiador Julio Claudio da Silva, “O TEM possuía um caráter dual, grupo de teatro e associação negra engajada na luta antirracista²³²”

Pensando nas questões que envolvia Manaus na década de 1960, havia padrões epistêmicos do silêncio quanto ao acesso aos afrodescendentes manauaras em movimentos como o Clube da Madrugada. Enquanto isso, os relatos de Duarte, em especial relacionado ao rádio, destacava no mesmo período da revista *Madrugada*, que a bossa nova caiu no gosto popular como um “movimento musical resultava da emergência urbana do país em plena fase desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek²³³...”

Em outras palavras, a revista *Madrugada* refletia uma ausência da pauta antirracista, no entanto, considerando também as barreiras geográficas e como o conservadorismo da sociedade em Manaus podia resultar em uma discussão tardia quanto a essas pautas, para a época, acreditamos que uma fala dos clubistas, presente em outro momento da revista deles, na página 18, ilustra bem esse meu argumento.

O texto “Seu primeiro ano de existência – antes um sonho, hoje uma realidade preocupada – atividades realizadas e a realizar – 22 de novembro uma data inesquecível”, teve o propósito de os clubistas tornarem público uma autoavaliação dos avanços, desafios encontrados e o que ainda era necessário realizar para desenvolver e consolidar as rupturas divulgadas no “Manifesto Madrugada” e no “Estatuto do Clube da Madrugada”.

Nessa premissa, os clubistas alertavam que não estavam alheios aos desafios que ainda eram necessários superar em uma sociedade fortemente presa aos padrões herdados da colonização, herdeiros da Modernidade-colonialidade. Assim, afirmaram que: “Aqueles que até o momento achavam-se alheio ao movimento das letras por falta de ambiente, vendo nos que se diziam lídimos representantes do movimento intelectual, não podiam comungar com a mocidade²³⁴...”.

Eles, que se chamavam de “a mocidade”, os clubistas, posicionavam-se como vanguarda contra o “atraso” cultural; no entanto, o sujeito amazônico imaginado era

²³² Ver mais em: SILVA, Júlio Cláudio da. Histórias do Teatro Experimental do Negro, nos diálogos entre palco e plateia: 1944-1946. In: XXVII Simpósio Nacional de História (22-26 jul. 2013, Natal). **Anais...** Natal: ANPUH, 2013, p. 2

²³³ Duarte, 2016, p. 13

²³⁴ REVISTA MADRUGADA, 1955, p. 18

branco, urbano e letrado, nunca o trabalhador da juta, negro e periférico. Enfim, apreendemos ainda que a ausência de escritores negros, no Clube da Madrugada, não é um detalhe biográfico, mas um projeto incompleto de Modernidade para o pensamento decolonial, o que só pode ser ressignificado hoje através do reconhecimento dessas invisibilidades.

Voltando ao texto publicado pelos clubistas: “Seu primeiro ano de existência – antes um sonho, hoje uma realidade preocupada – atividades realizadas e a realizar – 22 de novembro uma data inesquecível”, presente na revista *Madrugada*, visualizamos que os clubistas sabiam de suas limitações e desafios a serem encontrados, em especial quando afirmaram que eles, a mocidade, “que ainda se encontrava brotando e que resolvera ensaiar os primeiros passos de uma revolução intelectual, que pudesse congrega todos que ainda não se achavam abatido pelo conformismo diante dos que se mantinham em pé²³⁵”.

Aliás, já havia, em meados dos anos 1950, o Clube influenciado para si a presença de vários artistas locais, empresários e intelectuais de Manaus a se engajarem no projeto de modernidade expresso, sobretudo, no combate ao conformismo. Não à toa, esse grupo todo foi nomeado, em outro momento da revista *Madrugada*, como a seguir podemos visualizar, da seguinte maneira:

Atualmente, trabalhando dentro do Clube da Madrugada, em vários setores de pensamento humano, encontram-se os seguintes membros: Jorge Tufic, poesia; Carlos Farias, poeta; Luiz Bacellar, poeta; Fernando Collyer, cronista; Saul Benchimol, Francisco Batista e Alfredo Campos, estudiosos de Ciências Sociais; Humberto Paiva e Teodoro Botinely, contistas; Afrânio Castro, pintor e desenhista; João Bosco de Araújo, ensaísta; Orígenes Martins, pedagogo; Moacir Couto de Andrade, arquiteto e poeta; Miguel Barrela, filólogo; Djalma Passos, poeta e historiador; Camilo Lopes, ensaísta; e Paulo Comte de Alencar, humanista e musicista²³⁶.

A pauta, por assim dizer, era o combate ao atraso cultural, ao conformismo; mas, mesmo diante de tais pautas, o não problematizar a ausência de um escritor negro na história da literatura local, em um momento em que o país, por meio do movimento social negro, construía um pensamento social entorno da construção e da consolidação de uma identidade negra em um Brasil pós-Era Vargas (1945), evidenciava que aqueles escritores estavam integrados à lógica das colonialidades,

²³⁵REVISTA MADRUGADA, 1955, p. 18

²³⁶REVISTA MADRUGADA, 1955, p. 19

haja vista haver uma naturalização, que é hierárquica e epistêmica, a respeito do acesso a cultura dita “valor de prestígio”, por uma elite de uma sociedade conservadora.

Todavia, em um momento de consolidação do grupo, já em meados da década de 1970, destacamos a presença de Nestor Nascimento, ou melhor, Nestor José Soeiro do Nascimento, nascido em 11 de dezembro de 1947, em Manaus, e falecido em 31 de maio de 2003. Um ator social e histórico importante dentro da história social de movimentos negros no Amazonas, por ter estado à frente do Movimento Alma Negra (MOAN) e da Associação dos Moradores e Amigos da Praça 14 de Janeiro²³⁷.

Ele se insere no campo cultural de Manaus pelo seu papel de sócio-fundador da Escola de Samba Vitória Régia, como também participar de eventuais reuniões dos clubistas, na fase da consolidação do Clube, o que ocasionou que ele fosse vice-presidente do Clube da Madrugada. Embora ele não tenha sido um escritor do grupo, foi o intelectual que consideramos como o único exemplo de sujeito insurgente presente no grupo, haja vista que sua atuação social visava, entre outras coisas, a valorização e o protagonismo do saber e cultural das populações negras em Manaus, naquele período.

Imagem 11 – Nestor Nascimento



Fonte: Blog do Rocha, 4 de novembro de 2009.

Diante dessas observações, é válido esclarecer que, em um cenário de ausências, silêncios e tensões que marcaram o Clube da Madrugada, em quase três décadas (1954-1970), Nascimento também foi resistência, se considerarmos que a

²³⁷Ver mais em: <https://jmartinsrocha.blogspot.com/2009/11/nestor-nascimento-alma-negra-do.html>

presença dele em um grupo de notório reconhecimento pela sociedade manauara, já não tinha tanto espaço de veiculação de suas ideias coletivas, haja vista que ele foi vice-presidente no período da Ditadura Civil-Militar.

Contudo, ele desempenha o amadurecimento de um pensamento social antirracista, de luta o protagonismo dos grupos afrodescendentes em Manaus em um espaço letrado fragilizado pela censura e o autoritarismo²³⁸.

Dito de outro modo, entendemos essa presença como parte de uma dinâmica de insurgência tardia, haja vista estar inserida em um horizonte de eventos marcado pela censura, ou melhor, e expôs contradições da modernidade clubista, isto é, ele tensiona a luta da memória contra a invisibilidade e a presença da representação do subalterno produzida por escritores do Clube. Aliás, essa tensão, também observada em contato que tivemos a uma documentação outra, o *Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil*, publicado em 1988²³⁹, portanto, três décadas após o surgimento do Clube da Madrugada, que foi em 1954, revela aprofundamento desse debate e desejo de Nestor Nascimento em Manaus.

Com efeito, ao avançarmos nesse material, visualizamos informações sobre grupos, associações e entidades que atuavam no combate ao racismo, ou ainda, contra a discriminação racial, sobretudo em um período de tensões provocadas pela Ditadura Militar, durante o período de 1950 a 1990.

Como resultado, observamos que o catálogo foi uma ação de autoria do Programa Religião e Negritude Brasileira do ISER, coordenado por Caetana Damascenos, historiadora e antropóloga em questões afro-asiáticas e a historiadora em temáticas afrodescendentes, Sonia Giacomini.

²³⁸Em virtude de nosso escopo não ir para a década de 1970, recomendamos, para aprofundar a influência da Ditadura Civil-Militar no contexto cultural manauara, a dissertação de: SILVA, Alberto S. da. **Clube da Madrugada e sociedade amazônica**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008. 150 f. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6125/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Alberto%20S.%20Silva.pdf>. Ainda recomendamos, para melhor compreensão do movimento negro em Manaus, pós-Nestor Nascimento, o estudo de: ROSA, Vinícius Alves da: **A Comunidade do Barranco de São Benedito em Manaus**: processos para o reconhecimento do território quilombola / Vinícius Alves da Rosa; orientador Alfredo Wagner Berno de Almeida. - - Manaus: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/34-1.pdf>

²³⁹INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO (ISER). **Catálogo de entidades de movimento negro no Brasil**. Comunicações do ISER, n. 29. Rio de Janeiro: ISER, 1988. Disponível em: <https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/07/comunicacoes-do-iser-catalago-de-entidades-de-movimento-negro-no-brasil.pdf>

O documento lista mais de 150 entidades nacionais, incluindo o MOAN – fundando por Nestor Nascimento, para articular direitos civis, culturais e territoriais de negros em Manaus. Compreendemos que essas pautas seriam, a partir da presença e influência de Nascimento, eventuais motivos de temas de produções literárias no grupo, o que não viria se consolidar porque, como já afirmamos, a década de 1970 marcou um espaço de alcance limitado do grupo.

Interpretamos que o Catálogo registra não apenas a movimentação e presença de um ativismo negro em Manaus, mas também tensiona o que os clubistas afirmaram em seu Estatuto de “livre manifestação do pensamento”, no artigo 1. Enfim, trata-se de um trabalho que, “arduamente durante os anos de 1986 e 1987 para reunir o maior número possível de grupos, de forma a facilitar o contato entre eles e a organização dos mais diversos eventos²⁴⁰...” Assim sendo, dentro dos critérios de exclusão e inclusão nesse processo de organização, é apresentado o seu procedimento metodológico e, ao fazer isso, esclarece o sentido dos termos: movimento, grupo, sociedade e associação²⁴¹.

Conforme o que explica: “‘Grupo’, o termo mais encontrado na lista, indica uma valorização das relações informais. (...) a denominação ‘Sociedade’ apresenta um sentido mais tradicional e institucionalizante²⁴²”. Além disso, elucida que “‘Associação’ sugere uma relação entre iguais e uma adesão voluntária e consciente, porém mais formalizada do que ‘Grupo’, por exemplo²⁴³”.

Se compreendermos, nessa premissa, que o Clube não foi pelos clubistas, conforme o que está posto na revista *Madrugada* ou no Estatuto, autodenominado como “Associação”, mas “Grupo”, apreendemos que há, em um momento inicial, uma organização informal, não institucionalizada entre os clubistas. E, ainda mais se

²⁴⁰ISER, 1988, p. 4

²⁴¹ Recomendamos o estudo de: ALMEIDA, Elizângela de Souza. **Educação, Movimentos Negros e Ações Afirmativas no Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6816/14/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Elizangela%20Almeida_PPGE.pdf>, que investigou movimentos negros no Amazonas, focando Comunidade Quilombola Sagrado Coração do Lago de Serpa (Itacoatiara). Também a pesquisa de: NASCIMENTO, Maria Ercília do. **A estratégia da desigualdade: o movimento negro dos anos 70**. 1989. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. Disponível em: <https://projetoceaa.com.br/pdfs/teses/nascimento_maria_ercilia_a_estrategia_da_desigualdade_movimento_negro_dos_anos_70_1989.pdf>, que investigou estratégias do movimento negro brasileiro anos 1970, no Amazonas, no contexto de transição da Ditadura-redemocratização.

²⁴²ISER, 1988, p. 6

²⁴³ISER, 1988, p. 7

destacarmos que os escritores do Clube da Madrugada disseram que eram uma “mocidade que estava brotando²⁴⁴”.

Diante dessas considerações, interpretamos que havia uma relação de dinâmicas e estrutura que ainda estava em processo de construção, o que nos ajuda a entender melhor o porquê, na revista *Madrugada* esses escritores procuraram tornar público um registro autoavaliativo de suas atividades, os desafios que ainda tinham de superar, dentro dos objetivos estabelecidos pelo coletivo.

Ademais, ainda o catálogo nos orienta que “‘Movimento’ encontra-se mais estável, como por exemplo ‘Conselho’ ou ‘Instituto’, que também nomeiam alguns grupos de nossa listagem²⁴⁵”. Dito de outra maneira, no período em que houve a coleta de informações da parte do catálogo, 1985 a 1987, é revelado algo interessante quanto à questão da presença do movimento social negro no Amazonas; segundo o documento: “a escassez em regiões como o Norte (apenas 1 grupo no Amazonas), o documento expõe desigualdades estruturais na organização do movimento, relacionadas a fatores como urbanização, acesso a recursos e presença histórica de quilombos²⁴⁶”.

O “Movimento Alma Negra (MOAN)”, única entidade listada no estado do Amazonas, reflete bem a natureza dos desafios de ruptura do silenciamento quanto ao protagonismo negro, ou ainda, do combate ao racismo e discriminação racial no estado. A seguir, reproduziremos o quadro que o catálogo apresenta.

Imagem 12 – Quadro 1 realizado pelo ISER (1988)

²⁴⁴REVISTA MADRUGADA, 1955, p. 18

²⁴⁵ ISER, 1988, p. 7

²⁴⁶Idem

ENTIDADES NEGRAS – POR ESTADO					
	A		B		
	RELAÇÃO	%	AMOSTRA CONSEGUIDA	%	
Alagoas	3	0,87	—	—	
Amazonas	1	0,29	—	—	
Bahia	27	7,89	2	5,55	
Ceará	3	0,87	1	2,77	
Espírito Santo	3	0,87	—	—	
Golás	3	0,87	—	—	
Maranhão	3	0,87	3	8,333	
Mato Grosso do Sul	2	0,58	—	—	
Minas Gerais	33	9,64	6	16,66	
Pará	1	0,29	—	—	
Paraíba	1	0,29	—	—	
Paraná	3	0,87	1	2,77	
Pernambuco	8	2,33	—	—	
Piauí	1	0,29	—	—	
R.G. Norte	1	0,29	—	—	
R.G. Sul	8	2,33	—	—	
Rio de Janeiro	76	22,22	14	38,88	
Santa Catarina	18	5,26	2	5,55	
São Paulo	138	40,05	6	16,66	
Sergipe	5	1,46	1	2,77	
Distrito Federal	5	1,46	—	—	
TOTAL	343	100%	36	100%	

Fonte: ISER, 1988, p. 7

Interpretamos dessas informações quanto a existência do MOAN que, além de ser um ato de resistência, também é um elemento de organização política da população negra, buscando assim reivindicar o seu protagonismo na história da região, de um lado. De outro, visualizamos ainda que a escassez de entidades semelhantes ao MOAN (1 entre 573 no Brasil), refletia ainda a fragilidade das redes de mobilizações no estado, ou ainda, a carência de políticas públicas na luta antirracista, em especial no Amazonas.

Nesse cenário, o MOAN, pode ser visto como um elemento que visa a ruptura da colonialidade do ponto de vista de desafiar as estruturas hegemônicas que silenciam e subalternizam grupos historicamente excluídos das dinâmicas da Modernidade. O Movimento Alma Negra (MOAN), conforme o que encontramos de relatos, estudos, ou ainda, em outras documentações a respeito, realizou um importante trabalho de busca por conquista de direitos sociais para a população negra em Manaus.

Nessa premissa, destacamos as arguições de Edinalda Maria dos Santos sobre as trajetórias e identidades de docentes negros no Amazonas, em relatos como de Helóisa, no qual revelou: “Existia como eu falei aqui, um movimento que se

chamava MOAN, o movimento alma negra. Ele se reunia lá no Sesc-Senac, e até hoje, acho que ainda é no mesmo local²⁴⁷”.

Ademais, visualizamos que há coerência nesse relato de Heloísa quando observamos, na imprensa local, por exemplo, em edição do jornal *A Crítica* de 10 de julho de 1983, que o MOAN esclareceu para a população que lia esse periódico que “é necessário que a data seja lembrada de maneira crítica, para que se façam as reflexões profundas sobre a identidade do negro e o que ele representa para a sociedade²⁴⁸”. Esse esclarecimento quanto a memória visa a reflexão e está relacionado às considerações quando a abolição da escravidão negra no Amazonas. Então, diz o título do artigo jornalístico: “os 99 anos”, que se tratava de uma comemoração, mas uma reflexão crítica.

Nesse propósito, revelaram que, após estudos e pesquisas por eles realizados, denunciaram um posicionamento de dez anos para trás, ou seja, 1973, da parte da imprensa que dizia, em uma publicação de 10 de julho (a fonte não menciona qual foi o jornal): “Disseram os integrantes do movimento que ainda hoje existe a discriminação racial no Brasil, ‘apesar de ser de forma velada, a exemplo de chavões, chacotas e referências a personagens de comerciais de televisão e em histórias de quadrinhos²⁴⁹”.

O MOAN tinha sede na rua Dr. Almino, 185. Nas palavras do presidente deles da época, o senhor Raimundo Pinto, contou que “quando os primeiros negros chegaram à Manaus, dirigiram-se para a periferia da cidade e estabeleceram-se no local onde hoje fica o aeroporto da Ponta Pelada²⁵⁰”. Mais à frente, comenta ainda que, em meio às dinâmicas de desenvolvimento urbano da cidade, em virtude, no pós-Segunda Guerra e dos preparativos para a chegada da Zona Franca de Manaus, “eles se espalharam para o Morro da Liberdade, Seringal Mirim e Praça 14, o mais importante reduto atual²⁵¹”. O seu fundador foi Nestor Nascimento.

²⁴⁷Ver mais em: SANTOS, Edinalda Maria dos. Entrevista com *In*: SANTOS, Edinalda Maria dos. **Identidades e Trajetórias de deocentes negro(o)s da UFAM**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa em Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Amazonas, 2010, p. 34 Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3210/1/DISSERTACAO%20EDNALDA.pdf>

²⁴⁸*A Crítica*. **Negros de Manaus recordam os 99 anos de Alforria**. *In*: DUARTE, Durando. Pinterest. Disponível em: <https://in.pinterest.com/pin/293085888227721095/>

²⁴⁹*A Crítica*, 1983, s/p. *In*: DUARTE [online]

²⁵⁰Idem

²⁵¹Idem

Consta mencionar ainda que Nestor Nascimento, na mesma publicação do *A Crítica*, afirmou que “o que marca a presença dos negros na Praça 14 são as comemorações de São Benedito, que tem sua imagem guardada na casa de uma das famílias tradicionais do bairro²⁵²”.

Nas dinâmicas que essas mobilidades enunciavam, o samba que se tornaria mais conhecido por parte da população para além da Praça 14, ou ainda, nas regiões mencionadas, em virtude da chegada do rádio, como já mencionamos nos relatos de Durango Duarte, foi destacado por Nestor Nascimento da seguinte maneira: “A Praça 14 é um polo irradiador da cultura negra no Estado, pois de lá saíram as primeiras escolas de samba e bois-bumbás²⁵³”.

Por conseguinte, se, nos anos 1960, o rádio e o cinema levaram aos manauaras o protagonismo negro de Ângela Maria e o samba de raiz, essa visibilidade midiática não se traduziu em inclusão literária, conforme o relato de Durango Duarte, e o que apreendemos de documentos como: a revista *Madrugada*, de autoria do Clube da Madrugada.

Nesse raciocínio, o Clube iniciou a ruptura de um pensamento conservador na cultura letrada; mas, entendemos que foi com o MOAN, quanto ao pensamento social negro e a presença de Nestor Nascimento no Clube, no final dos anos 1970-1980 que observamos algumas dinâmicas da presença, resistência da colonialidade na sociedade local. Isto é, na edição de 10 de julho de 1983 mencionada, a do jornal *A Crítica*, no qual o MOAN lançou um Manifesto, que não foi ouvido pelos clubistas (considerando o propósito dele), visava a difusão da cultura e história afro-brasileira no Amazonas.

Nesse manifesto, o MOAN expressou que tem “procurado influir decisivamente para uma revisão histórica para que a mesma não permaneça sendo repassada através de uma visão maniqueísta restrita, e forjadora de ‘verdades’ distantes da realidade dos fatos apresentados e/ou interpretados²⁵⁴”. Esse manifesto foi lançado no dia anterior da publicação no *A Crítica*, no dia 9 de julho.

Nisso, convém recuperamos os registros feitos por Durango Duarte ainda a respeito da chegada do rádio na capital amazonense:

²⁵²Idem

²⁵³Idem

²⁵⁴Idem

Os anos 1960 tinham como características a continuidade da crise econômica, a tentativa de internacionalização da Amazônia e a aposta na Zona Franca como fora de integração da cidade ao resto do Brasil. A válvula de escape da parcela da juventude “irrequieta” estava no envolvimento com a música que chegava através do rádio e do cinema²⁵⁵.

A juventude “irrequieta” não era letrada, era a maneira como os próprios clubistas se identificavam, como “mocidade contemporânea”, presente na revista *Madrugada*. Aliás, essa “mocidade”:

Este grupo de moços acostumados a reunir-se no jardim da Polícia, momentos em que mantiam conversa sobre os movimentos literário, político e social, tomaram da espada, levantaram a bandeira e saíram a desbravar sertões inóspitos, que nunca haviam sentido faces humanas, decretando guerra aos que permanecem na fase neolítica do pensamento²⁵⁶.

Neste momento é oportuno destacarmos a fala de Aloysio Nogueira, integrante do Clube na década de 1960, professor emérito da Universidade Federal do Amazonas, em entrevista que encontramos dele concedida ao historiador José Vicente. Ele, Nogueira, discorre sobre o que levava, também, os clubistas a estarem reunidos e se reunirem no jardim da Polícia. Como ele afirmou:

a presença da erudição era uma necessidade, então a gente sentia necessidade de conhecer, uma sede pelo saber, eu acho que era isso que nos levava a ter uma maior convivência com os mundos da cultura, da leitura, de ler jornal, ouvir rádio e ler livros, comprar livros, formar biblioteca²⁵⁷.

Considerando que o acesso a essa cultura e formação letrada pertencia aos filhos de uma classe média ou elite local, sobretudo nos anos 1950 e 60. É relevante ainda destacarmos do relato dele que “ouvir rádio”, em nosso entendimento, era algo relacionado a um projeto e ideal de atividade intelectual, haja vista que iria se saber pelo jornal as notícias de seu tempo. Se lembrarmos dos relatos de Durango Duarte, o “ouvir rádio”, para o restante da população, uma não letrada, significa ter acesso a uma cultura.

²⁵⁵Duarte, 2016, p. 15

²⁵⁶REVISTA *MADRUGADA*, 1955, p. 18

²⁵⁷NOGUEIRA, Aloysio. Entrevista concedida a José Vicente de Souza Aguiar. Dezembro de 1999. In: AGUIAR, 2020, p. 68

Nessas perspectivas de mundo, diferenças, o clubista fala em comprar livros, formar biblioteca como projetos de ambição. A música de Ângela Maria ou os sambas que eram ouvidos na rádio um saber de menor valor; assim, as falas dele (Nogueira) sugerem o que aqui chamaremos de “geografia do saber”, fundamentado nas arguições de Aníbal Quijano e Walter Mignolo, em especial quanto a compreensão de um *lócus* epistêmico, que é a Praça da Polícia, um espaço destinado, nas décadas de 1950 e 60 para o exercício de um pensamento, naquele tempo, considerado moderno.

Como resultado dessa interpretação, o culto a uma erudição que visava romper o que foi chamado pelos clubistas de “estagnação cultural”, não atendia às demandas de inclusão ou acesso a população afrodescendente que, como percebemos no catálogo do ISER, só veio a ter uma representação do movimento social negro nos anos 1980. Logo, escritores negros não caberiam no mapa cultural letrado em que o clube atuaria, reflexo de uma colonialidade do saber e das relações culturais.

No intuito de apreender melhor tais observações, na produção clubista, em um escritor já discutido nesta tese, Francisco Vasconcelos, encontramos na narrativa: “O ajudante de caminhão”, uma expressão do imaginário da presença da colonialidade do saber e das relações culturais como elemento da posição em que boa parte dos afrodescendentes estavam.

Nessa narrativa temos as experiências dramáticas dos personagens Macário e Estevão. Destacaremos o primeiro, o “Negro Macário, chofer de caminhão da fábrica de bebidas, suspirava pela vida de bordo, correr mundo, aventurar²⁵⁸...”. Macário foi representado como muitos negros que trabalhavam na época, no que chamamos de setor de serviço ou funções de pouco prestígio, nas relações internas de uma empresa, com estereotipo, descaso.

Vasconcelos, então, trouxe o seguinte trecho: “Quantas vezes negro Macário não se sentira assim? E haveria melhor remédio do que cana com limão? Quando a gripe era forte e vinha com febre, misturava a branca com pimenta-do-reino e era uma vez negro mole²⁵⁹”. Logo, compreendendo o projeto de rupturas que o Clube da Madrugada se propôs a fazer e realizou, ele atuou no nicho cultural em que se valorizava uma cultura que não era de acesso, ou de acesso limitado, a boa parte da

²⁵⁸Vasconcelos, 2010, p. 59

²⁵⁹ Idem

população manauara. Logo, o Clube não viu que os Macários reais não precisavam apenas ser personagens em suas narrativas, mas autores das próprias histórias.

Mais à frente, na narrativa de Vasconcelos, apreendemos ainda que, embora tenha construído a imagem mencionada de Macário, exerce-se a denúncia da situação de trabalhadores explorados manauaras oriundos de grupos subalternizados, como ribeirinhos ou nordestinos. Isto é, após Macário sugerir o remédio de cana com limão ao seu ajudante de caminhão, há o seguinte destaque:

Ele não queria. Deitou-se e ficou pensando. E se caísse de verdade? NA certa que morreria de fome. Se, trabalhando, nada sobrava, que não seria no fundo da rede? Lembrou-se de Eptácio, um colega de trabalho. O desgraçado já estava ficando velha na fábrica. Que empregadão! Valia ouro, o Eptácio. Mas um dia adoeceu e, sem demora, instituo com ele. Dois terços de ordenado. Ninharia. Não chegava nem para os remédios. Pra nada, mesmo. Coitado do Eptácio. A mulher, lavando roupa...Os filhos²⁶⁰.

Após essa imagem de tais sujeitos, novamente Vasconcelos enfatiza aspectos do comportamento de Macário, como o observado em: “Macário quebrou o jejum com uma dose dupla, tirando o gosto com uma pitada de sal. O caminhão toma marcha e segue²⁶¹”. Macário é o motorista do caminhão, Estevão o ajudante, Eptácio, o que adoeceu morrendo por situações de exploração do trabalho, outro motorista. Aliás, esses personagens eram, em maioria, trabalhadores oriundos de outras regiões do Brasil e um cenário que havia uma política de incentivo para nova mão de obra para Manaus, em virtude dos impactos da narrativa de Modernidade com viés de desenvolvimento industrial.

Ciente dessas novas dinâmicas, já na década de 1960, os clubistas em sua sede pelo saber, ao acesso às informações obtidas pela rádio também se expressam, o que encontramos em um relato de Elson Farias, poeta do Clube da Madrugada.

A cidade, com seu limitado mecanismo de empregos públicos e serviços, não pode acolher os fugitivos. Eles então se acomodam de qualquer jeito. Uma vasta massa de marginais, vivendo de baixíssimos salários e expedientes, ou do que parece. A grande maioria procura o mais fácil: subsistir²⁶²...

²⁶⁰Vasconcelos, 2010, p. 60

²⁶¹Idem

²⁶²FARIAS, Elson. **Cidade Flutuante**. *O jornal* – Suplemento de Variedades. 21 de fevereiro de 1965, p. 15

Embora o clubista não tenha mencionado que esses “fugitivos” ou “massa de marginais” tenham sido negros, como destacados na narrativa Vasconcelos, interpretamos que uma parte dessa “massa” eram os negros mencionados pelo relato de Nestor Nascimento e já apresentada no início deste capítulo quanto a presença da população negra em Manaus na década de 1960.

A outra parte da “massa” eram os moradores da “Cidade flutuante”, elemento urbano da cidade já discutido nesta tese e presente no capítulo 1. Diante das palavras de Elson Farias, Luiz Bacellar, Anísio Mello, Aloysio Nogueira, de parte da produção de Francisco Vasconcelos, interpretamos que a sede saber visualizava os problemas sociais de Manaus, mas não as demandas de grupos como os afrodescendentes, de um lado; de outro, já na década de 1960, “Havia uma conotação política, contra o estado de coisas, o obscurantismo do governo militar brasileiro²⁶³”.

No intuito de compreender esse projeto de Modernidade que o Clube realizou, no qual aqui entendemos com contraditório, em especial frente a documentação analisada, reforçamos que a ausência de escritores negros no grupo não foi um acidente, mas um reflexo da colonialidade do saber que restringia o acesso à cultura letrada a uma elite branca e urbana, alheia às expressões de afrodescendentes em Manaus.

3.2 O Suplemento Madrugada (1961): representações ou reflexos das dinâmicas culturais de Manaus (1960)

A década 1960 seria o período de importantes contribuições do Clube da Madrugada no cenário da cultural local, por meio de publicações diversas em poesia e prosa, envolvimento e engajamentos em exposições de artes plásticas, como também o reconhecimento de instituições, como Academia Amazonense de Letras, e o apoio financeiro do governo do Amazonas.

A exemplo do que mencionamos, visualizamos na imprensa local, em edição presente do *Jornal do Commercio* de 1956, página 6, o periódico reservando quase toda uma página para publicações e comunicações do Clube, como uma festa de autógrafo realizada em Manaus, no mesmo ano, ao livro de estreia do poeta e clubista Sebastião Norões, homenageado pelos editores do jornal.

²⁶³BACELLAR, Luiz. Entrevista concedida a José Vicente de Souza Aguiar. Dezembro de 1998. In: AGUIAR, 2020, p. 75

Na coluna em que assina o artigo “Notícias²⁶⁴”, de Alfredo de Belmont Pessoa, é destacado pelo jornalista um cenário de mudanças na cultura letrada e presente por meio da existência de tipografias, como a “Fênix”, nomeada por ele como a “principal cada editorial de Manaus, publicações de mais de 15 livros novos, todos de escritores amazonenses ou radicados ao Amazonas²⁶⁵...” Mais à frente, destaca que essa transformação é toda graças às ações do Clube, no qual, segundo o jornalista, teve “a empresa de sacudir a agonia reinante e salvar a literatura do Amazonas do marasmo em que mergulhara²⁶⁶”.

Nessa dinâmica de ilustrar como as mudanças são sentidas no final da década de 1950, o jornalista amplia o quadro para o leitor do jornal, destacando a atuação das artes plásticas e como as ações do Clube da Madrugada possuem uma influência nessa área da expressão cultural de Manaus. Dessa maneira, discorre que:

Não só no campo literário se circunscreve a reforma que os moços intelectuais amazonenses estão levando a termo. Também em outros setores da arte há uma propulsão nova. Notadamente nas artes plásticas, em que artistas de genuína vocação e alento forte se empenham na procura de novos rumos ou na revalidação de fórmulas gastas pela imperícia de pequenos artesãos inábeis²⁶⁷.

Visualizamos melhor desses trechos iniciais do artigo jornalístico que a homenagem a Sebastião Norões, a existência de uma mudança nas dinâmicas editoriais, revela sim a renovação modernista proposta pelo Clube, mas também apresenta um outro elemento desse quadro: há no evento destacado da “Notícia” um poeta que não é negro, haja vista que o protagonismo é a um escritor ribeirinho, o Sebastião Norões. Aliás, nesse movimento, queremos enfatizar que em nenhum momento da coluna de Pessoa há menção a uma autoria negra, considerando que a década de 1960 já apresentava, de maneira mais incisiva, a presença do movimento social negro no Brasil e em fase de maturidade, no Amazonas.

Então, os escritores ao qual Pessoa se refere, e são brancos, correspondem a expressão “pequenos artesãos inábeis”, a qual sugere que apenas artistas dotados de uma “genuína vocação” seriam dignos de partilhar das experiências culturais

²⁶⁴PESSOA, Alfredo de Belmont. **Notícias**. In: *Jornal do Commercio*, 1956. Acervo pessoal.

²⁶⁵Idem

²⁶⁶Idem

²⁶⁷Idem

enunciadas pelo jornalista, experiências essas notadamente vinculadas a uma cultura letrada e aos valores estéticos por ela consagrados. Essa formulação reforça uma lógica excludente que não apenas hierarquiza as práticas culturais, mas também silencia manifestações populares.

Em termos mais amplos, tal perspectiva revela que o acesso à cultura letrada, compreendida aqui como espaço de prestígio simbólico e validação intelectual, permanecia vedado aos sujeitos negros, cujas expressões culturais não eram reconhecidas como legítimas dentro do cânone hegemônico.

Diante desse entendimento, é válido destacar que Sebastião Norões, poeta ribeirinho, nasceu em 7 de março de 1914, em Humaitá, interior do Amazonas, e faleceu em Manaus em 27 de abril de 1971. Ele foi integrante do Clube da Madrugada e poeta responsável pela primeira publicação do Clube, em 1956, com o livro: *Poesia Frequentemente*, assim como Jorge Tufic, com o texto: *Varanda de Pássaros*²⁶⁸. Embora, nessa questão, o Clube tenha conseguido protagonizar uma escrita ribeirinha, ou melhor, de autores ribeirinhos, casos observados em poetas como Elson Farias, Alencar e Silva, escritores como Arthur Engrácio, Carlos Gomes, a ausência de escritores negros ainda foi algo presente na década de 1960.

Imagem 13 – Sebastião Norões



²⁶⁸BLOG DO CORONEL ROBERTO – Cantando Letras & escrevendo histórias. **Sebastião Norões, Delegado.** 22 de setembro de 2013. Disponível em: <https://catadordepapeis.blogspot.com/2013/09/sebastiao-noroes-delegado.html> Para mais informações a respeito dos poetas mencionados, ver: TELLES, Tenório; GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de Literatura do Amazonas.** Manaus: Editora Valer, 2023.

Nesse cenário, o trecho de Alfredo de Belmont Pessoa, interpretamos que os artesãos mencionados podem, também, ser compreendidos a partir da própria visão difundida por instituições como a Academia Amazonense de Letras, como observamos nas palavras do Padre Nonato Pinheiro, o 1º Secretário da AAL em 1958, patrono da cadeira nº 20, professor do colégio Dom Bosco, no qual afirmaria em edição do *O Jornal*, de 3 fevereiro 1961, que a ideia de cultura, o “...cultivo do espírito.

Como falamos em cultura do campo (agricultura – cultura agro), assim falamos em cultura do homem, pelo desenvolvimento de suas faculdades e esplendor de seu aperfeiçoamento²⁶⁹. Isto é, percebemos que Pinheiro argumenta sua concepção, como porta-voz da Academia Amazonense de Letras, em que o acesso a cultura ou a formação dela advém de um processo que perpassa por conhecer Horácio, Cícero; em especial, para tratar de aperfeiçoamento do espírito e da moral.

Diante dessa perspectiva, Pinheiro esclarece que os dois principais entendimentos sobre cultura vigentes à época, que convergiam para as noções de homem culto e de civilização, evidenciam os fundamentos da modernidade que excluía sistematicamente determinados grupos sociais, como os ribeirinhos, os indígenas e, especialmente destacados nesta tese, os escritores negros.

Ademais, entendemos ainda que, para que esses sujeitos tivessem acesso às mesmas oportunidades, era exigido que se alinhassem às dinâmicas de formação impostas por esse modelo cultural hegemônico. Tais elementos operam, assim, como dispositivos de manutenção da colonialidade do saber, nos termos propostos por Quijano (2005) e Mignolo (2003).

Nesse sentido, Pinheiro identificaria como o “homem, ao seu desenvolvimento intelectual e moral, à sua formação humana; É, pois, um conceito muito mais amplo do que o de instrução e erudição²⁷⁰”, ou seja, ao escritor que estivesse alinhado ao referencial que a expressão cultural local cultuava. No entanto, isso não significa que o homem negro, especialmente aquele residente no Amazonas, em Manaus, e, em particular, o escritor, fosse destituído de formação moral e intelectual.

²⁶⁹PINHEIRO, Padre Nonato. **Do conceito de cultura**. *O Jornal*, 3 de fevereiro, 1961.

²⁷⁰ Idem

Todavia, é necessário considerar que um dos fundamentos estruturantes da Modernidade reside justamente na manutenção de hierarquias, que não se restringem às de gênero ou trabalho, mas se estendem também ao saber, à etnia, à identidade e às concepções de cultura.

Diante dessa perspectiva, se considerarmos a reflexão de Achille Mbembe²⁷¹ a respeito do processo de negação da legitimidade epistêmica do sujeito negro, no qual está intrinsecamente ligada à constituição de uma razão moderna que se constrói pela exclusão ou invisibilidade, apreendemos que a produção de conhecimento no Ocidente moderno, nesse caso a formação da cultura, instituiu o negro como figura exterior à universalidade do humano; ou seja, um outro radical cuja existência foi historicamente capturada por discursos de inferiorização ontológica. Em suma, essa dinâmica não apenas subalterniza os sujeitos negros, mas também legitima a reprodução contínua de estruturas de poder racializadas nos campos da cultura, da ciência e da literatura.

Nessa lógica de subalternização, mesmo o escritor negro residente em Manaus, ainda que dotado de sólida formação intelectual e sensível aos debates estéticos e políticos de seu tempo, encontrava-se aliado dos espaços centrais de reconhecimento, pois a cultural local vigente não o contemplava como interlocutor legítimo. Assim sendo, apreendemos que seu pertencimento era condicionado à adesão a modelos eurocentrados, o que, por sua vez, reforçava a lógica da colonialidade do saber e o silenciamento das epistemologias negras.

Não à toa, um escritor afrodescendente não estaria no perfil de formação que Pinheiro destacaria na publicação, a saber: “Os conhecimentos humanísticos, com fundamento na cultura das letras clássicas (autores latinos e gregos) são assim chamados porque rasgam perspectivas radiosas ao estudioso²⁷²...”. Em outras palavras, interpretamos dessa concepção que a cultura significa mais do que aquisição de conhecimento, refere-se à instrução e à erudição da vida humana.

Diante dessa observação, é perceptível um ato de poder epistêmico predominante na cultura letrada praticada em Manaus, que invisibilizava saberes locais, indígenas e afrodescendentes. Se lembrarmos que, no capítulo anterior desta tese foi evidenciado que os referenciais dos clubistas eram escritores outros

²⁷¹MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

²⁷²Idem

europeus, há nisso a manutenção de elementos de não inclusão de autorias negras, para protagonizar brancos. Como resultado, a instrução e a erudição não poderiam incluir tradições de saberes e de intelectualidades, como mitologias, oralidades, saberes da floresta.

Interpretamos, então, que a homenagem concedida a Sebastião Norões, destacada na publicação do *Jornal do Commercio* de 1956, significa que um escritor ribeirinho assimilou elementos de erudição, ou melhor, expressão, praticados da época e foi incluído nessa cultura das letras.

No entanto, é válido ainda enfatizarmos que, considerando que a colonialidade é também a herança da violência colonial, e ela precisa ser superada, apreendemos que o escritor negro que vivia em Manaus (1950-60), por mais instruído que fosse, dificilmente seria visto, ou seja, notado como um “portador de uma moral ou intelecto”, para os sujeitos que estavam à frente da cultural letrada local.

Temos, então, nesse entendimento, duas visões de modernidade cultural presente em Manaus, a partir do Clube da Madrugada, no tocante ao conflito e coexistência de duas gerações: a primeira, referida por Pinheiro como “mocidade”, o qual alude à juventude universitária do período, marcada por sua inserção nos espaços formais do saber e nas instituições consolidadas da elite intelectual, esta última que frequentava o Teatro Amazonas, a Praça da Polícia, o Café do Pina.

Por conseguinte, a segunda, identificada como “mocidade contemporânea”, corresponde à geração do Clube da Madrugada, assim por eles autoidentificado no “Manifesto Madrugada²⁷³”, grupo que, segundo o próprio autor (Pinheiro) em publicação no *O Jornal*, representaria uma tentativa de renovação estética e cultural no cenário manauara (1960), ainda que enraizada em determinados paradigmas da cultura letrada tradicional.

Essa percepção do escritor da Academia Amazonense de Letras foi publicada com as seguintes palavras: “Felizmente já se abrem em Manaus novas Faculdades, grande passo para a futura Universidade. Já começará a envolver a nossa mocidade a atmosfera universitária, sem a qual é irrisória falar em cultura²⁷⁴”. Mais tarde, em publicação presente em outro periódico da cidade, no *Jornal do Commercio*, de 03 de abril de 1966, o Padre Nonato Pinheiro iria discorrer sobre o Clube da Madrugada e

²⁷³ Fonte essa já trabalhada nesta tese, nos capítulos 2 e 3.

²⁷⁴ Idem

evidenciar, em nossa interpretação, a integração do Clube a essa cultura da erudição e do espírito da mocidade dos anos 1960; ou seja, Pinheiro destacaria os “talentosos moços, que encaram o problema da cultura com dignificante espírito de seriedade²⁷⁵”. Ele, Pinheiro, ainda foi mais enfático:

Tenho consciência nítida da que sempre estimei esses moços, que surgiam diante de minhas pupilas tocados pela centelha eletrizante de um ideal superior. É só consultarem minha colaboração na imprensa amazonense, que já se avoluma de vinte anos, e terão a prova convincente. Cheguei a sugerir ao escritor Péricles de Moraes, presidente da Academia Amazonense de Letras, ao tempo da fundação do Clube da Madrugada, de quem fui colaborador imediato nos movimentos culturais que entendiam com a Casa de Adriano Jorge, que observasse os rapazes, que lhes acompanhasse os passos na seara das letras²⁷⁶.

Essa nossa observação para essas enunciações do Padre Nonato Pinheiro, nos serve para perceber melhor o plano epistemológico daquela sociedade manauara da década de 1960 que produzia e compartilhava dinâmicas do mesmo campo cultural, ou seja, visualizamos que há uma assimetria no projeto de Modernidade do Clube da Madrugada; ainda mais se aplicarmos, ao cenário cultural em disputa em Manaus dos anos 1950-60, a ideia de “lugar de enunciação”, de Walter Mignolo²⁷⁷, no qual argumenta que as invisibilidades promovidas pela colonialidade estão presentes no que se diz, de quem fala, a partir de onde se fala.

Em outros termos, apreendemos que a ausência de um escritor negro no Clube, mesmo que estivesse no círculo dessa erudição mencionada por Pinheiro, ou mesmo presente em eventos que foram publicados pelos clubistas na imprensa local, reflete que a colonialidade não se desfaz com o fim do colonialismo, ele persiste em uma matriz de hierarquias que articula o poder e o saber, não privilegiando epistemologias outras; naturaliza-se assim a invisibilidade do negro como escritor.

Se ainda lembrarmos a enunciação do Madrugada, como oriunda das palavras de Aloysio Nogueira²⁷⁸, interpretamos ainda que o escritor negro, aquele que advém

²⁷⁵PINHEIRO, Padre Nonato. Clube da Madrugada. *Jornal do Commercio*. 3 de abril de 1966. In: PINHEIRO, Padre Nonato. **Textos**. Portal entretextos [online], 2012, p. 37. Disponível em: https://www.portalentextos.com.br/files/online_books/padre_nonato_pinheiro.pdf

²⁷⁶PINHEIRO [1966], 2012, p. 38

²⁷⁷MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

²⁷⁸NOGUEIRA, Aloysio. Entrevista concedida a José Vicente de Souza Aguiar. Dezembro de 1999. In: AGUIAR, 2020.

de uma juventude irrequieta de áreas consideradas periféricas, dos terreiros, das rodas de samba, havia uma narrativa de culto às letras em referenciais eurocêtricos que tal sujeito permanecia fora do escopo dessa dinâmica.

Além disso, o Padre Nonato Pinheiro ainda enfatiza que os clubistas tinham consciência dessa posição, ou seja, uma revitalização do cenário cultural local. Nisso, propõe que o Clube da Madrugada e instituições como a Academia Amazonense de Letras, “Não devem ser forças antagônicas, mas forças vivas, formando uma mesma dinâmica pelo soerguimento pensamental, pelo esplendor das letras e das artes, pelo culto do idioma e da literatura nacional²⁷⁹”.

Em suma, não apenas se nega ao sujeito negro a centralidade no discurso, mas se define a sua presença como exterior à racionalidade culta, relegando-o a espaços periféricos da memória intelectual da cidade. A literatura, compreendida também enquanto campo de disputa simbólica, precisa, na interpretação dessa arena, ser analisada em suas tramas de invisibilidade, ou ainda, de subalternização, para que se possa propor, efetivamente, uma descolonização dos critérios de pertencimento e legitimidade.

Após esse entendimento, visualizamos em publicações do Clube da Madrugada na imprensa local, no período de 1961 a 1972, de nome: “Suplemento Madrugada”, presente no *O Jornal*, um instrumento utilizado pelos clubistas como um veículo de comunicação para despertar o senso crítico e o conhecimento sobre a região amazônica, por parte da juventude das décadas de 1960 e 1970, como também ter acesso aos textos do Clube, de uma literatura, conhecer aspectos de uma cultural local.

Trata-se de uma iniciativa de clubistas que integravam parte de uma geração progressista de classe média, influenciada pelas dinâmicas ideológicas do pós-Segunda Guerra Mundial e, desde o “Manifesto Madrugada”, de 1955, discorrer sobre assuntos de interesse social da população amazonense da época. Entendemos ainda que o “Suplemento Madrugada” representava também a consolidação do projeto de Modernidade do Clube, como também a sua posição diante do debate nacional da época, que era o do desenvolvimento industrial promovido por Juscelino Kubistchek, ou os efeitos de sentido no Amazonas na década de 1960.

²⁷⁹PINHEIRO [1966], 2012, p. 39

Mas, por qual motivo o jornal? Manaus, nas décadas de 1950 a 1970, não possuía uma rede de editoras ou uma editora que tivesse como foco promover a literatura local. Como resultado, o livro não alcançava a todos, apenas quem pudesse adquiri-los de editoras e livrarias de outras cidades, como de centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, ou mesmo, Belém. Era algo que circulava apenas entre a classe média. O rádio era o meio de acesso a uma cultura mais presente naquela sociedade, onde não caberia um programa com a leitura de poemas ou histórias de ficção de uma literatura local.

Não podemos esquecer que, naquele período, conforme observamos nos relatos de Durango Duarte acerca dos meios de comunicação, que primeiro chegou o rádio a Manaus; depois, já nos anos 1960 e 70, a televisão. Logo, o livro seria cada vez mais acessível a um público letrado, bem posicionado na sociedade local. O Clube, ciente disso, optou alcançar a população por meio do jornal, que era mais barato e acessível, fazia parte da rotina do trabalhador.

Ao examinarmos o Suplemento, identificamos que ele integra algo maior: uma rede de sociabilidade das expressões que, ao lado de praças, cafés e revistas como espaços de produção e debate literário, cultural, estruturam um campo intelectual. Por tal motivo, há na Praça Heliodoro Balbi o surgimento do Clube, posicionado em frente ao colégio em que clubistas estudaram ou era professores, o Colégio Estadual; ou ainda, onde circulavam para fechar a pauta que seria publicada no Suplemento, no Café do Pina²⁸⁰.

Os textos dos clubistas, seja por meio de poemas, contos, crônicas e artigos publicados no *O Jornal*, no “Suplemento Madrugada” (1960-61), compartilhava espaço de comunicação e expressão com instituições como a Academia Amazonense de Letras, em textos do Padre Nonato Pinheiro e Mavignier de Castro; ou ainda, críticos literários como Afrânio Coutinho, M. Cavalcante Proença, entre outros.

Nesse contexto, no ano de 1961, em que a presidência do Clube da Madrugada estava sob o comando de Alúcio Sampaio, observamos que os clubistas começaram a desenvolver essa iniciativa na imprensa manauara. Não à toa, no Suplemento, o clubista Jorge Tufic escreveu o artigo: “Início de conversa”, ilustrado da seguinte maneira:

²⁸⁰AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus**: praça, colégio e cinema nos anos 1950 e 1960. Manaus: Valer, 2020.

Acreditamos que a mudança para melhor é que há de proporcionar melhora no gosto literário do público. Sem essa iniciativa altamente saneadora, e louvável, o estágio atual em que se encontram as nossas folhas suplementares corre o risco de permanecer no que está criando assim uma concepção negativa a respeito da arte e da literatura [...] Falamos assim porque à imprensa e ao jornal sempre coube a missão de educar, formando inclusive a chamada “opinião pública”. Mas este trabalho não tem sido completo, feito que é unilateralmente, de modo errôneo e falso, no que concerne à cultura, sob todos os ângulos, já que os “aprendizes de feiticeiro” tomam os lugares destinados àqueles para quem o risonho amadorismo já é fase ultrapassada. Eis aí, em síntese, porque somos contra a hipótese de que o povo não sabe e não deve exigir além de “pão e circo”. Basta dar-lhe algo melhor que isso, educando-lhe o gosto estético. E para esse fim podem dispor de pessoal habilitado. Gratuitamente²⁸¹.

A partir das palavras de Tufic, compreendemos que, sobretudo nas edições do “Suplemento Madrugada” às quais tivemos acesso (1961–1962), manifesta-se um projeto de modernidade cultural vinculado ao Clube da Madrugada. Esses suplementos funcionavam como veículos de circulação de ideias e produção de sentido, por meio dos quais se buscava despertar a juventude amazonense para uma consciência crítica acerca da realidade regional, em especial no que se refere à Amazônia, à literatura e ao papel do intelectual na construção de um imaginário cultural e engajado em realizar rupturas ao padrão mental da primeira metade do século XX.

Além disso, interpretamos que a crítica de Jorge Tufic aos “aprendizes de feiticeiro” é reveladora, porque evidencia intenções educativas do projeto de modernidade clubista. Isto é, posiciona-se contra a ideia de que a crença de saberes populares não é legítima por si mesmos, e precisam ser validados por uma instância letrada, branca e urbana. Logo, a crítica aos “aprendizes de feiticeiro” expressa o desconforto com produções culturais alheias ao cânone. E, embora o “Suplemento Madrugada” tivesse a intenção de ampliar os meios de circulação do discurso literário em Manaus, Jorge Tufic, como o porta-voz do Clube, denuncia um tipo de prática cultural que, aos olhos do grupo clubista, seria “amadora”, “imatura ou desqualificada”. Trata-se de um elemento que esse escritor problematiza e está relacionado ao lugar de enunciação da produção literária e cultural em Manaus, isto é, quem fala e de onde fala.

No entanto, interpretamos ainda que a forma como o Suplemento foi ocupado, em especial, quem nele escrevia e quais saberes eram ali autorizadas, enfatiza nosso

²⁸¹TUFIC, Jorge. **Início de conversa**. *O Jornal*, Suplemento de Variedades, 12 de fevereiro de 1961.

argumento de que isto não acompanhou a diversificação das vozes, haja vista que a inovação no suporte (do livro para o jornal) não significou uma inovação no conteúdo ou nas epistemologias.

Diante dessas observações, o Clube da Madrugada viria a publicar no Suplemento, em 23 de abril de 1961, três poemas, de autoria, respectivamente de Farias de Carvalho, Elson Farias e Thiago de Mello, como também um texto de Benjamin Sanches, e um artigo do padre Luiz Ruas – todos clubistas.

Os textos procuram explorar temas voltados ao imaginário amazônico ou experiências de escrita (estilística literária), ou ainda, posicionamentos ao cinema, expressões emotivas. Tudo isso em uma estrutura (do Suplemento) que não apresentava título, mas havia a logo do Clube da Madrugada, identificando o espaço desses escritores na imprensa local, como a imagem abaixo exemplifica.

Imagem 14 – Logomarca do Suplemento Madrugada (1961-1963)



Fonte: *O Jornal*. Suplemento Madrugada (1961-1962). Acervo Pessoal.

Nesse espaço, os clubistas tornavam público as atividades do Clube, como lançamento de livros, saraus, exposições de artes plásticas no qual o Clube da Madrugada estava à frente, ou ainda, comentários acerca de autores e livros que possuíam um alcance nacional, bem como apontamentos sobre economia, sociologia, cultura, normalmente presente na seção “Editorial”.

A seção CORRESPONDÊNCIA continua recebendo trabalhos em verso e prosa de autores novíssimos, os quais, se aprovados, passarão a figurar neste Suplemento [...] novos escritores, poetas e ensaístas poderão surgir no cenário promissor das letras amazonenses²⁸².

²⁸²*O Jornal*. Correspondência. Suplemento Madrugada, 18 de junho de 1961.

A partir desse trecho, o Clube da Madrugada não se constituiu como um movimento informal ou espontâneo, mas sim como uma iniciativa estruturada e organizada – tudo isso para atuar de forma ativa na formulação de um projeto literário e cultural para a cidade de Manaus, algo observado pela documentação entre as décadas de 1950 e 1960.

Nesse raciocínio, visualizamos na seção intitulada: “Correspondência” um papel relevante como espaço de acolhimento e interlocução com novos escritores. Trata-se de uma ação do Clube que visava promover, ao menos em aparência, uma abertura para a renovação do campo literário local.

No entanto, explorando mais a documental (o Suplemento), não identificamos a presença de autoria negra nesse espaço, o que evidencia a persistência de silenciamentos e exclusões no interior de um movimento que, embora inovador em suas propostas estéticas, ainda reproduzia dinâmicas de invisibilização marcadas por hierarquias raciais e epistêmicas da época quanto ao sujeito literário afrodescendente.

Uma das respostas, e mesmo, entendimento que temos para essa inquietação advém da arguição de Pierre Bourdieu²⁸³ quanto ao capital simbólico, sobretudo quando percebemos que o acesso ao Suplemento, ou melhor, ao entretenimento cultural proposto pela página clubista na imprensa local, estava muito localizado quanto a sua circulação ao homem letrado que cursava o colégio Estadual, caminhava um pouco para a Praça Heliodoro Balbi e, andando alguns metros, chegaria no Teatro Amazonas; ou ainda, em eventos que quisesse se fazer presente, iria se deslocar para a Academia Amazonense de Letras, todos esses espaços e rede de mobilidades próximos uns aos outros e na mesma região da cidade: o Centro. Assim sendo, somente quem pudesse transitar ou acessar a esse rede de mobilidades seria os “novos escritores, poetas e ensaístas poderão surgir no cenário promissor das letras amazonenses²⁸⁴”.

Em outras palavras, os sujeitos negros tinham suas redes em bairros ou regiões urbanas como a Praça 14, Seringal Mirim, Morro da Liberdade, na Manaus dos anos 1960. Aliás, na capital amazonense dos anos 1950 e 1960, ainda não havia

²⁸³BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

²⁸⁴O *Jornal*. Correspondência. Suplemento Madrugada, 18 de junho de 1961.

uma estrutura viável para uma rede de mobilidade de populações afrodescendentes quanto à cultura literária, algo que ocorreria após a década de 1990.

Dessa maneira, não seria fácil para um escritor negro, naquele período, ter acesso ao “Correspondência” do Clube da Madrugada, haja vista que os sujeitos negros estavam presentes na cidade, trabalhavam, escreviam, cantavam, produziam saberes; no entanto, na lógica da Modernidade com chave no desenvolvimento industrial para o Amazonas (1950-1960), com características seletiva e excludente, não reconheceria o escritor negro como produtor de cultura letrada. Logo, há nessa questão também a atuação da colonialidade do poder e do saber.

Ademais, diante desse quadro, interpretamos que os textos dos novos talentos, por assim dizer, não chegavam ou eram aprovados, e, como resultado, havia textos e/ou autores consagrados, como perceberemos a seguir, na publicação do “Correspondência” de primeiro de outubro de 1961:

P. de S. Agradecemos a colaboração que nos enviou e, desde já, adiantamos que iremos fazer o possível de oportunamente publicar a gravura de sua autoria, ilustrando uma publicação sobre Euclides da Cunha, que será escrita pelo clubista Bacellar²⁸⁵.

No intuito de oportunizar aos eventuais “novos talentos”, ou ainda, realizar a difusão de uma literatura considerada de valor de prestígio, os clubistas ainda faziam traduções de textos do cânone universal, o que interpretamos como um movimento que tinha claros objetivos de tornar acessível e conhecido escritores e movimentos de uma cultura letrada universal, a leitores que pudessem obter, ler e compreender os manuscritos; isto sinaliza também o perfil de leitores do jornal.

Dito de outro modo, a seção do Suplemento chamada de “A poesia e seus Mestres” publicou, em 13 de maio de 1962, o texto chamado: “Canto 54” dos *Cantares*, de Ezra Pound²⁸⁶. Nela, destacamos a seção “A poesia e seus Mestres”, e os comentários que os clubistas realizaram.

²⁸⁵ *O Jornal*. Correspondência. Suplemento Madrugada, 01 de outubro de 1961.

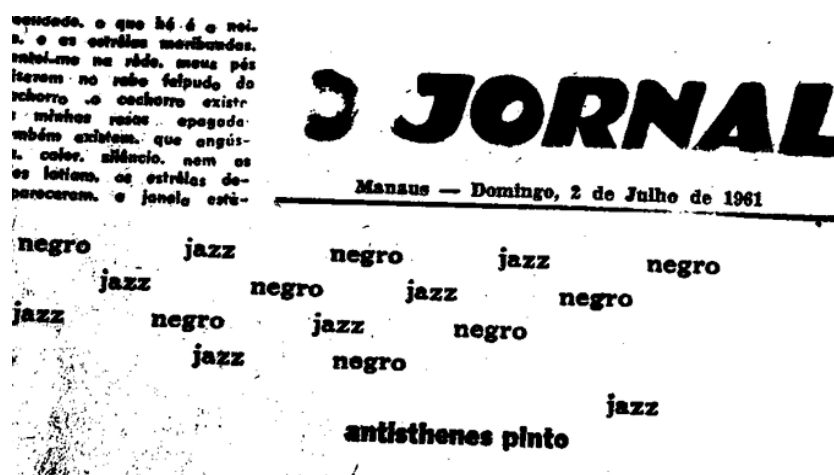
²⁸⁶ Ezra Pound foi um poeta, tradutor e crítico literário de prestígio nos estudos literários e posicionado na escola anglo-americana. Ele contribuiu de maneira significativa na promoção e lançamento de escritores como T.S.Eliot e James Joyce. No entanto, cabe aqui destacar, para não esquecer, que Pound apoiou abertamente o fascismo italiano de Mussolini no contexto da Segunda Guerra Mundial. Ver mais em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/diversos/labirintos-do-fascismo.pdf> Ver o texto teórico, nos estudos literários, dele: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/rogerioalmeida/teoria-da-poesia/Pound_Ezra_ABC_da_literatura.pdf/view

[...] trazemos hoje a lume a introdução ao livro CANTARES²⁸⁷, de autoria de Ezra Pound, traduzido pelos irmãos Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari [...] traduzidos numa hora em que os textos estrangeiros serviam para consolidar o movimento concretista iniciado – em 1956 – no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil²⁸⁸.

Partindo da premissa de que essa seção corresponde a um público que, no Brasil dos anos 1950 e 1960, era branco, escolarizado, com acesso a uma cultura letrada, é válido alertarmos para a reflexão que a “A poesia e seus mestres” não estava em sua gênese na autoria negra, por parte do que o Clube, já consolidado em Manaus como um movimento literário e cultural que trouxe rupturas; assim, o Clube, ao propor um modelo de leitura alinhado à racionalidade moderna ocidental, ajudou também a construir um modelo de leitor e, conseqüentemente, invisibilizar todos os que não se enquadravam nesse perfil. Em outras palavras, se de um lado não havia espaço para a autoria negra; de outro, havia exaltação da branquitude universalizada (os escritores).

Prosseguindo nas observações, o Suplemento de 1961, encontramos na edição de 3 de julho, a publicação de um poema com elementos da poesia concreta²⁸⁹, assinado pelo clubista e poeta Antísthenes Pinto, no qual faz uma experiência visual da disposição do espaço das palavras para sugerir uma mensagem, como também evocar uma imagem textual, conforme pode ser observado a seguir:

Imagem 15 – Poema de Antísthenes Pinto



²⁸⁷ Ver os cantos e o texto de Ezra Pound em: <https://archive.org/details/pound-ezra.-cantos-ocr-2018>

²⁸⁸ O *Jornal*. Correspondência. Suplemento Madrugada, 13 de maio de 1962.

²⁸⁹ A fim de se aprofundar a respeito da poesia concreta, ver: <https://monoskop.org/images/f/fb/Poesia-concreta-colecao-literatura-comentada-1982.pdf>

Fonte: *O Jornal*. Suplemento Madrugada. 3 de julho de 1961. Acervo Pessoal.

O texto de Pinto evoca a uma expressão cultural afro-americana dos anos 1950-60 e, conseqüentemente, sinaliza para um deslocamento de entendimento da subjetividade criativa de negros na América, protagonizando assim sujeitos que, por uma tradição oriunda de uma cultura elitista, excluía ou invisibilizava tais expressões.

Em outras palavras, se considerarmos que o jazz²⁹⁰ teve relação com um momento histórico de repressão e resistência de grupos afro-americanos no final do século XIX e início do XX, apreendemos que o poema de Antísthenes “encena”-expressa, visualmente, essa insurgência negra norte-americana da metade do século XX. Aqui, percebemos, com maior clareza o seguinte: o Clube evoca o negro na ficção, mas não há esse escritor negro clubista.

Além do padrão que mencionamos ou comentamos, interpretamos elementos presentes e publicados no Suplemento, convém ainda discorrer que o Clube da Madrugada também iria buscar se consolidar em Manaus como um movimento que exerceria uma crítica literária. Nesse intuito, publiciza e torna público um diálogo com outros críticos literários e culturais do Brasil da época, como Afrânio Coutinho.

Trata-se da seção “Bilhete ao leitor”, presente na edição do “Suplemento Madrugada” de 11 de fevereiro de 1962, no qual o editorial procura realizar um comentário do comentário de Afrânio Coutinho a respeito do *Anuario da Literatura Brasileira*, nº 2²⁹¹, apontamentos realizados sobre um congresso de Crítica e História da Literatura realizado na primeira metade do século XX, em Recife.

²⁹⁰ No intuito de explorar melhor sobre a questão do jazz e a cultura afro-americana, ver: PIRES, Ricardo Annanias. **A tradição oral africana e as raízes do jazz**. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/uploads/Banco%20de%20Teses/a-tradicao-oral-africana-e-as-raizes-do-jazz.pdf>

²⁹¹ Anuario publicado em 1937, ver em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=158550&pagfis=1> Anuario publicado em 1938, ver em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=158550&pagfis=326> Anuário publicado em 1939, ver em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=158550&pagfis=716> Anuario publicado em 1940, ver em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=158550&pagfis=1243> Anuario publicado em 1941, ver em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=158550&pagfis=1661> Anuario publicado em 1942, ver em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=158550&pagfis=2057> Anuario publicado em 1942, ver em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=158550&pagfis=2309>

Congresso teve como propósito realizar um balanço da produção literária nacional daquele período e, após ser entendido e visualizado os avanços, enfatiza uma mudança:

Daí vinham então os diletantes, os boêmios de que ficaram cheias as nossas letras em um certo período de nossa história, em que o poeta era apenas um sujeito curioso e simpático, que vivia espalhando espiroosidades pelas esquias, nas redações dos jornais e nos salões onde se realizavam os saraus e as incríveis sessões litero-musicais. O Cronista ou o romancista eram também outros tipos “esquisitos” revestidos de atitudes excêntricas e insólitas, e isto, se desejassem que seus escritos fossem lidos e admirados por um público mal informado²⁹².

Nesse trecho, observamos que o Clube da Madrugada constrói uma ideia de imagem quase caricatural da literatura ou da cultura letrada que era produzida em Manaus em período anterior ao surgimento do grupo, isto é, em 1954. Nessa construção, enfatiza que havia o improviso, a informalidade.

Como consequência, evoca um discurso em que se privilegiava agora um escritor com acesso a erudição, escolarizado – um perfil interpretado por mim como modelo defendido em todas as publicações observadas do “Suplemento Madrugada”. Não à toa, o cenário anterior era habitado por sujeitos nomeados como “esquisitos”, “excêntricos” e o seu respectivo leitor era um “público mal informado²⁹³”. Decorre disso que não se trata de uma crítica literária em si por parte do Clube da Madrugada, mas uma crítica de classe, de gosto de um perfil de literatura ou do que se considera como literatura e em discussão em Manaus ao longo da década de 1960.

Nesse cenário, considerando ainda que o debate sobre a cultura letrada e, consequentemente, literária, da época estava centrado em uma demanda de um escritor que apresentasse técnica, talento, e posicionamento político, haja vista as demandas da Guerra Fria, desenvolvimento industrial de Manaus, articulações políticas que estavam alinhados à manutenção de um interesse operariado ou empresarial. Em suma, o editorial, por meio da seção “Bilhete ao Leitor”, delimita o que é válido e o que não é. Define o que é “arte” e o que é “improviso”. Quem é o escritor e quem é o “curioso”. Quem é o leitor legítimo e quem é “mal informado”.

²⁹² *O Jornal*. Correspondência. Suplemento Madrugada, 11 de fevereiro de 1962.

²⁹³ *O Jornal*. Correspondência. Suplemento Madrugada, 11 de fevereiro de 1962.

Diante dessas observações, interpretamos que o Clube da Madrugada ainda apresentava um projeto de Modernidade que chamaremos de seletiva, embora contribuísse de maneira significativa para renovação estética e estilística e produção cultural em Manaus, na primeira metade do século XX.

Obviamente isto não o desmerece; no entanto, como produto de seu tempo, é notório que o acesso à escritores negros ainda era algo limitado para época em Manaus, habitado por autores brancos, ou mesmo ribeirinhos e que passariam a se relacionar com outros grupos, tradicionais e hegemônicos, na rede de mobilidade da cultura letrada local. Nisso, ainda que o Clube tenha rompido com o conservadorismo, mas a episteme – que é racial, demandaria outras dinâmicas, o que só poderia ser alcançado a partir do final da década de 1980, haja vista o mergulho do Brasil em uma página triste de sua história republicana: a Ditadura Militar.

A partir desses elementos, podemos observar no Clube da Madrugada como as hierarquias e padrões de exclusão racial e epistêmica se manifestaram ao longo do tempo, afetando tanto a legitimação de escritores quanto a estruturação de novos espaços literários no Amazonas. A ausência de escritores negros no Clube, discutida mais detidamente no Capítulo 3, reforçou que o espaço da literatura no Amazonas ainda estava circunscrito a elites intelectuais que reproduziam paradigmas eurocêntricos.

Por outro lado, a produção literária do Clube serviu de base para um conjunto de escritores que passaram a incorporar temas amazônicos com maior complexidade. Autores como Elson Farias e Jorge Tufic, por exemplo, ampliaram a visibilidade do regionalismo literário, ainda que dentro de um circuito editorial restrito a determinados grupos sociais. Nesse sentido, a existência da revista *Madrugada*, como também do “Suplemento Madrugada (1961-1962)”, demonstrou que o grupo buscou abrir espaço para novos talentos e promover debates literários mais diversificados.

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E DECOLONIAIS

Ao interpretar uma parte da história do Clube da Madrugada, em especial, sob a perspectiva do pensamento decolonial, significa, entre outras coisas, apreender dinâmicas de emancipação e permanência.

No primeiro caso, um projeto de modernidade para a cultura em Manaus, em meados dos anos 1950, diante de um cenário de estagnação e forte tradicionalismo, enraizados em expressões e visões de mundo oriundos da Europa. No segundo, a Modernidade não significou o desprendimento de epistemes que naturalizam o silenciamento, ou mesmo, a invisibilidade, se considerarmos a produção e autoria de literatura de escritores-sujeitos afrodescendentes na capital manauara.

Em outras palavras, em geral, interpretamos que o desejo de ruptura e manutenção das hierarquias coloniais do conhecimento, das relações culturais, constituem o eixo que nos permitiu apreender o Clube da Madrugada não apenas como um episódio da história da literatura que se produziu no Amazonas, em particular em Manaus (1950-1960), mas um microcosmo da modernidade-colonialidade na região.

A atuação desses escritores, como um coletivo literário, não pode ser dissociada das transformações sociais, econômicas e simbólicas que atravessavam Manaus naquele período, ou seja, um lugar que buscava se reposicionar, visualizando no Clube um agente que iria propor uma “revolução intelectual”, capaz de propor outras dinâmicas socioculturais em um ambiente de estagnação cultural.

Essa premissa, visível nas publicações da revista *Madrugada* (1955), como também nas edições de 1961 e 1962, no *Suplemento Madrugada*, revelou uma expressão de uma época em que Manaus estava entre o que chamaremos de “regimes da modernidade”: o extrativista em declínio e o urbano-industrial em formação. Isto é, o Clube da Madrugada surgiu em 1954 em um momento de transição estrutural de Manaus, no qual a cidade buscava redefinir o seu lugar ou posição dentro projeto nacional de desenvolvimento econômico, como o observado nas políticas de governo de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Era o momento de reconstrução do colapso da economia da borracha, ainda do início do século XX.

Dessa maneira, no capítulo primeiro, intitulado: “Tecendo diálogos: o pensamento decolonial na relação História e Literatura”, o extrativista em declínio legou uma estrutura social marcada por desigualdades sociais, raciais e regionais

internas rígidas, as quais, sob a perspectiva decolonial, significou na atuação da colonialidade do poder, saber, ser e das relações culturais.

Como resultado, estabeleceu-se uma elite local branca, instruída, urbana que controlava os espaços de poder e fala, em especial quanto ao que era reconhecido ou aceito como cultura, subalternizando saberes e expressões de grupo-povos e minorias, como: ribeirinhos, afrodescendentes e indígenas. Desse modo, a história de Manaus vista sob a perspectiva histórica-decolonial revelou que o grupo integrou uma estrutura de poder que realizou, não de maneira intencional, os silêncios para afrodescendentes, cuja tradição cultural se dá pela oralidade, cujos elementos não se fizeram presentes na produção clubista. O silêncio, aliás, não é o que falta; mas o que resiste, porque mesmo não havendo a oralidade nas narrativas, mas a presença do sujeito negro nos textos de boa parte daqueles escritores.

Tendo observado esse cenário, houve um duplo movimento de atuação do Clube da Madrugada: a ruptura com elementos da cultura tradicional das primeiras décadas do século XX, como também o deslocamento para a fronteira do silêncio, que é a resistência ao silêncio que apaga. Este último aspecto nos revelou a impossibilidade total do projeto de modernidade do Clube diante das estruturas rígidas (de natureza epistêmica) presentes em Manaus (1950-1960).

Nisso, visualizamos uma escrita de insurgência que nos leva à colonialidades, na literatura de autores como Carlos Gomes e Francisco Vasconcelos, cuja produção esteve em nível de tema e espaço no lugar do branco que pertencia a posições de privilégio ou privilégio relativo daquela sociedade; a enunciação não alcançou o sujeito negro.

Prosseguindo, no capítulo dois, intitulado: “O Clube da Madrugada e a desobediência epistêmica literária (1950-1960)”, a crítica decolonial que realizamos, a partir de documentos como: “O menino e a lei”, de Francisco Vasconcelos²⁹⁴; em Arthur Engrácio²⁹⁵, na narrativa: João Pretinho; nas impressões de mundo e de Manaus (década de 1940-50) sob a visão de Alencar e Silva²⁹⁶; na revista nº 9, da

²⁹⁴VASCONCELOS, Francisco. **O palhaço e a rosa**. 4ª ed. Manaus: Editora Valer, 2010. Trabalharemos esse texto em dois momentos, para compreensões diferentes. Neste e no outro capítulo, o terceiro.

²⁹⁵ENGRÁCIO, Arthur. **20 Contos Amazônicos**. Edições Puxirum, 1896.

²⁹⁶SILVA, Alencar e. Prelucidação. In: SILVA, Alencar e. **Quadros da moderna poesia amazonense**. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2011. (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca. V.6)

Academia Amazonense de Letras, notícias publicadas no *Jornal do Commercio*²⁹⁷ (ao longo da década de 1950-60) e as imagens de Manaus (1950-1970) disponíveis no acervo do Instituto Durango Duarte²⁹⁸, revelaram que uma face do Clube da Madrugada como o agente de renovação daquela transição mencionada, de natureza intelectual, por meio de manifestos, crônicas, depoimentos, tudo alinhado ao horizonte de expectativa do homem moderno e ocidental da segunda metade do século XX. Logo, o que não estivesse alinhado a uma visão euro-USA-cêntrica de mundo, foi considerado pelos clubistas como “atraso” quanto às dinâmicas culturais literárias produzidas e expressas em Manaus. Em suma, interpretamos nesse aspecto uma modernidade que visava negar o passado extrativista da região.

Dito de outra maneira, em documentos como: o Estatuto do Clube, publicado no *Diário Oficial do Estado do Amazonas* em 1961, e artigos jornalísticos do *Jornal Diário do Amazonas* (1961-1966), ou ainda, na *A Gazeta* (1961), *Jornal do Commercio* (1958 e 1967), a revista *Madrugada* (1955), relatos de clubistas em entrevistas concedidas e documentadas no *Youtube*²⁹⁹. como Arthur Engrácio, Luiz Bacellar, Antísthenes Pinto e Anísio Mello; ou ainda, em narrativas de Engrácio e Francisco Vasconcelos, visualizamos a presença de personagens que figuram como o trabalhador urbano e periférico, ou ainda, o ribeirinho, o menino pobre urbano, os quais representam a expressão de uma visão de homens e sujeitos-grupos e minorias que foram subalternizados pela lógica urbana-moderna, naquele período, por um capitalismo liberal.

Com base nessa percepção, observamos que boa parte da produção do Clube da Madrugada não protagonizou as vozes dos subalternos, ecoou vozes de terceiros sobre eles, ou seja, não os evidenciou como agentes históricos de seu tempo, mas os posicionou como resquícios do extrativista em declínio.

Aliás, na questão do urbano, vale destacar que apreendemos que houve, nas redes de sociabilidades, reuniões para pautas de publicações e organizações dos eventos dos clubistas, em maioria ocorrido na Praça Heliodoro Balbi, no Café do Pina,

²⁹⁷JORNAL DO COMMERCIO. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pagfis=0. Acesso em: 13 set. 2022.

²⁹⁸INSTITUTO DURANGO DUARTE. **Manaus, 1950-1960**. Disponível em: <<https://idd.org.br/>>. Acesso em: 13 set. 2024.

²⁹⁹Canal do artista plástico Anibal Turenko que disponibiliza na internet, no canal do Youtube, entrevistas-documentários curtos (3 a 10 minutos), por ele realizado, com vários escritores do Clube da Madrugada. Ver em: <https://www.youtube.com/@anibalturenko1325>

o estabelecimento e consolidação do que chamaremos de “regime de visibilidade da literatura” em Manaus, nas décadas de 1950 e 1960. O que estivesse fora dessa zona de construção da cultura literária local seria ou estava no invisível, lugar em que posicionamento o sujeito afrodescendente manauara, a partir de dinâmicas socioeconômicas da cidade percebidas nas décadas de 1940 a 1960.

Por sua vez, nas entrevistas que eles concederam, seja para José Vicente³⁰⁰, ou para o Aníbal Turenko³⁰¹, Anibal Mello, o presidente fundador do grupo, apresentou aquela geração e o Clube como agentes de uma “revolução intelectual”. Luiz Bacellar os chamou de “mocidade”, vinculando um novo imaginário social compartilhado à ideia de progresso e conhecimento da técnica literária. Jorge Tufic evoca a necessidade pelo reconhecimento do saber amazônico que, como sabemos, pelos apontamentos de Patrícia Sampaio Melo, não é somente indígena, mas também afrodescendente.

Diante desse contexto, é coerente afirmar que a revista *Madrugada* (1955) e o *Suplemento Madrugada* (1961-1962), não circulava entre operários ou trabalhadores dos setores de serviços ou comércio, mas entre professores, jornalistas e outros sujeitos considerados intelectuais por uma sociedade que transitava no regime de visibilidade. Em outros termos, o Clube da Madrugada exerceu também a função de tradutor do “entre mundos”: o desejo de modernidade de uma elite letrada em linguagem literária e a intencionalidade da construção de um imaginário amazônico alinhado ao padrão epistêmico da segunda metade do século XX.

Não à toa, no capítulo quarto, intitulado: “Continuidades e rupturas a partir do Clube da Madrugada”, a investigação apresentou parte de uma produção clubistas, que não foi literária, mas de opinião e posicionamento de mundo, como o observado no texto: “Novos Caminhos Econômicos – JUTA: Novo Fator de Desenvolvimento”. O segundo, “Seu primeiro ano de existência – antes um sonho, hoje uma realidade preocupada – atividades realizadas e a realizar – 22 de novembro uma data inesquecível”, todos presentes na edição de 1955 da revista *Madrugada*³⁰², o que

³⁰⁰AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus**: praça, colégio e cinema nos anos 1950 e 1960. Manaus: Valer, 2020.

³⁰¹Canal do artista plástico Anibal Turenko que disponibiliza na internet, no canal do Youtube, entrevistas-documentários curtos (3 a 10 minutos), por ele realizado, com vários escritores do Clube da Madrugada. Ver em: <https://www.youtube.com/@anibalturenko1325>

³⁰²REVISTA MADRUGADA. **Juta**: novo fator de desenvolvimento. Madrugada: publicação do Clube da Madrugada, Manaus, ano I, n. 1, p. 17, nov. 1955.

evidenciou a forma como a modernidade era pensada: de fora para dentro. Isto é, o progresso viria pela atração de capitais oriundos do Sudeste-Sul. Houve, então, uma modernidade periférica para sujeitos-povos-minorias amazônicos subalternos, no qual os posicionou no território do invisível.

Entendemos que a colonialidade, por meio dessas dinâmicas, sustentou-se e atuou na exclusão racial, na desigualdade do acesso ao saber, na ausência intencional do reconhecimento da expressão cultural da autoria afrodescendente, tudo simbolicamente marcado na imprensa local, ou seja: nos anos 1950 o comércio fluvial (a cidade flutuante), as feiras, a sociabilidade das ruas (as brincadeiras de boi bumbá) eram o contraponto que deveria ser invisibilizado diante das novidades, estas percebidas em: chegada do rádio, da bossa nova, cinema, a cultura de massa.

Visualizamos, então, uma tensão que, fundamentada na argumentação de Maldonado Torres (2011), esclarece-nos ser na representação e no silêncio que reconhecemos uma colonialidade da estética, ou melhor, há um controle sobre o que pode ser visto, ouvido e reconhecido. No caso do Clube da Madrugada, o projeto de modernidade ajudava na manutenção desses mecanismos de regulação.

Nesse sentido, o Clube da Madrugada foi tanto uma tentativa de democratização das letras em Manaus (1950-1960), como também um mecanismo de reordenação das hierarquias intelectuais na cidade. Isto é, ao reivindicar o papel de vanguarda, o grupo se posicionava como mediador entre a tradição e o futuro, entre o local e o nacional, entre o atraso e o progresso, e é justamente nesse espaço de mediação que a colonialidade se reconfigura, não como resquício, mas como força ativa.

Desse modo, a ausência de escritores negros no Clube deve ser apreendida como um sintoma, e não uma casualidade, haja vista que é expressão direta da colonialidade do saber, que define quem tem o direito de produzir o discurso legítimo, ou reconhecido de forma oficial pela sociedade como literário, enunciação de identidade local. Diante dessa premissa, entendemos o uso da expressão, por parte dos clubistas, assim por eles automeado: “Mocidade contemporânea”, presente na revista *Madrugada* (1955), como expressão social de privilégio de uma insurgência, ainda que somente estética.

REFERÊNCIAS

FONTES

A CRÍTICA. **Os 99 anos**. Manaus, 10 jul. 1983.

A CRÍTICA; FARIAS, Elaize; GABRIELLY, Anne. **Morre aos 84 anos o poeta amazonense Luiz Bacellar**. Manaus, 10 set. 2012. Disponível em: <https://www.acritica.com/entretenimento/morre-aos-84-anos-o-poeta-amazonense-luiz-bacellar-1.124852>.

A GAZETA. **A Cidade em Foto**. 12 de março de 1964. In: INSTITUTO DURANGO DUARTE. Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/a-cidade-prima-pobre-da-outra-a-flutuante-aguarda-a-cheia-do-rio/#primary>

AMAZONAS. DIÁRIO OFICIAL. Estatutos do Clube da Madrugada. In: DIÁRIO OFICIAL. **Publicações Diversas**. 4ª feira, 20 de dezembro de 1961.

AMAZONAS. *Diário da Imprensa Oficial*. Manaus, 14 fev. 1963, p. 4

ARQUIVO DA IMPRENSA DO ESTADO DO AMAZONAS. **Estatuto do Clube da Madrugada**. 4ª feira, 20 de novembro de 1961, p. 3. Disponível em: <https://diario.imprensaoficial.am.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1818#/p:3/e:1818?find=clube%20da%20madrugada>

BLOG DO CORONEL ROBERTO – Cantando Letras & escrevendo histórias. **Sebastião Norões, Delegado**. 22 de setembro de 2013. Disponível em: <https://catadordepapeis.blogspot.com/2013/09/sebastiao-noro-es-delegado.html>

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Requerimento Interno do Senado**: Dados Biográficos de Francisco Marques de Vasconcelos Filho. Sala das Sessões, 27 de setembro de 2011. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=1567887&disposition=inline>

BRASIL. Presidência da República – Casa Civil: Subchefia para assuntos jurídicos. **Decreto-Lei Nº288 de 28 de fevereiro de 1967**. Altera as disposições da Lei número 3.173 de 6 de junho de 1957 e regula a Zona Franca de Manaus. Brasília, 1967. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0288.htm

CORRÊA, Lima. Acervo fotográfico: Eduardo Braga. In: Instituto Durango Duarte. Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/igarape-de-sao-raimundo-desaguando-no-rio-negro/#primary>

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS. Publicações Diversas. **Estatutos do Clube da Madrugada**. 4ª feira, 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <https://diario.imprensaoficial.am.gov.br/portal/visualizacoes/pdf/1818#/p:3/e:1818?find=clube%20da%20madrugada>

DURANGO DUARTE. **Manaus entre o passado e o presente:** vista aérea de Manaus na década de 1960. Instituto Durango Duarte, 2009. 296p Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/vista-aerea-de-manaus-na-decada-de-1960/#primary>

ENGRÁCIO, Arthur. **Histórias de submundo.** 2ª ed. Manaus: Valer; Edua; Governo do Estado; Uninorte, 2005.

ENGRÁCIO, Arthur **20 Contos Amazônicos.** Manaus: Edições Puxirum, 1986.

FARIAS, Elson. **Memórias Literárias.** Manaus: Editora Valer: Uninorte, 2006.

GOMES, Carlos. **Mundo, mundo, vasto mundo.** 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2005.

INSTITUTO DURANGO DUARTE (IDD). **A Cidade em Foto** (A Gazeta, 12 mar. 1964) e acervos correlatos. Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/a-cidade-prima-pobre-da-outra-a-flutuante-aguarda-a-cheia-do-rio/>

ISER – PROGRAMA RELIGIÃO E NEGRITUDE BRASILEIRA. **Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil.** [S.l.: s.n.], 1988.

JORNAL DO COMMERCIO. **Magazine (Segunda seção). Poema “Libertinagem”.** 15 de janeiro de 1950. p.4 Disponível em: Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 - DocReader Web (bn.br)

JORNAL DO COMMERCIO. **Obras titânicas desenvolvidas pelo Serviço Rodoviário.** 15 de janeiro de 1950. p.5 Disponível em: Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 - DocReader Web (bn.br)

JORNAL DO COMMERCIO. **Obras titânicas desenvolvidas pelo Serviço Rodoviário.** 15 de janeiro de 1950. p.5 Disponível em: Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 - DocReader Web (bn.br)

JORNAL DO COMMERCIO. **Magazine (Segunda seção). Poema: “Libertinagem”.** 15 de janeiro de 1950. p.4 Disponível em: Jornal do Commercio (AM) - 1905 a 1979 - DocReader Web (bn.br)

JORNAL DO COMMERCIO. **Capa:** Minha rua; Descarnando a vida. Domingo, 1 de janeiro de 1956. p.5 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=170054_01&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=55939

O JORNAL. **Suplemento Madrugada** (1961–1962). Manaus, em especial 23 abr. 1961.

MIRANDA, Antonio. **Anísio Mello (verbete/galeria).** [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/amazonas/anisio_mello.html

PINTO, Zemaria. **Tribuna acadêmica (2004-2019):** discursos, palestra, apresentações. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2022.

PINHEIRO, Padre Nonato. **Do conceito de cultura**. *O Jornal*, 3 de fevereiro, 1961.

OLIVEIRA, Bento de. **Teia de Aranha**. *Diário da Tarde*, Manaus, 23 maio 1960, p. 3

REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A CONDIÇÃO DO NEGRO NO BRASIL [RECURSO ELETRÔNICO]. Coordenadores: Raphael Cavalcante e Clarissa Estrêla. Organizadores: Jair Ferreira e Simone Sukanuma. Colaboradores: Priscilla Arruda... *et al.* Reimpressão. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018, p. 9 Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/34741/Repert%C3%B3rio%20bibliogr%C3%A1fico%20sobre%20a%20condi%C3%A7%C3%A3o%20do%20negro%20no%20Brasil-1ed%20reimp.pdf?sequence=19&isAllowed=y>

REVISTA MADRUGADA. **Madrugada**: publicação do Clube da Madrugada, Manaus, ano I, n. 1, p. 17, nov. 1955.

REVISTA MANCHETE. **Amazônia, aqui começa a segunda descoberta do Brasil**. N.812, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1967. 54p. Disponível em: <https://idd.org.br/reportagens/amazonia-evolucao-dos-estados/#primary>

REVISTA MANCHETE. **O novo Amazonas, explorando os seus recursos**: a vitoriosa luta contra o subdesenvolvimento. N.503, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1961. 2-6p disponível em: <https://idd.org.br/reportagens/o-novo-amazonas-explorando-seus-recursos/#primary>

REVISTA MANCHETE. **Amazonas, vida nova**. Edição 683. 22 de maio de 1965, p. 65-66 Disponível: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=63275>

REVISTA MANCHETE. 27 de fevereiro de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=6265>

REVISTA MANCHETE, edição 163, 4 de junho de 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=10649>

TURENKO, Aníbal (canal). Entrevistas com clubistas (Antísthenes Pinto; Anísio Mello; etc.). YouTube, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@anibalturenko1325>

VASCONCELOS, Francisco Vasconcelos. **O palhaço e a rosa**. 4^o ed. Manaus: Valer, 2010.

VASCONCELOS, Francisco. **Regime das águas**. 5^a ed. Manaus: Valer, 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus**: praça, café, colégio e cinema nos anos 1950 e 1960. 2^a ed. Manaus: Valer, 2020.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nordestino, uma invenção do falo, uma história do gênero masculino (Nordeste 1920 1940)**. Maceió: Catavento, 2003.

ALEIXO, Marcos Frederico Kruger. **A sensibilidade dos punhais**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2007.

ALEIXO, Marcos Frederico Kruger. **Introdução à poesia no Amazonas**: com apresentação de autores e textos. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

AMARAL, I. do. Luanda e seu 'Muceques': problemas de geografia urbana. **Fininsterra**. n. 36. Lisboa, 1983.

BARBOSA, Iris de Fátima. **Versos modernos...A paisagem amazônica no imaginário poético de Adalcinda Camarão**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/4684/4/Dissertacao_VersosModernosPaisagem.pdf

BARROS, José D'Assunção. História e Literatura – novas relações para os novos tempos. **Revista de Artes e Humanidades**, n.6, mai-out, 2010. Disponível em: https://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf Acesso em 07 de abr 2023.

BARROS, José D'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2020.

BARROS, José D'Assunção. Sociedade, Autoria e Identidades. *In*: BARROS, José D'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2020.

BARROS, José D'Assunção. Novas Interdisciplinaridades. *In*: BARROS, José D'Assunção. **Seis desafios para a Historiografia do Novo Milênio**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. *In*: FERREIRA, Norberto (Org). **A questão nacional e a tradição nacional-estatística no Brasil, América Latina e África**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia**: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, 2002.

CASTRO, Ferreira de. **A selva**. 10ª ed. Lisboa: Editora Cavalo de Ferro, 2007, p. 17

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. **Teorias sin disciplina**: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. Ciudad de México: Ed. Miguel Ángel Porrúa, 1998.

CERTEAU, Michel. **O lugar do outro: história religiosa mística**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2021.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural – entre prática e representações**. Rio de Janeiro: Memórias e Sociedade, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v.11, n.5, 1991, p.175

COELHO, João Paulo Borges. “Escrita Acadêmica, Escrita Literária.” *In*: RIBEIRO, Margarida Calafete; MENESES, Maria Paula. **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p.232

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. 4ª ed. São Paulo: Martins, 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v.6, n.2, p.146-153, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/download/16787/10936/>

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e Eurocentrismo**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

DUSSEL, Enrique. **1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferência de Frankfurt**. Petrópolis: R: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Magno Nunes; FALEIRO, Wender. Educação dos povos do campo no Brasil: colonialidade/modernidade e urbanocentrismo. **EDUR – Educação em Revista**, v.36, e216229, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/HpB7MxF4yq7tY3zXtdxrzRt/?format=pdf>

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luíz Felipe Baeta Neves. Terceira edição brasileira, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

GUIMARÃES, Rogério da Silva. **Musseques de Luanda: Duplos olhares**. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

GUIMARÃES, Rogério da Silva. **As vulnerabilidades nos musseques luandenses na década de 1960**. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO. Memória e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Periferia**, v.1, n.2, jul/dez, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3428/0>

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

GROSFOGUEL, Ramón; BERNADINO-COSTA, Joase. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n.31, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?lang=pt&format=pdf>

GROSFOGUEL, Ramón. A complexa relação entre modernidade e capitalismo: uma visão descolonial. **Revista X**, v.16, n.1, .6-23, 2021.

JAPIAÚSSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

LACERDA, F G. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). vol.26 n.51 **Revista Brasileira de História**, 2006.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002. Trad. Maria Sophia Zanatto.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas, 2013.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIGNOLO, Walter. Uma outra língua – mapas da linguística, geografias literárias, paisagens culturais. *In*: MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamentos liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020, p. 292

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: MIGNOLO, Walter. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista X**, v.16, n.1, p. 24-53, 2021.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, v.32, n.94, 2017.

MIGNOLO, Walter. A língua, a letra, o território (ou a crise dos estudos literários coloniais). Tradução. Tatiana Capaverde. **Dispositio**, University of Michigan, v.11, n.28/29, p.137-160, 1986. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41491294>

MIGNOLO, Walter D. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. **Revista Lusófona de Educação**, 48, 2020. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/7324/4329>

NASCIMENTO, Washington Santos. **Gentes do Mato**: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961). Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2013.

NOGUEIRA, Sheila Lima. **Repensando a aula de História**: decolonialidade, resistência e protagonismo. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

PAIÃO, Caio Giulliano de Souza. A navegação a vapor na Amazônia, uma luta pela memória. *In*: **Lugares dos historiadores**: velhos e novos desafios. XXVIII Simpósio Nacional de História. 27 a 31 de julho de 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha-nova história. *In*: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org). **História e Literatura**: Identidades e Fronteiras. Uberlândia: EDUF, 2006.

PÓVOA, Neto Hélio. Migrações internas e mobilidades do trabalho no Brasil atual: novos desafios de análises. *In*: HEIDEMANN2, Heinz Dieter; SILVA, Sidney Antônio. (Orgs) **Migração**: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo: Humanitas, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and modernity/rationality”. **Cultural Studies**, v.21, n.2-3, p. 22-32. 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 6ª ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. Manaus: Valer, 2020.

RENHA, Carlos Eugenio Aguiar Pereira de Carvalho. **A Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, a política de desenvolvimento regional e o Amazonas (1953-1966)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História – PPGH. Universidade Federal do Amazonas, 2017.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

RICOEUR, Paul. A representação historiadora. *In*: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, Flávia. **Um feminismo decolonial**. Tradução Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. s/a. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/03/Um-feminismo-decolonial.pdf>

SACAVINO, Susana Beatriz. Interculturalidade e Práticas Pedagógicas: construindo caminhos. **Educação**, v.45, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/38257/pdf>

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Os fios de Ariadne**: fortunas e hierarquias na Amazônia, século XIX. 2ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

SARMENTO, Octávio Sarmiento. **A Uiara & outros poemas**. Organizado e estudo de texto por: Zemaria Pinto. Manaus: Editora Valer, 2007.

SPIVAK, Gayatri C. Estudios de la Subalternidad. *In*: **Estudios postcoloniales**. Ensayos fundamentales, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sanda Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPIVASK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 2ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SOUZA, Leno José Barata. **Cidade Flutuante**: uma Manaus sobre as águas (1920-1967). Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010, p. 80

SOUZA, Márcio. Do imperialismo ao neocolonialismo. *In*: SOUZA, Márcio. **Expressão Amazonense**. 3ª ed. Manaus: Valer, 2010, p. 173

TELLES, Tenório. **Clube da Madrugada**. Manaus: Editora, 2014.

TELLES, Tenório; GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de Literatura do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2023.

THEÓPHILO, Rodolfo. **História da seca no Ceará 1877-1880**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

TORRES, Nelson-Maldonado. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.80, p.71-111, 2008.

VIEIRA. José Luandino. **A cidade e a infância**. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 2014. Coleção Autores Ultramarinos.

VIEIRA, José Luandino. **Luuanda**: estórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VIEIRA, José Luandino. **Nosso musseque**. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundais. *In*: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org). **Teoria social hoje**. São Paulo: ed: UNESP, 1999. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4239107/mod_resource/content/0/WALLERSTEIN%2C_I._An%C3%A1lise_dos_sistemas_mundiais%20%281%29.pdf